



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à extração do primeiro barril de óleo na camada pré-sal do Campo de Tupi

Rio de Janeiro – RJ, 1º de maio de 2009

Se o José Sergio Gabrielli não se incomodar... Ele foi muito mão-de-vaca. O cara só me trouxe este tiquinho de petróleo. Não é possível. Como eu sei que tem mais barrilzinho desses lá, Zé, e você vai me dar um mais cheio do que este aqui, eu gostaria, companheiro José Alencar, que você pudesse colocar este barrilzinho no lugar mais carinhoso da sua casa. Obviamente, não vai colocar na cama, mas próximo, este barril de petróleo. Eu acho que você merece ter este troféu, que é o troféu de uma nova era na vida da Petrobras e na vida do nosso país. Portanto, este presente é seu!

Vejam o que vai acontecer daqui para a frente. A Petrobras, carinhosamente, vai ter que fazer uma centena destes barrizinhos de petróleo, porque a cada viagem internacional que eu fizer ou cada autoridade que eu receber aqui no Brasil, eu darei de regalo um barrilzinho de petróleo, simbolizando o pré-sal. Não queira, por conta disso, cobrar do governo.

Mas, companheiros e companheiras, eu peço desculpas a vocês por passar por cima da minha nominata, porque todos aqui já falaram o nome de todos.

Eu, na verdade, imaginava que o dia de hoje seria um dia de uma festa muito grande. Primeiro, nós sonhávamos que o porta-aviões brasileiro pudesse levar um conjunto de personalidades, do mais simples brasileiro até o mais graduado brasileiro, para que a gente pudesse estar próximo à Plataforma e ver este petróleo ser tirado. Não foi possível, porque o nosso porta-aviões estava em manutenção. Depois, país pobre é assim, a gente vive remendando as coisas. Depois eu imaginei que... Sugeri ao José Sergio Gabrielli que



conversasse com os sócios da Petrobras, para que a gente pudesse alugar um desses navios que transitam com turistas para cima e para baixo, que pudesse levar a gente até lá e, depois, não deveria ser muito caro. Também, nada é caro para a Petrobras pagar o (inaudível), nada é caro. Mas, também, os navios já estavam todos no Caribe, porque começa a temporada no Caribe, e nós ficamos sem navio. Essa é uma parte da verdade, a outra é sovinice. Eles são sovins que nem o diabo. Não quiseram gastar dinheiro, esta é a verdade. Então, vieram com o argumento de que não tinha mais navio para alugar.

Depois, eu tomei a decisão de ir no navio que nós compramos para ir para a Antártica. Eu fui à Antártica no ano passado, cheguei lá e vi que nosso navio era pequeno. Pedi para que a Marinha comprasse um navio maior, e nós compramos um navio, o dobro do que tem lá, e que vai caber muito mais cientistas. Mesmo assim, não é um grande navio. É um bom navio, mas não é grande. Aí começou a celeuma: eu queria ir de navio até lá. Lá pegava um helicóptero do navio, entrava pela plataforma, perfurar, sair, trazer o óleo e vir embora. Aí começou a celeuma.

Eu recebia quatro relatórios sobre o clima, desde sexta-feira passada, tentando me persuadir a não ir de navio. O médico comprou um pacote de remédio para evitar que a gente vomitasse, e esse remédio contra o vômito, a primeira coisa que a gente vomita é o remédio, a primeira coisa. Aí começaram a dizer que o vento estava 10 nós, 15 nós, 18 nós, 29 nós e que era... “Presidente...” Depois eu disse que ia mesmo, de verdade. Aí disseram que se o navio ficasse balançando assim e estivesse inclinado mais de cinco graus, o helicóptero não poderia passar. Portanto, inventaram tanta coisa, que eu falei, Deus não está querendo que eu vá nesse pré-sal. Deus não está querendo que eu vá, porque senão não inventavam tanta coisa.

Hoje de manhã eu me levantei e disseram: “O tempo vai piorar, o tempo vai piorar”. Eu me levantei pela manhã, e na hora em que abri a janela do meu quarto, eu liguei para o Brigadeiro Joseli: Joseli, cadê a piora do tempo? O sol



está maravilhoso, o mar está tranquilo. Bem, eles foram e eu não fui. Eu hoje sou um homem frustrado, porque eu que dei a idéia de ir lá. Estou há um ano esperando. É como um marido que vai para a igreja (inaudível) da mulher não aparece. Eu me sinto hoje frustrado por não ter ido com vocês lá no pré-sal. Também, foi até bom, porque eu vou noutra vez. Nós vamos ter condições melhores para que eu vá lá.

Esse é um registro que precisava ser feito, porque realmente eu tinha uma vontade imensa de ter ido lá. Eu acho que é um momento histórico para este país. É um momento, eu diria, que nós estávamos precisando vivenciar porque é uma nova era, na verdade. Nós não sabemos ainda tudo o que tem lá embaixo, nós não sabemos o que vamos enfrentar de adversidades para poder explorar esse petróleo, mas, a verdade é que, passando na ressonância magnética, o filho está perfeito, ou seja, não há nenhum problema até agora. Mas, também, o filho tem dor de barriga, tem gripe, tem febre, tem “não sei das quantas”. O probleminha que aparecer lá, nós mandamos o Estrella – que inventou a história de 168 milhões de anos – ir lá embaixo mergulhar. Transformar... Nós temos que fazer um robzinho com a cara do Estrella para descer lá embaixo. Essas coisas são assim, indescritíveis.

Em um belo dia de 2006, eu estou no meu gabinete e me liga o Gabrielli dizendo que precisava ir a Brasília para conversar comigo. Aí, chegam ele e o Estrella. Abriram um mapa na minha frente, [com] uns negócios coloridos, e começaram a falar uns nomes que eu não entendi e não decorei. Começaram a mostrar a separação do continente africano do continente sul-americano, e foram mostrando, foram mostrando, 90 milhões de anos, 70 milhões de anos, 50 milhões de anos... Eu só tenho 60, e já acho que estou velho para “desgrama”. Os caras ficam falando em milhões de anos e queriam que eu entendesse. E falaram: “Aqui tem petróleo. Aqui tem petróleo que está a dois, três, quatro mil metros de profundidade. Você não conta para ninguém, hein? Isso é segredo!” Eu, como de hábito, não contei para ninguém, mas alguns dias



depois, estava no jornal. Como só estávamos eu e os dois, alguém deve ter falado. Eu tenho consciência de que eu não fui.

Nós tomamos, como decisão de governo e da Petrobrás, que a gente não tinha que perder tempo para explorar esse petróleo. Primeiro, porque isso dá uma certa grandeza ao Brasil nas suas negociações bilaterais e multilaterais. Segundo, porque isso coloca o Brasil com uma respeitabilidade maior do que um país que tem pouco petróleo. Terceiro, porque vai garantir que a Petrobras se afirme muito mais como a empresa primeira no mundo a aperfeiçoar a mais importante tecnologia de prospecção de petróleo em águas profundas. Quarto, porque vai permitir que a gente possa discutir, sem nenhuma paixão desvairada, mas discutir com paixão e racionalidade o que nós queremos desse petróleo. Como será a participação dos nossos sócios? Qual a fatia que estará à disposição do povo brasileiro? Isso, nós estamos em uma fase quase final. O ministro Lobão, a ministra Dilma, o ministro Guido Mantega e outras dezenas de companheiros têm a responsabilidade – e não têm muito tempo mais – de me apresentar um novo marco regulatório para a indústria do petróleo no nosso país. E isso é urgente.

Eu não tenho nenhuma paixão de entrar na Opep. Até parece que a Opep não tem o poder que a gente pensa que tem porque, quando o preço aumenta, ela diz que não é ela. Quando baixa, ela diz que não é ela. Então, o que ela pode? O que ela pode, na verdade? O mercado futuro decide mais do que a Opep. É verdade. Eu perguntava para os companheiros produtores de petróleo: por que o petróleo está a US\$ 150 o barril? “Por causa do consumo da China, companheiro”. Agora teve essa crise econômica. A China continua consumindo. Aliás, a China está comprando para o futuro. A China está comprando matéria-prima em toda parte do mundo para estocar, para quando terminar a crise, e o petróleo caiu de 150 para 40. E aí você pergunta: “Agora não é mais a China. Quem é, então?”



Foi a especulação no mercado futuro, junto com o *subprime*, que levou o mundo a essa crise que nós estamos vivendo. A lição que nós tiramos disso é que a riqueza do mundo tem de estar, concomitantemente, ligada à produção de alguma coisa, e não na transferência de papéis via computador, que não gera emprego, que não gera um parafuso, que não gera um papel, que não gera absolutamente nada.

Outra coisa extremamente sagrada com esse petróleo é que nós estamos vendo surgir, ou ressurgir, os brasileiros que acreditam no Brasil. Esse negócio do vira-lata que você falou, companheiro Sérgio Cabral, é a mais pura verdade. Se vocês pegarem os editoriais de jornais importantes na década de 50, dando cacete no Getúlio Vargas e na Petrobras, por conta da Petrobras, é a mesma coisa de a gente estar vendo os discursos dos defensores do Consenso de Washington. É a mesma coisa. É aquele discurso meio fajuto, aquele discurso que fala que o Estado não vale nada. Aquele discurso que fala que trabalhador, funcionário público, todos ganham demais e são marajás. É aquele discurso que fala que pagar o salário do trabalhador é aumentar o gasto. É aquele discurso que fala que o mercado resolve tudo.

Veja como Deus é onipotente! A grande lição da economia do século XXI não foi dada pelo fracasso de nenhum país emergente. Ela foi dada exatamente pelos pós-graduados da economia mundial que sabiam tudo quando a crise era na Bolívia, que sabiam tudo quando a crise era no Brasil, que sabiam tudo quando a crise era na Rússia, mas não sabem nada quando a crise é no quintal deles.

Eu gosto de fazer analogia com a vida real, porque isso acontece na vida de todos nós. O Brasil está virando importante, então eu sou chamado para o G-20, para o G-8, para o G-10, para o G-12, para o G-14. O que tiver de G por aí, o Brasil está sendo chamado.

E o Brasil tem um papel importante. Eu falo sem medo de errar, companheiro José Alencar: hoje a mais importante figura, eu acho que a mais



importante figura da diplomacia mundial é o companheiro Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores deste país, que se faz respeitar pelo que fala, que se faz respeitar pelo que acredita e que se faz respeitar porque entra em uma reunião, não com o nariz empinado, mas com a cabeça erguida, falando em nome da soberania deste país.

Essa coisa é muito sagrada porque... Quando eu participo dessas reuniões, eu fico olhando o que pensam as pessoas. A primeira que eu fui, foi em Evian. Eu tinha cinco meses de governo quando fui convidado para o G-8, em Evian, uma cidadezinha francesa. Eu cheguei lá na reunião, tinha tanto arame farpado em volta da reunião... Eu nunca soube porque o G-8 se reúne tão distante e tão escondido. É uma reunião mais longe do que a outra. E agora nós fizemos o G-20 no centro de Londres e não aconteceu nada. Fizemos a primeira em Washington e não aconteceu nada. O fato de fazer bem longe e escondido fazia parte da liturgia de mostrar que tinha oito presidentes que eram superiores ao restante do mundo. Era, na verdade, uma certa valorização das coisas que eles estavam fazendo.

Hoje, o que é que eu tenho percebido? Quando acontece um problema na casa de um de nós... Você, Paulo Betti. Quando a tua vizinha brigou com o marido e o moleque fez uma arte na casa do vizinho, você sabe tudo que é resposta. Você chama o pai e fala: “Companheiro você precisa fazer isso, precisa fazer aquilo. Você cuida assim, você fala assim com seu filho, você precisa falar assim com a sua mulher”. Agora, você já reparou que quando acontece na casa da gente, a gente não sabe o que fazer? A gente não sabe.

Quando eu hoje converso com o presidente Obama, com a Angela Merkel, da Alemanha, com o Gordon Brown, da Inglaterra, com o Sarkozy, eu percebo que eles estão em uma situação muito difícil, porque ninguém tem resposta para a crise. Eles não sabem muito o que fazer, porque também ainda não sabemos o tamanho dessa crise, e não sabemos se já chegou no fundo do poço. Nós não sabemos.



Então, quando a Petrobras, no dia 1º de maio de 2009, apresenta ao mundo a prospecção e a retirada do primeiro barril de petróleo do pré-sal, isso tem um significado de uma transcendência incomensurável. Vocês gostaram? “Transcendência” e “incomensurável” juntos, vocês gostaram? Ô gente, nem eu estou acreditando que sou eu que estou aqui falando... Eu já falei “concomitantemente”, daqui a pouco eu vou falar *en passant*, daqui a pouco eu vou falar “condição *sine qua non*”, e vai por aí afora. Para quem tomou posse falando “menas laranja”, está chique demais. Está chique demais.

Eu acho que a questão do vira-lata é uma coisa extremamente importante. Ontem eu fui fazer um discurso para essa delegação internacional do Comitê Olímpico que está fiscalizando o Rio de Janeiro, e me chamaram para falar, José Sergio. Me colocaram lá, e era como se eu estivesse prestando um vestibular. A minha vida inteira eu tenho que provar as coisas. Este país já teve um monte de presidentes que não fizeram nada e nunca tiveram que provar. Eu tenho que provar todo santo dia.

Então, eu me senti como se estivesse ali prestando uma prova. Todo mundo olhando para mim, assim. Eu estava encabulado, estava encabulado. Mas eu falei: bom, eu vou falar aqui com a minha alma. Aí, eu comecei a mostrar para eles a diferença de [entre] fazer uma olimpíada no Brasil e na América do Sul, e fazer nos países que estão disputando conosco, que são Estados Unidos, Espanha e Japão. Para eles, uma olimpíada é apenas mais uma olimpíada. Eles já fizeram. Agora, para nós, é a autoafirmação de uma nação, ou seja, nós queremos provar que temos capacidade de fazer melhor do que eles uma Olimpíada melhor, mais alegre.

Ô gente, para um país que consegue fazer a leveza de uma escola de samba, fazer uma olimpíada é baba, é baba. Um país que faz o Ronaldão, que voltou desacreditado de tudo e vai ser indicado na segunda-feira como melhor jogador do Campeonato Paulista, e o “fofão” está marcando uns gols extraordinários... Este país é assim mesmo, gente. Neste país, o que faltou



durante muito tempo, foi a gente ter dado continuidade às pessoas que acreditaram em nós. Se não fosse... Vamos ser francos: se não fosse o Marechal Rondon acreditar que era possível viajar por este país, ver seus companheiros morrerem de malária, a gente não tinha aberto a quantidade de picadas e colocado a quantidade de telégrafos que nós colocamos neste país. Quando a gente fica vendo as fotografias e o mapa do que aconteceu no começo do século passado, no final do século XIX, é que a gente fala: como é importante ter alguém que acredita neste país, como é importante ter alguém que acredita na força deste país. E durante um tempo nós fomos conduzidos ou induzidos, doutrinariamente, a achar que nós não éramos nada. No Brasil é assim. Quando nós fomos disputar a Copa do Mundo, teve gente que começou a falar assim: “o Brasil não tem condições, o Brasil é pobre”. Eu aprendi, meu caro Martinho da Vila, com o Joãozinho Trinta: quem gosta de miséria é intelectual, porque pobre gosta de luxo.

Uma vez eu fiz uma discussão para reduzir material de construção civil. A Dilma estava na reunião, o companheiro José Alencar estava na reunião e tinha um monte de companheiros discutindo material da construção civil. Aí falavam o seguinte: “Não mexe no preço do azulejo porque isso não é coisa de pobre. Isso é coisa de rico”. Nunca entrou na casa de um pobre. Quem gosta mais de azulejo é pobre do que rico. Eu já fui na casa de rico, que é só concreto. Na casa de pobre tem que ter azulejo, de cima embaixo, assim. De cima embaixo.

Então, o País desaprendeu a gostar dele. Nós desaprendemos a gostar de nós. É o cinema estrangeiro que é melhor, é a música estrangeira que é melhor, é não sei o quê, é a roupa que é melhor, é a cerveja que é melhor, é o petróleo que é melhor. Não é possível que um país possa crescer se ele não acredita em si próprio. Como é que um homem como o José Alencar, que é analfabeto como eu, se transformou – lá de Caratinga, em Minas Gerais – em



um dos maiores empresários deste país? Qual é a explicação, senão a crença dele nele próprio?

Eu não sei se a diretoria da Petrobras sabia, mas quando eu fui indicar o José Eduardo Dutra para ser presidente da Petrobrás, o pessoal dizia assim: “O mercado não vai gostar. Você vai mexer no mercado? Olha...” E ainda eu tive a honra de indicar o José Eduardo Dutra para ser o presidente e o Sergio Gabrielli para ser o tesoureiro, o diretor financeiro. Aí é que o mercado não ia gostar.

Eu coloquei os dois e o mercado amou. Não teve nenhum problema. Este país foi criando sofismas, e foi criando determinadas coisas que não podiam ser feitas porque o mercado não gostava. Mas o que é o mercado? Alguém já fez campanha pedindo voto para o mercado? A gente pede voto é para o povo, a gente pede voto é para o eleitor, e normalmente a gente vai nos lugares mais pobres.

Então, este país conquistou outra vez o direito de gostar de si próprio, o direito de achar que o povo brasileiro é competente, é inteligente, que ele tem potencial de competir com qualquer coisa no mundo. E a Petrobrás... Meu querido José Sergio Gabrielli e vocês, diretores, por favor não permitam que o ego seja maior do que o que eu vou dizer agora: a Petrobras é aquela musa que a gente carrega para mostrar o sucesso do Brasil. E se vocês não tivessem brigado, tinha gente que queria privatizá-la. Aliás, tinha gente que queria mudar o nome dela, tinha gente que achava que já estava demais.

Nenhum investidor investe em um país apenas porque o país consegue tudo. As pessoas investem em um país, também pela seriedade do país. As pessoas investem em um país pelo tipo de contrato que você é capaz de assinar, e as pessoas sabem que quando o contrato tem muita subserviência, alguém vai entrar um dia e vai quebrar. As pessoas sabem. Portanto, não é fácil fazer os chamados contratos (incompreensível) que são feitos no mundo. Não tem nenhum país no mundo que encontrou grandes reservas de petróleo,



que não tenha mudado a regulamentação do petróleo. Não tem um país no mundo.

A Petrobras, nos anos 80, descobriu, talvez a maior reserva contínua de petróleo do mundo, no Iraque. Foi nos anos 80. Em 1976. Está até hoje lá sem explorar. Mas quando Saddam Hussein soube – porque a Petrobras foi obrigada a comunicar – Saddam Hussein coçou o bigode, chamou a Petrobras e falou *bye bye*, o petróleo é nosso. Pagou as dívidas da Petrobras comprando Passat da Volkswagen, e nós saímos.

Então, eu quero dizer aos nossos parceiros que este país tem grandeza e dimensão para respeitar os contratos que nós fizemos, mas este país tem grandeza e dimensão para mudar, pensando na garantia que nós vamos dar, não para mim que estou com 63 anos de idade, mas para os nossos filhos, para os nossos netos e para os nossos bisnetos. Que país a gente vai querer daqui a 20, 30 ou 40 anos? Porque nós temos que plantá-lo é agora, não dá para plantar depois.

Eu quero dizer para vocês, companheiros da direção da Petrobras, o orgulho de ter vocês como parceiros. Eu poderia falar “orgulho em ter vocês como subordinados”, mas eles não obedecem. Vocês pensam... A gente decide as coisas com eles. Isso é bom? “Está tudo certo”. Aí se passam três meses, eu pergunto: aconteceu? “Não”.

A máquina é poderosa, mas aos poucos a gente vai compartilhando o enquadramento e a gente vai fazendo com que a Petrobras perceba que ela é que é do Brasil, e não que o Brasil é dela. Ela vai percebendo, aos poucos, que o Brasil é maior do que ela, é mais importante do que ela e que ela só existe porque antes dela existia o Brasil. Você pega as grandes corporações, Petrobras, Banco do Brasil, BNDES, eles pensam: o Brasil é nosso. Quando, na verdade, vocês é que são nossos.

Eu acho que a Petrobras chegou a isso, gente fala que é por sorte, é porque Deus ajuda. De vez em quando eu vejo assim: “O Lula tem sorte, Deus



ajuda”. Sorte e coragem para fazer pesquisa, gastar dinheiro, porque não existe descoberta se não houver *money* para fazer investimento e para fazer prospecção. Cada vez que a gente acha, é preciso saber não apenas o que a gente vai ganhar para a frente, mas o que a gente já investiu para fazer pesquisa.

Em algumas dessas áreas em que nós encontramos o pré-sal, já tinha sido perfurado petróleo até uma certa altura. Novas tecnologias é que permitiram que a gente descesse a broca um pouquinho mais, novas tecnologias permitiu que a gente encontrasse isso.

Eu acho que é a segunda independência do Brasil. A Dilma disse uma coisa importante: nenhuma arrogância, nenhum nariz empinado. Nós queremos aproveitar e dar a lição que eu tenho dito que o Brasil tem que dar: toda vez que a gente ganha em importância, a gente tem que ser mais humilde. A gente não consegue convencer as pessoas pela arrogância.

Vamos pegar o Exército brasileiro no Haiti. Se alguém daqui... tem gente não gosta que o Exército brasileiro esteja no Haiti, tem gente que protesta. Mas, se vocês puderem ir ao Haiti, vão visitar o Exército brasileiro e vão ver se os haitianos querem que o Exército brasileiro saia. Antigamente, como é que um país ocupava o outro, mesmo em missão de paz? Na base da cacetada. O Brasil... No dia da Páscoa, os nossos soldados compraram chocolate Garoto e ganharam um pouco mais para fazer festa nas favelas, para as crianças pobres lá do Haiti. É uma coisa diferente. Então, quanto maior, mais humildade. Quanto maior, mais paciência e quanto mais paciência e mais humildade, mas mais altivez, mais nós seremos respeitados.

Portanto, eu queria terminar meu companheiro José Sergio Gabrielli, companheiro Lobão, Sérgio Cabral, José Alencar, Dilma, Franklin, companheiros da diretoria da Petrobrás, todos os companheiros, deputados aqui presentes, Haroldo Lima, Presidente da Agência Nacional de Petróleo, todos vocês. Eu queria dizer para vocês que não poderia ser melhor o Dia do



Trabalhador, não podia ser melhor. Eu pensei tudo isso e não deu certo eu ir lá. Mas eu tenho a convicção de que a partir de hoje... E também, pelo amor de Deus, não esperem que mude tudo amanhã. Esse é um processo, mas, a partir do dia de hoje, a gente começa a contar uma nova e melhor história para este país. Este país tem que se respeitar, tem que gostar de si mesmo, o brasileiro tem motivo para isso. Mas as pessoas vão falar: “Ah não, aqui tem bandido, aqui tem não sei das quantas, aqui tem violência”. Nós sempre, sempre, sempre jogamos para baixo. A gente quer fazer uma coisa, as pessoas falam: “Ah, mas esse dinheiro que você está gastando nisso, daria para fazer dez casinhas populares, daria para fazer dez não sei das quantas, daria para fazer dois metros de saneamento básico”. É sempre nivelado por baixo, sempre. O nosso paradigma é sempre abaixo de qualquer coisa.

Vocês estão lembrados de quando eu comprei o avião? Estão lembrados? Eu comprei o avião, aí inventaram o Aerolula. Um adversário meu disse: “Eu vou vender para fazer dez hospitais, e vou fazer...” Eu acho que o Brasil precisa de um avião maior. Eu viajo por aí, e quando chega um primeiro-ministro, Sérgio Cabral, nos aeroportos que estou, os bichos passam com o avião, que o meu cabe dentro. Eu fico com vergonha, rapaz, de tão pequeno que o meu é. Não é o avião do Lula, não é o avião do Presidente, é o avião do País, é a cara do País lá fora.

E assim as coisas vão indo, Martinho. Eu só posso dizer para vocês que eu estou vivendo momentos importantes na minha vida, de alegria, de crença, de ver as coisas acontecerem, de, talvez passar para a história como o presidente que tem a melhor relação que alguém já teve com o movimento social organizado neste país; de discutir com eles, de construir uma proposta de um milhão de casas e chamar moradores de rua para discutir, chamar empresários, chamar as centras sindicais, chamar trabalhadores rurais; de chamar... porque o programa não é nosso, o programa é da sociedade; de



fazer o PAC da Ciência e Tecnologia feito pela comunidade científica e que o governo adotou para si, e fazer a comunidade executar aquele programa.

Eu vou passar para a história como o único presidente da República que foi na sede da SBPC e todo mundo falou bem do governo. Imaginaram isso? Sabem por quê? Porque nós estamos construindo as coisas junto com eles, e nós sabemos que falta muito para fazer, muito, muito.

Mas se vocês continuarem acreditando, da forma que vocês acreditam neste país, fazendo os filhos de vocês gostarem deste país... Nós temos que fazer os nossos filhos gostarem deste país. Eu vou te contar, depois que eu aprendi a andar este mundo, não tem nada melhor do que ser brasileiro, não tem nada mais orgulhoso. Isto aqui tem tudo que a gente quer, isto aqui tem tudo. Isto aqui, o que tem de atraso, é porque durante 450 anos nós fomos colonizados. Colonizados ideologicamente, colonizados economicamente, colonizados intelectualmente. Vocês vejam, somente a Coppe, em 1963, é que aprovou pós-graduação neste país. A gente não tinha pós-graduação.

Então, gente, Petrobras, vocês são “os caras”.

Muito obrigado e boa sorte ao povo brasileiro.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Centro Internacional Sarah de
Neurorreabilitação e Neurociências**

Rio de Janeiro – RJ, 1º de maio de 2009

O problema é que, como nós temos que fazer discursos todo dia e toda hora, um dia a gente pode cometer um erro e o discurso não sair bem.

Eu queria apenas lembrar a vocês um episódio na construção deste Sarah. Mais ou menos no mês de julho de 2006, o Gilberto Carvalho, que é do Conselho do Sarah – meu chefe de gabinete – me disse que a Lucinha e o Aloysio queriam conversar comigo. Eu não sei se foram os dois ou se foi a Lucinha sozinha. Chegaram lá e me contaram a seguinte história: a construção do Sarah, aqui no Rio de Janeiro, estava sendo paralisada porque o Ministério da Saúde não tinha transferido R\$ 900 mil e os 300 trabalhadores que estavam trabalhando aqui já tinham sido afastados e, portanto, ia parar a construção do hospital.

Eu achei tão abominável parar um hospital por conta de R\$ 900 mil! Obviamente, o Ministro da Saúde não sabia. Certamente, um dos companheiros que exercem de forma muito dura o controle da burocracia estatal entendeu – porque certamente nunca tinha visitado a Rede Sarah, certamente não sabia como estava a obra aqui – suspendeu porque [entendeu que] na contabilidade do Ministério R\$ 900 mil tinham que ser contidos lá nos cofres do Ministério da Saúde e não passar.

Na hora em que a Lucinha estava conversando comigo, eu liguei para o Ministro, e no dia seguinte o Ministro disse que estava autorizado a passar. Eu fiz questão de vir aqui. Ainda pedi para a Lucinha contratar os mesmos trabalhadores que estavam trabalhando, e nós viemos aqui com os R\$ 900 mil para dar sequência à construção do hospital.



Hoje nós estamos aqui colhendo colírios para os nossos olhos, de ver essa coisa excepcional. Eu, que já vi muitas vezes, talvez não tenha a sensação que tem uma mãe, um pai ou um paciente do Sarah quando entra aqui pela primeira vez, e se dá conta de que ele está entrando numa coisa diferente, numa coisa nova, numa coisa limpa, numa coisa com os funcionários com um sorriso no rosto para atender as pessoas. Logo de cara eles compreendem que não são os médicos apenas que vão tratar deles; que os familiares precisam se envolver e virarem médicos, virarem enfermeiros, virarem tudo para ajudar coletivamente a resolver esse problema.

Eu acho que é uma coisa dignificante um país ter uma instituição como a Rede Sarah para servir de paradigma numa determinada área da Saúde, de como a gente pode humanizar a vida das pessoas que estão doentes. Imaginem que nós temos um preconceito no Brasil, um preconceito que leva tempo... eu entendo que é uma questão cultural, tem um pouco de questão ideológica, mas houve um tempo em que as pessoas diziam que não era possível investir na Rede Sarah porque era caro. Se a gente for analisar o custo de um paciente na Rede Sarah a gente vai chegar à conclusão de que é mais barato do que um mau atendimento que um paciente recebe em outro hospital, seja público, seja privado, seja municipal, estadual ou federal.

Muitas vezes as pessoas confundem a quantidade de pessoas que está nos corredores com qualidade de tratamento. Muitas vezes as pessoas confundem a diminuição da jornada de trabalho com a melhoria da qualidade do atendimento. Nós não vamos resolver, em curto prazo de tempo, a divergência entre os sanitaristas e os patologistas. É uma guerra que todo mundo que é médico sabe que vai demorar um tempo, mas que nós vamos batalhando para as pessoas compreenderem que saúde não significa gasto para o Estado; significa investimento na recuperação de seres humanos.

Foi uma pena que este país viveu, no final de 2006, uma certa hipocrisia quando foi derrotada a CPMF no Senado. Possivelmente o imposto mais justo



que existia no Brasil, possivelmente o imposto que tinha o controle de muitas coisas que aconteciam no sistema financeiro brasileiro – em 2007, 0,38%. Nós tínhamos feito o PAC da Saúde para transferir R\$ 24 bilhões diretamente para a Saúde e, por pura ideologia... porque não tinha nenhuma questão. Certamente todos os que votaram contra são tratados na Rede Sarah quando ficam doentes ou são tratados no Incor. Nenhum vai a um hospital público da periferia se tratar. Mas votaram contra por ódio, votaram contra porque era preciso enfraquecer o governo do presidente Lula. “Nós não podemos deixar R\$ 40 bilhões na mão deste governo até 2010, porque daqui a pouco ele vai querer um terceiro mandato”. Uma cretinice ideológica e política sem precedentes na história deste país.

Todo mundo sabe que nós ainda temos no Brasil, minhas queridas Eva Wilma e Fernanda Montenegro, 17 estados brasileiros que não gastam, ou melhor, não investem os 12% previstos na Constituição, na Saúde. Alguns investem 6%, e todo mundo sabe que tratamento de qualidade custa caro, como custa caro uma roupa de qualidade, como custa caro um sapato de qualidade, como custa caro um carro de qualidade, como custa caro viajar de primeira classe para onde a gente queira viajar, ou seja, tudo o que for melhor custa um pouco mais caro. E nós precisamos, quase como obsessão, procurar o melhor para as pessoas, oferecer o melhor.

Por coincidência os países que oferecem menos qualidade de vida para o seu povo são aqueles chamados que têm a carga tributária menor do mundo. É só pegar os países pobres que têm uma carga tributária de 12% para ver o que acontece na qualidade dos serviços prestados pela União. Então eu... é uma coisa que, quando eu deixar a Presidência, deixarei com mágoa. Com mágoa porque a pequenez da política fez com que a gente tivesse um retrocesso naquilo que era o PAC da Saúde. Eu me lembro da defesa do então ex-ministro Adib Jatene, numa reunião que fizemos dentro do Palácio do Planalto, em que a maioria das pessoas chorou porque ninguém tinha



argumento contra, ninguém tinha argumento contra. Um dia a história do Brasil mostrará isso com muito mais nitidez, e as pessoas vão perceber que quando a pequenez, quando o jogo rasteiro toma conta da política, quem paga é o País, quem paga é o povo brasileiro.

Seria importante que todas as pessoas viessem visitar o Sarah. Venham fazer turismo no Rio. Não sei por que os políticos do País inteiro têm que ter passagem para o Rio, mas tem. Então, seria importante que todos gastassem a passagem, vindo para o Rio, ir [indo] visitar o Pão de Açúcar, visitar o Cristo Redentor, tomar um banho em Copacabana, em Ipanema, e depois passar aqui no Sarah para ver que coisa extraordinária nós estamos oferecendo ao povo brasileiro. Eu não sei se na Dinamarca, não sei se na Suécia, não sei se nos Estados Unidos tem melhor que isto. Pode ter igual, melhor eu acho difícil ter.

Nós temos uma vantagem: como nós somos um país tropical de um povo tropicalista demais, além de todas essas qualidades científicas, tecnológicas, nós temos uma qualidade, que é o jeito de ser do brasileiro, que é o sorriso, já provado e comprovado por todos os empresários que investem neste país – todos, sem distinção – seja alemão, seja espanhol, seja sueco, seja dinamarquês, seja francês, seja americano, todos que investem aqui. Quem participa de ato público de inauguração de fábrica sabe que já virou unanimidade que o trabalhador brasileiro é, na verdade, o mais preparado, é o que tem mais agilidade, mais criatividade e o que aprende em menos horas a exercer qualquer profissão. Então, além da qualidade do conhecimento, da competência nossa, dos nossos médicos, nós temos a oferecer algo mais, que pouca gente tem como nós, e sobretudo o povo do Rio de Janeiro.

Neste dia 1º de Maio, vir aqui, para mim é motivo de orgulho. Também, a gente vai quebrando o tabu, companheiro Franklin, você que durante muito tempo foi analista político e agora está sendo analisado politicamente, você sabe muito bem: muitas vezes as pessoas pecam por entender... e no Brasil



essa hipocrisia... eu estou dizendo que ainda vou criar, antes de deixar a Presidência, o Dia da Hipocrisia neste país. Nós temos que criar o Dia da Hipocrisia neste país. Muitas vezes você contrata um médico para trabalhar aqui e paga, de entrada para ele, R\$ 10 mil ou R\$ 12 mil. Lá fora é muito, é marajá. Quantas vezes um especialista ganhar R\$ 15 mil é marajá... Já fica todo mundo horrorizado. Por quê? Porque o padrão e o paradigma é o salário mínimo, que é muito pouco, que é de apenas R\$ 465.

Eu me lembro que a cada coisa que a gente vai fazer aparece um jornal e diz assim: “O governo está gastando, porque daria para fazer dez casinhas, quatro barraquinhos, quatro coisas”. É sempre como se nós tivéssemos que comer comida de terceira categoria, como se nós não pudéssemos comprar nada, tivéssemos que ir à xepa às onze e meia da manhã. O Brasil sempre se comportou assim e nós, da classe política, temos responsabilidade, porque nivelamos por baixo o debate.

Eu estou vendo agora a hipocrisia do salário na Câmara. Parece um escândalo. Faça um levantamento na história da Câmara e veja se algum dia foi diferente. Sempre foi assim. Eu não sei por que as pessoas não têm coragem de assumir as coisas como elas são e se propor a mudar, e não as pessoas ficarem achando que cometeram um crime. Obviamente, o cidadão guardar passagem para viajar para a França é delicadíssimo, mas o cara levar a mulher para Brasília, o cara dar passagem para um sindicalista ir para Brasília, eu não vejo onde está o tamanho do crime que as pessoas estão vendendo. Se esse fosse o mal do Brasil, o Brasil não tinha mal.

Eu, de vez em quando, vejo as pessoas falarem... Um dia eu calei minha boca porque... quando as pessoas, uma vez, levaram uma campanha de marajá, tinha servidor público que ganhava R\$ 2 mil, ele ficou com tanto preconceito que ele achou que era marajá. Ele tinha vergonha de ganhar R\$ 3 mil. Um dia desses eu peguei um companheiro da Petrobras que eu achei que ganhava muito: R\$ 26 mil por mês. Eu falei: esse cara é um marajá, esse é



marajá. Aí, um belo dia, ele entra na minha sala e fala o seguinte: “Presidente, eu vim lhe comunicar que eu vou sair da Petrobrás”. Eu falei: algum problema? “Não, é que o Pão de Açúcar está me contratando e ele está me pagando R\$ 200 mil por mês e está pagando dois anos adiantados”. Eu falei: puxa vida, agora vai ser marajá mesmo. Aí, esse cidadão trabalhou seis meses no Pão de Açúcar. Outra empresa, que não vou dizer o nome, aqui do Rio de Janeiro, contratou ele pagando quatrocentos [R\$ 400 mil].

Na rede pública brasileira, uma pessoa ganhar R\$ 8 mil, é marajá. Eu não vou perguntar de público aqui para não envergonhar ninguém, mas se o Franklin pudesse dizer quanto ele ganhava na Rede Globo de Televisão como comentarista político, talvez ele ganhasse na Globo, no mês, o que ele ganha em um ano no governo federal. Ainda as pessoas dizem: “Ganha muito bem, ganha 8 mil, ganha 10 mil, está demais”.

Eu acho que o caro não é a gente pagar bem em função do merecimento profissional das pessoas. O caro é a gente contratar um monte de incompetente para fazer uma função nobre e ele não conseguir fazê-la corretamente. Eu falo com conhecimento de causa porque fui diretor de departamento médico do Sindicato e fui presidente. Nós tínhamos muitos médicos, muitos dentistas, e eu sei como as coisas funcionam. A ilusão de que você pode diminuir a quantidade de horas da jornada de trabalho como forma de prestar bom serviço é um ledão engano. Contrate um bom profissional por tempo integral e pague um salário decente, para ele não precisar ficar enganando o paciente. [Ele] finge que entra, mas não entra; finge que consulta, mas não consulta. Não dá certo.

Eu acho que a construção de mais um Sarah é, possivelmente, o começo da consolidação da mudança de paradigma conceitual sobre a Saúde no País. Nós podemos oferecer mais Hospitais das Clínicas neste país, nós poderemos oferecer mais Sarah, nós poderemos oferecer... É apenas a gente tomar a decisão de não entender que estamos gastando dinheiro. Se a gente



entende que está gastando dinheiro e a imprensa bate que o governo gasta demais, a gente vai fazer contenção e não investe. E nós queremos fazer mais, fazer mais UPA, fazer mais Sarah, fazer mais centros ortopédicos, fazer tudo o que for necessário fazer.

Eu dizia ontem para os companheiros que vieram aqui analisar o Rio de Janeiro para as Olimpíadas: este país... vocês têm que aprender que este país mudou. Este país não é mais aquele paisinho que andava de cabeça baixa. Eu aprendi, em 1976, que nenhum ser humano respeita um outro que não se respeita. A condição *sine qua non* para alguém me respeitar é, em primeiro lugar, eu me respeitar. Quando eu me respeitar e andar de cabeça erguida, os outros me respeitarão. Então, este país sempre andou de cabeça baixa. Eu disse para o COI: para a Espanha, as Olimpíadas são apenas mais uma Olimpíada, para Chicago são apenas mais uma, para o Japão são apenas mais uma. Para nós, é a autoafirmação de um povo e de uma nação que vive a provar, o tempo inteiro, que não é uma republiqueta de bananas; que é uma nação grande e poderosa.

Hoje vai ficar mais poderosa ainda, quando a gente pegar o primeiro barril do pré-sal. Quando a gente tirar o primeiro barril do pré-sal – eu tenho fé em Deus que vou recebê-lo daqui a pouco, e sujar a mão naquele petróleo – nós estamos [estaremos] começando a construir a nova fase da era da campanha “O petróleo é nosso”. Eu já disse: nós vamos fazer uma nova regulamentação do petróleo, e eu já disse que, com uma parte desse petróleo, nós vamos acabar com dois problemas crônicos neste país. Não vou ser eu, porque não vai dar tempo no meu governo, eu estou fora. Mas alguém vai ter que acabar com a fome neste país, definitivamente, e outra parte é para investir na Educação, que é o que vai tornar este país uma grande potência, definitivamente.

Espero que um dia, Lucinha – Deus queira que não – se eu precisar, um dia eu espero ter uma vaga no Sarah. Eu gostei daquele medidor de cérebro



ali, um negócio que... Talvez, daqui a alguns anos para a gente ser candidato a alguma coisa, a gente tenha que passar por aquilo ali para saber se tem parte boa, porque parece que aquilo ali não nega. Eu não sei... vamos ver se a gente um dia consegue melhorar as coisas neste país.

No mais, gente, eu estou feliz. Estou feliz por isso, pelo Sarah, estou feliz pela ThyssenKrupp ontem, estou feliz pelo petróleo hoje, estou feliz porque a gente está reconhecendo... esta semana eu tive uma visita daquelas que se a gente não tiver o coração bom, morre de infarto. Eu fui visitar uma colônia de hansenianos, a Colônia Pedro [Antônio] Aleixo, lá em Manaus. Falei com o Sérgio que quero visitar as que tem aqui no Rio de Janeiro. Nós aprovamos a aposentadoria... O Congresso aprovou o projeto de lei que nós mandamos, de aposentadoria dos hansenianos: R\$ 715 para as pessoas que ficarem em colônias. Eu fui visitar uma experiência extraordinária lá em Manaus. Foi feita uma casinha, pequena, é verdade, mas foi dada para eles uma casinha, uma geladeira, um fogão, uma mesinha com quatro cadeiras, e nós precisamos fazer isso pelo Brasil inteiro, porque essas pessoas foram as pessoas mais segregadas, não pelo Estado, pela própria família. Nós vimos histórias... Tem histórias que a gente conta, que este auditório aqui estaria em lágrimas, tal o sofrimento dessas pessoas que vivem ainda escondidas em muitos lugares.

Então, eu queria dizer para vocês que quando as pessoas falarem para vocês “é difícil governar este país”, não acreditem, não. Nós temos problemas sérios, como temos problemas em casa, como temos problemas no nosso clube de futebol, Serginho tem muitos com o Vasco da Gama, eu também. Por outro lado, eu estou bem com o Ronaldão. O “fofão” está fazendo tudo o que pode fazer.

Se a gente criar, neste país, compromissos com a sociedade brasileira, acho que fica muito mais fácil a gente fazer as coisas, e nós estamos conseguindo produzir muita coisa. De vez em quando a imprensa tenta vender



uma briga entre governo e Congresso. Eu acho que tem a briga normal da democracia, porque o Congresso tem ajudado muito nas coisas importantes que nós temos mandado. Então, eu sou um homem que sou capaz de deixar o governo sem mágoas, porque a desgraça de quem tem mágoa, é que só a gente sofre. Quando as pessoas fazem alguma coisa para magoar a gente, a intenção da pessoa é fazer você sofrer mesmo, fazer você ficar amargo. Então, eu acho que vou sair do governo bem. Bem porque não vou guardar mágoa de ninguém, não vou guardar ranço de ninguém. Não é que eu [vá] esquecer as coisas. Não quero esquecer nada, mas eu também não quero fazer daquilo parte da minha vida. A cada dia nós temos que construir um novo jeito de fazer as coisas e, quem sabe, a cada dia a gente possa encontrar alguém para melhorar ainda mais a Rede Sarah.

Eu quero cumprimentar todos vocês, cumprimentar o Aloysio e a Lucinha. Na verdade, parece a dupla Garrincha e Didi, ou Pelé e Coutinho, certamente, com profissionais qualificados, funcionários trabalhadores, e os nossos pacientes que estão ali.

Eu fui ver aquelas meninas dançando ali. Sinceramente, a gente precisa... como tem que tomar um comprimido para não vomitar quando a gente vai em um navio, a gente deveria tomar um comprimido para não chorar quando a gente vem visitar estas cenas extraordinárias, das pessoas se recuperando com uma vontade exuberante. Metade é a qualidade do Sarah, mas metade é a nossa disposição de fazer as coisas acontecerem.

Um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês e todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade em que recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios

Brasília-DF, 04 de maio de 2009

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Minha querida companheira Marisa Letícia,

Meu caro companheiro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,

Companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Edison Lobão, de Minas e Energia; Jorge Hage, do Controle e da Transparência,

Desembargador Nívio Geraldo Gonçalves, presidente do Tribunal de Justiça, em nome de quem cumprimento os desembargadores e juízes presentes,

Parlamentares,

Senhoras e senhores,

Antes de agradecer pela Comenda, eu não gostaria de perder a oportunidade de dizer para vocês que o Brasil viveu na última sexta-feira um dia de glória para o nosso país. Sexta-feira, eu e o vice-presidente José Alencar tivemos o prazer de receber, das mãos do Presidente da Petrobras, o primeiro barril de petróleo – era uma miniatura – da camada pré-sal. Há mais de seis mil metros de profundidade, nós fomos buscar esse primeiro barril e isso vai possibilitar ao nosso país pensar, mais a longo prazo, na sua total independência. As reservas do Campo de Tupi são mais da metade das reservas totais que nós temos hoje, e Tupi é apenas uma pequena ilha do grande território que é a camada pré-sal onde nós entendemos que tenha muito petróleo. Nessa primeira fase nós vamos ficar em um teste de longa



duração, porque não sabemos qual a reação que vamos encontrar ao tirar esse petróleo. Durante um determinado tempo, vamos ficar fazendo experiências, tirando 15, 20 mil barris diários e daqui a algum tempo, se deus quiser, nós vamos fazer a prospecção de verdade para poder tirar a quantidade de barris de petróleo de que o Brasil precisa.

A Petrobras dizia em seu programa e eu dizia em meu discurso que o dia 1º de maio de 2009 é o começo de uma nova era para nosso país. Aquele gosto do momento em que a gente conquista a independência, eu acho que nós conquistamos uma outra independência no dia 1º de maio que é a independência energética deste país. Na área do petróleo, porque já temos na área do etanol, porque já estamos construindo na área do gás e porque já estamos construindo na área do biodiesel. Portanto, o Brasil, se continuar trabalhando com muita seriedade, fazendo as pesquisas que precisam ser feitas, o Brasil poderá, nos próximos dez a 15 anos, se transformar na mais importante potência energética de todo o mundo. Temos as condições que nenhum outro país tem, temos a natureza do nosso lado, temos um território extraordinário, temos o sol que precisamos ter e temos o conhecimento tecnológico e científico que precisamos ter.

Por isso, o barrilzinho de petróleo que eu ganhei, fiz questão de passar para a mão do José Alencar, porque eu espero que a Petrobras tenha tirado mais de um. Depois ele me deu o segundo barril e, mesmo assim, eu colocarei o nome de primeiro barril. Então, o José Alencar tem hoje, na casa dele, o primeiro barril de petróleo tirado a seis mil metros de profundidade. A nossa preocupação era que, em vez de vir petróleo, a gente tivesse conseguido puxar um japonêsinho ou um chinêsinho, tal é a profundidade. Graças a Deus, veio petróleo mesmo, e o Brasil se considera abençoado. Logo, logo, (incompreensível) petróleo aqui em Brasília.

É com muita satisfação que recebo hoje esta Comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios, e o que mais me alegra é



o fato de esta homenagem partir de servidores públicos muito especiais, responsáveis pela prestação de um dos direitos fundamentais de cada brasileiro: a Justiça.

É nos tribunais locais que o cidadão tem o seu primeiro acesso ao Judiciário, e cabe a eles o papel essencial de receber, indistintamente, as demandas de cada um que se sentir ameaçado em seus direitos. O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, neste aspecto, ocupa um lugar de destaque em todo o território nacional.

Em primeiro lugar, aqui estão as sedes dos três Poderes da República, e justamente por isso, a prestação judiciária da Capital Federal deve servir de exemplo para todo o Brasil. Essa responsabilidade só aumenta quando somamos a ela o fato de contarmos, em Brasília, com representações diplomáticas de todo o mundo e com uma população consciente de seus direitos, exigindo sempre uma justiça mais presente e mais ágil. A grande capacidade profissional dos magistrados e demais servidores do Judiciário do Distrito Federal, contudo, garante ao Tribunal todas as condições para que esse desafio seja vencido.

São provas dessa excelência as iniciativas inovadoras que aproximam cada vez mais o sistema judiciário daqueles que precisam da proteção do Estado. Estou falando do programa Justiça para Todos. Ele envolve importantes ações como o Cidadania e Justiça na Escola, que conscientiza pais, alunos e professores de escolas do entorno do Distrito Federal sobre seus direitos e deveres, e dissemina ações de cidadania.

Da mesma forma, temos aqui importantes ações, como a Justiça Comunitária, que devolve ao cidadão e à comunidade a capacidade de gerir, com autonomia, seus próprios conflitos. A iniciativa, além de democratizante, é promotora da cidadania, desafoga a Justiça, resolvendo muitas questões antes que elas cheguem aos tribunais, que hoje servem de modelo para implementação nacional como uma política de pacificação de conflitos.



Senhoras e senhores do Tribunal de Justiça,

Todos nós conhecemos o grande esforço que os três Poderes da República vêm fazendo em prol de tornarmos nosso sistema judicial cada vez mais ágil, acessível, eficiente e republicano. Esse esforço, simbolizado e referendado em dois pactos entre os Poderes – em 2004 e 2009 – apresentou resultados muito concretos no sentido de imprimir a Reforma do Judiciário, e entre eles se incluem uma emenda constitucional e 20 projetos de lei já aprovados.

A verdade é que essas ações só se tornam possíveis graças à harmonia e ao intenso diálogo entre o Executivo, Legislativo e Poder Judiciário, e às contribuições que cada um de nós – gestores, parlamentares ou magistrados – estamos dando a este processo. As vitórias conquistadas nesses cinco anos são, portanto, coletivas. Estou certo de que uma delas, a reorganização da Justiça do Distrito Federal, deve muito à colaboração e às reivindicações dos senhores e das senhoras deste Tribunal.

Com a lei que sancionamos no ano passado, foi possível remover as amarras que por tanto tempo congelaram a estrutura do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios e impediram o seu crescimento. O Tribunal passou a contar com mais 73 varas, muitas delas inovadoras, como a do Meio Ambiente, a de Desenvolvimento Urbano e Assuntos Fundiários, as varas Maria da Penha, especializadas em combater a violência contra a mulher.

Além disso, a Lei criou mais 139 cargos para juiz de Direito, 1.050 para analistas e 1.760 para técnicos judiciais. Estou certo de que com esta nova estrutura, tão merecida e necessária, o Tribunal poderá exercer cada vez melhor a prestação judiciária, e servir com mais eficiência e proximidade toda a população do Distrito Federal.

Quero, portanto, agradecer novamente aos senhores e senhoras, não apenas pela Comenda que recebo, mas principalmente por estarem participando conosco desta empreitada que torna nossa Justiça cada vez mais



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

acessível e democrática.

Muito obrigado pela Comenda e muito obrigado pela recepção. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com prefeitos de cidades alagadas no Piauí

Teresina-PI, 05 de maio de 2009

Primeiro, [quero] cumprimentar os prefeitos, as prefeitas,

[Quero] cumprimentar o nosso Governador,

O nosso Senador,

O Vice-Governador,

Agora que chegou a nominata aqui, eu não quero mais. Pode levar de volta.

Em primeiro lugar, é importante dizer para vocês porque eu tomei a decisão de vir hoje ao Piauí, e daqui a pouco eu vou ao Maranhão, para visitar os lugares que estão sendo mais prejudicados. Todos nós, em algum momento, já vivemos situações de emergência nas cidades em que a gente mora, nos estados em que a gente mora. Essas situações de emergência servem para duas coisas básicas. A primeira é para nos ensinar como é que a falta de planos diretores neste país permitiu que a gente visse pessoas... e que administradores, ao longo do século, permitissem que as pessoas morassem em lugares que nós sabemos serem inadequados para morar. A segunda coisa é que nos ensina que só tem lógica ter investimentos em infraestrutura se você não fizer as coisas no mesmo lugar em que nós sabemos que daqui a algum tempo vai dar outra cheia.

Eu estava sobrevoando com o Wellington... Eu já vim aqui, acho que em 2003, em 2004, quando a emergência da época era um dique que estava para estourar, e foi feito um reforço pelo Exército brasileiro. Eu estava sobrevoando com o Wellington ali, e eu estava dizendo: Wellington... e estava dizendo ao prefeito também: cada casa que nós fizemos no mesmo lugar, daqui a dois,



três anos, quatro anos ou cinco anos, a gente vai estar visitando e vai estar vendo a casa nova outra vez coberta por água.

Eu fui visitar uma família que estava ali acampada, e a família quer uma casa na beira do rio porque a família é pescadora e ela não quer sair da beira do rio. Eu estava tentando convencer a mulher de que é importante que ela tenha uma casa, não tão na beira do rio, um pouco mais afastada, e que a gente discuta criar as vantagens para quem é pescador, dar uma infraestrutura mínima, para quando eles chegarem à beira do rio, eles tenham uma fabriquinha de gelo, que eles tenham algum negócio para fazer o tratamento do peixe. O que não pode é fazer a casa no mesmo lugar que encheu. Isso seria total irresponsabilidade nossa.

Mas é no Brasil inteiro. Eu agora fui ao estado do Amazonas e vi muito mais água do que eu vi aqui, porque o rio Amazonas é muito maior do que o rio Poti, e aquilo estava alagando. Estava não sei quantos metros já, acima do normal. Essa enchente já tinha acontecido no rio Juruá, no estado do Acre, mais de um mês atrás. Depois que enche o Acre, enche o Amazonas, depois que enche o Amazonas, enche o Pará, até a água chegar ao mar.

Aqui eu estava vendo que nós temos algumas coisas para fazer, de emergência. O que a gente faz de emergência? Primeiro, a gente tenta tirar as pessoas das casas; segundo, a gente tenta cuidar da alimentação; terceiro, a gente tenta cuidar da saúde das pessoas. Esses são os três ingredientes prioritários que nós temos que fazer, porque outras coisas nós só poderemos fazer quando a água baixar, quando a gente puder fazer um levantamento real do estrago que a água fez, da quantidade de dinheiro que vai precisar para consertar as estradas, da quantidade de casas que nós vamos ter que refazer, das casas que nós vamos ter que mudar, e isso leva algum tempo.

O que não pode faltar, Governador e companheiros prefeitos, é a prioridade zero. Qual é? Tirar as pessoas de onde elas estão correndo risco, cuidar da saúde das pessoas e cuidar da alimentação das pessoas. Esses são



os três ingredientes básicos, e aí, cada prefeito tem a sua Defesa Civil e cada prefeito já sabe como fazer.

A quarta prioridade é a gente cuidar para que as crianças não percam muitos dias de aula. É preciso a gente cuidar para que as crianças continuem tendo as suas aulas, porque senão... nós estamos vendo o teste do Enem aí... Apesar [disso], companheiros ministros, este estado é um dos estados que têm o melhor nível de Educação... Acho que é o quarto colocado no Brasil inteiro, em Educação, melhor do que muitos estados ricos. Mas a gente não pode deixar as crianças perderem aula.

Vamos agora às coisas que são mais profundas, que exigem mais recursos e que, portanto, levam mais tempo. Eu queria aqui me restringir às reclamações, de um lado, de vocês; de outro lado, do Governador; e de outro lado, nossa, do governo federal. Como nós somos um país em que durante 30 anos a economia não cresceu e, portanto, a gente não pensava em desenvolvimento, ao longo desses 30 anos nós fomos criando regras de fiscalização. Então, nós criamos muitos mecanismos de fiscalização e poucos instrumentos de produção e execução. Essa é a verdade. Se o ministro Geddel fizer alguma coisa que não esteja de acordo com a lei, o primeiro a vir em cima dele é o adversário político dele, dizendo que ele está gastando dinheiro fora da lei. O segundo é o Tribunal de Contas da União, que vai dizer que ele está totalmente errado, vai mandar suspender a obra. O terceiro é o Ministério Público, que vai logo meter um processo em cima dele, disponibilizar os bens dele. E é isso o que a gente tem visto por este país afóra e, certamente, nas cidades vocês sentem praticamente a mesma coisa.

O que nós temos que fazer? Nós temos demandas de uns prefeitos. Eu não sei se vocês entregaram todas as demandas. Certamente, nem todo prefeito ainda tem o resultado concreto dos prejuízos que as chuvas causaram no seu município. E não adianta desespero. Nessa hora é como a gente tratar de uma pessoa que chegou baleada no hospital. A primeira medida não é tirar



a bala. A primeira medida é estancar o sangue, para depois a gente cuidar da bala. Neste momento, a primeira coisa que nós temos que fazer, depois de cuidar das três primeiras que eu falei, é a gente esperar a água baixar e aí, sim, a gente colocar equipes, se tiver, de Defesa Civil, trabalhando junto com o estado, para que a gente faça o mais rapidamente possível o levantamento do que cada município teve de prejuízo, seja de estradas, seja na área da educação, seja na área da saúde, seja na área de habitação. Nós temos que fazer esse levantamento.

Eu quero dizer para vocês, com a minha experiência de sete anos... seis anos e pouco na Presidência. O que faz facilitar a liberação de recursos não é a emergência, é o projeto. É o projeto que faz com que o dinheiro possa fluir com muito mais facilidade. Muitas vezes... eu posso dizer para vocês, hoje, que tem muitos erros da parte do governo federal na burocracia, que não dependem de quem é ministro. Dependem das leis que o Congresso Nacional criou para achar que estava fiscalizando e, na verdade, estava criando uma série de dificuldades.

Vocês estão lembrados da última enchente que deu no rio São Francisco. Já faz, acho que uns cinco anos, uma grande enchente que deu no rio São Francisco, e até hoje tem cidades que não conseguiram dinheiro. Por que não conseguiram dinheiro? Porque na hora em que o ministro libera uma parte do dinheiro, a segunda parte só pode ser liberada com a prestação de contas da primeira. Se não prestou contas, não tem como liberar, porque se um ministro ou um funcionário liberar, é ele quem vai pagar o preço de ter liberado. Como nós estamos vindo aqui para resolver, o que eu queria ponderar para vocês? Primeiro, que não faltará cesta básica. Segundo, se tiver problema de saúde em algum município, Wellington, não faltará gente do Ministério da Educação [Saúde] e médico para ajudar. Terceiro, se estiver faltando lugar para acampar as pessoas, é preciso que a gente fale com as igrejas, com os sindicatos, e a gente acampa as pessoas.



Eu tive uma boa notícia agora ali, que eu não vou dar porque eu já esqueci, mas a informação é que o rio já baixou 35 centímetros. Essa é a melhor notícia que a gente poderia ter, porque quando ele baixar a gente vai poder limpar aquilo que o rio criou de sujeira, de danos que ele praticou e a gente vai poder, então, fazer um levantamento fiel.

O Wellington já marcou, com o companheiro Geddel, uma ida a Brasília na semana que vem, marcou. É importante, Wellington, que nessa ida sua a Brasília, junto com a Casa Civil do estado, que você tenha – junto com quem da prefeitura faz esse levantamento – as coisas muito concretas e muito objetivas. Quando eu trouxe o Ministro dos Transportes, foi porque eu pensei que tinha problemas de transporte na área das estradas federais. Não tem, graças a Deus. Mas tem problema em estradas vicinais ou estradas estaduais. O Ministro dos Transportes não pode passar dinheiro, porque a lei não permite. Mas a gente pode, em função da realidade, passar um pouco de dinheiro para o orçamento. A gente pode passar um pouco do Ministério das Cidades, a gente pode ajudar em alguma coisa, mas não adianta um prefeito ou uma prefeita chegar ao Governador e falar: “estragou a estrada”. “Quanto?” “Não sei”. “Qual é o custo para fazer?” “Também não sei”. Olha, se for assim, não vai resolver. Eu estou sendo muito sincero, porque eu fui agora visitar aquele povo da beira do rio, e eu volto emocionado. Como é que um povo daquele, que está em uma situação desagradável como eles estão, ainda tem motivo para sorrir para a gente, para abençoar a gente e para agradecer a vinda da gente aqui.

Eu fico imaginando na cidade de vocês, no interior, é a mesma coisa. As pessoas ficam olhando para o céu. Eu morei em São Paulo, muito tempo, em lugar que dava enchente. Na hora em que começavam a ficar as nuvens negras, a primeira coisa que a gente fazia era ter dor de barriga, a segunda coisa era começar a rezar para não chover muito. A partir daí, a gente tinha que correr atrás de não perder as coisas que tinha dentro de casa, e quando perdia, passava um ano para poder comprar novamente, e quando estavam



novinhas, perdia outra vez.

Então, eu sei a agonia do povo, eu sei a angústia do povo, a expectativa. E sei que Teresina, por exemplo, é uma cidade construída, tem uma boa parte da cidade que é construída na várzea. A várzea é o lugar onde dá água, essa é a verdade. Em todo o território nacional nós temos todas as várzeas ocupadas, e é muito engraçado, que o povo que mora na beira do rio, não quer sair da beira do rio.

Eu me lembro que eu fui a uma cidade chamada Laranjal do Jari, no Amapá. O prefeito, na época, tinha dado um lote, afastado 500 metros - lá todo mundo morava em palafita, todo mundo morava quase no meio do rio - o prefeito tinha dado, na época, um lote 500 metros afastado, para que todo mundo que morasse em palafita saísse da palafita e fosse morar nos lotes. Ninguém saiu, porque o rio era o local de trabalho deles e o rio, na verdade, era a estrada deles, porque no rio Jari eles andam muito de barco.

E aqui... eu acho que em qualquer cidade é a mesma coisa. É muito difícil você convencer uma pessoa a sair do local em que ela nasceu. Não sei se vocês estão lembrados, uma vez, que em Belo Horizonte um homem perdeu seis filhos em uma casa que caiu em um barranco, faz uns quatro anos mais ou menos. Esse cidadão tinha ganhado uma casa da prefeitura, ele tinha se mudado para a casa nova. Aí ele saiu da casa nova, voltou para a casa velha, deu a chuva e matou os seis filhos dele. Normalmente, é assim. Quem governa município ou estado sabe que é difícil convencer uma pessoa a sair do local, mesmo as pessoas que moram em São Paulo e no Rio de Janeiro, na beira de um barranco, que a gente diz para elas: "vai cair esse barranco", às vezes é preciso levar a polícia para tirar as pessoas que estão lá, porque elas não querem sair. Então eu acho, Wellington, que a gente tem um bom problema, porque sabemos onde é que enche d'água. Sabemos. A gente não pode cercar todo o rio Poti e o rio Parnaíba, como se fizesse um canal dele. A gente não pode porque a água da chuva iria tomar conta de Teresina. O que é preciso é



aproveitar essa enchente, pegar os lugares onde a água atingiu mais forte, que as casas estão totalmente cobertas, e nós temos que tirar aquelas casas de lá. Nós temos que abandonar aquelas casas e fazer outras para as pessoas. Mas a gente não pode tirar sem apresentar as novas, porque as pessoas ficam desconfiando. O que as pessoas pensam? “Eu vou sair da minha casinha, que enche d’água, e vou para onde?” Então, é preciso que a gente trabalhe com uma certa urgência.

Por isso, eu queria pedir que você e os prefeitos, mais o prefeito da capital, na semana que vem quando forem a Brasília, levassem as coisas com mais objetividade, para a gente poder trabalhar com mais agilidade. O que eu posso dizer para os prefeitos é que não é por causa de 5 milhões, não é por causa de 10 milhões, não é por causa de 15 milhões, de 20 milhões, que a gente não vai ajudar esse povo a minorar o sofrimento deles. Nós somos pobres, mas nem tanto. Está caindo a arrecadação do governo federal, está caindo a arrecadação do município – a do município nem tanto, porque nós garantimos o FPM do ano passado, que foi o mais alto FPM da história do Brasil. Agora, estamos aprovando a negociação das dívidas dos municípios com a Previdência Social, está para ser votada na semana que vem. Mas, de qualquer forma, nós sabemos que o governo federal pode mais. E se o governo federal pode mais, nós temos que chamar para nós a maior parte da responsabilidade para ajudar a resolver esse problema.

Eu só queria dizer para vocês uma coisa, Wellington: eu me comprometi com aquelas famílias que estavam ali, acampadas, que eu quero voltar aqui para inaugurar a casa delas. Muitas vezes, a gente vem em época de chuva, a gente vê, todo mundo vê e, passam as chuvas, todo mundo esquece. Como eu morei por seis anos em casa que dava enchente, no dia da enchente todo mundo queria se mudar. Passou a enchente, a gente lavava a casa, e como a gente gostava do local, “não vai chover mais”, e chovia outra vez.

Então, eu acho que a gente tem que aproveitar que a água vai embora



para fazer o trabalho que a gente tem que fazer, e fazer com carinho. E posso dizer para vocês que o governo federal, através do ministro Geddel, através do ministro Marcio, através do Paulo Bernardo, através do ministro (incompreensível), através do ministro Lobão, nós estaremos aqui para ser solidários nos bons e nos maus momentos. Eu acho que a hora é de a gente ajudar as pessoas que foram vítimas da enchente.

Agora, vejam como o Brasil é complicado: na semana que vem eu vou ao Rio Grande do Sul para visitar a seca no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. Quem diria que a gente iria ver isso acontecer? Isso significa que nós precisamos olhar mais seriamente a questão climática que tanto se discute hoje. Alguma coisa está mudando, e nós ainda temos tempo de reparar. A primeira reparação é cuidar do povo pobre deste país, que foi vítima da enchente, sobretudo, do Piauí.

Gente, um abraço. Eu vou agora para Bacabal, no Maranhão, porque parece que lá a coisa está... tem mais água do que aqui, ainda. Só espero que a água de lá não venha para cá, só espero que a água de lá vá para outro lugar. Manda passar um pouquinho lá em Garanhuns, Wellington, para poder encher um pouquinho a minha cidade lá, Caetés e Garanhuns. Depois, nós vamos continuar ajudando.

Agora, Wellington, eu vou dar um último aviso: é preciso precisão na elaboração dos projetos, para que a gente possa fazer fluir com mais facilidade o dinheiro.

Um abraço, gente. Boa sorte. Quem tiver demanda para fazer, vai entregando as demandas, porque podem ficar certos de que alguém vai ler isso aqui e nós vamos responder.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao estado do Maranhão

São Luís-MA, 05 de maio de 2009

Primeiro, eu quero cumprimentar a governadora Roseana Sarney,

Os ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; Edison Lobão – muito conhecido de vocês –, de Minas e Energia; o companheiro Geddel Vieira, da Integração Nacional; o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O João Alberto, vice-governador do estado do Maranhão,

O senador Edison Lobão Filho,

Os deputados federais Gastão Vieira, Washington Luiz – o Washington vai tomar posse amanhã e já está se achando deputado –, Waldir Maranhão, Costa Ferreira,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os prefeitos do estado do Maranhão,

Quero cumprimentar os representantes do movimento social aqui presentes e dirigentes sindicais,

O nosso companheiro Pagot, diretor-geral do DNIT,

A imprensa,

Vocês sabem que governar um país do tamanho do Brasil tem contradições. Eu acabo de vir do estado do Piauí, onde também tem uma série de cidades com problema de excesso de água. Sobrevoei aqui agora o estado do Maranhão e eu vi um estado praticamente alagado. Já tinha ido ao estado do Amazonas na semana passada e vi o rio Amazonas enchendo como nunca tinha ficado cheio. Fui ao estado do Acre. O Acre também tinha tido uma enchente enorme há pouco tempo. Estou sabendo que o Rio Grande do Norte está tendo problema de enchente, e ao mesmo tempo nós temos o Rio Grande



do Sul, Santa Catarina e o Paraná com problemas de seca enormes.

Vocês acompanharam pela imprensa, no ano passado, quando o estado de Santa Catarina ficou alagado e mais de 200 pessoas morreram com o desbarrancamento. O estado é pequeno, se a gente for comparar com o Maranhão, e metade do estado estava alagado e metade estava com uma seca enorme. Tinha perto do mar excesso de água e em Chapecó, que é divisa com o Rio Grande do Sul, tinha um problema de seca, prejudicando a agricultura familiar.

Certamente, todos nós nos rendemos às coisas da natureza. Nós temos visto, mundo afora, que têm acontecido coisas que até pouco tempo a gente imaginava que não iam acontecer mais. Enchentes onde a gente não imaginava que fosse ter enchentes, seca onde a gente imaginava que nunca ia ter seca, terremotos onde há séculos não tinha terremoto, e nós estamos percebendo que há uma certa manifestação de descontentamento de alguém superior a nós, e do próprio planeta Terra, possivelmente com o jeito que nós o estamos tratando.

Esta nossa vinda aqui ao estado do Maranhão, e a visita que nós fizemos a algumas cidades - eu particularmente, gostaria de ter parado em todas elas, não foi possível porque senão não poderíamos visitar mais e também não foi possível porque a gente estava com o helicóptero e não tinha muitas condições de ficar muito tempo visitando outras cidades.

Também é importante que vocês saibam o que se pode fazer em um momento como este. Algumas coisas são vitais e são prioritárias. Nós temos que trabalhar com muito afinco para tentar tirar todas as pessoas do isolamento, pessoas que estão em área de risco, pessoas que estão isoladas, e tentar dar um atendimento a elas. Aquelas que for possível transferir para um local em que possam ser tratadas, têm que ser transferidas. Aquelas que estiverem mais isoladas, nós vamos ter que fazer com que alguns benefícios cheguem lá. Que benefícios? Nós temos que tratar do alimento, nós temos que



tratar da saúde, num primeiro momento, para que essas pessoas possam, esperando a seca, a chuva passar... A gente passar a fazer os consertos que tem que se fazer no estado do Maranhão.

Muitas vezes as pessoas ficam apressadas, nervosas, achando que no rio que está alagado a gente pode fazer a ponte, com o rio alagado. É humanamente impossível e seria jogar dinheiro fora. Nós agora vamos esperar a água baixar. A Governadora, junto com a Defesa Civil do estado, junto com as autoridades e prefeitos deste estado, vai fazer um levantamento fiel dos prejuízos causados pelas enchentes, fazer o levantamento daquilo que é necessário de investimentos para que a gente possa recuperar, e isso vai para Brasília. Espero que a Roseana vá a Brasília com o projeto todo elaborado para sentar junto com os mais diferentes ministros, para que a gente possa então começar o processo de liberação de recursos, para que a gente possa fazer as coisas acontecerem.

E não adianta agora a gente imaginar que é possível consertar as coisas estragadas enquanto estiver tudo alagado. Nem as casas que nós temos que fazer... Nós temos que esperar a água baixar para fazer uma contabilidade de todas as casas, até porque, Roseana, eu não sei se você sabe, no programa Minha Casa, Minha Vida, estão reservadas para o estado do Maranhão praticamente 77.270 novas casas. A nossa previsão era fazer até 2010. Nós vamos querer saber se o empresariado, se o governo estadual, se os municipais e o governo federal têm condições de fazer 1 milhão de casas em dois anos. Não será uma tarefa fácil, mas nós vamos tentar fazer porque temos os recursos disponibilizados para isso.

O Ministro dos Transportes já fez um levantamento com a equipe que veio na frente, da situação das estradas federais, que são aquelas que nós poderemos consertar, e assim que terminar, que a água baixar, nós vamos consertar as estradas que precisam ser consertadas e as pontes que precisam ser consertadas.



O governo federal, através do Ministério dos Transportes, não pode passar dinheiro para consertar as estradas estaduais, mas é importante que a Roseana coloque isso no projeto para que a gente possa trabalhar dinheiro do orçamento da União, tirar um pouco do Ministério das Cidades, ou sei lá de quem quer que seja, mas nós vamos ter que fazer alguma coisa para resolver esse problema.

Eu disse à governadora Roseana que vamos mandar para cá o ministro da Agricultura, o ministro do Desenvolvimento Agrário, para que a gente faça o levantamento do prejuízo dos produtores aqui no estado, sobretudo aqueles que foram vítimas, e normalmente os pequenos sofrem mais porque são vítimas em primeiro lugar. Virá aqui o MDA, o ministro da Agricultura, para fazer o levantamento da situação. Disse à Governadora que o ministro da Saúde também virá aqui, porque já que estamos há 30 dias debaixo de chuva no estado no Maranhão, é preciso que a gente tome todo o cuidado do mundo para evitar que doenças venham a proliferar no estado do Maranhão, atingindo também as pessoas mais isoladas, as pessoas que foram mais atingidas pela chuva. Posso dizer para vocês que tudo aquilo que for necessário fazer nós vamos fazer com a maior rapidez, como fizemos no estado de Santa Catarina.

Eu queria alertar os companheiros e as companheiras, prefeitos e prefeitas – e a Roseana sabe disso porque já foi governadora, já foi líder do governo no Congresso Nacional – é que tem um certo ritual para fazer as coisas, de cumprimento de leis, que nem o presidente da República e nem o prefeito podem transgredir, porque senão a gente não pode utilizar o recurso. Tem uma série de quesitos que a gente tem que apresentar para poder liberar o dinheiro. Se não tiver os quesitos, não adianta, porque nós não temos como liberar o dinheiro, ora porque estaríamos descumprindo a lei, ora porque o Tribunal de Contas vai dizer que não pode, e ora porque quando fizermos equivocadamente, o Ministério Público vai acionar quem fez a coisa equivocada.



Então, nós precisamos, em todas as áreas em que for necessário, cumprir um certo ritual para que a gente possa liberar os recursos. Quando a coisa é bem-feita, o dinheiro sai mais fácil. Às vezes, a coisa é difícil e é preciso que a Governadora... Certamente, com a experiência que tem, vai assumir a coordenação junto aos prefeitos e ajudar a preparar, não apenas um levantamento da real necessidade e dos prejuízos que tiver a cidade, mas também aprontar a papelada corretamente para que, indo a Brasília, a gente possa... tem que mandar fazer uma medida provisória para que o Congresso libere o dinheiro. Afinal de contas, todos nós lidamos com dinheiro que não é nosso, é dinheiro público.

Agora, eu posso dizer aos prefeitos e dizer à Governadora que não faltará, da parte do governo federal, recursos para que a gente possa devolver ao estado do Maranhão as condições de voltar a conviver na normalidade. Eu sei que um problema desses traz muitos transtornos, traz muito sofrimento, traz prejuízo - aqui tem uma família que eu vou receber daqui a pouco, que são parentes de pessoas que morreram no desbarrancamento que teve aqui em São Luís. Nós já vivemos isso em outros momentos, quando tem uma enchente dessas, e a gente não pode nem reclamar muito, nem xingar muito, porque essas coisas da natureza, quando elas vêm, elas não pedem licença, não avisam antes, ou seja, elas vêm porque tem que vir e nós temos apenas que ser corajosos, ser otimistas, que a gente pode vencer mais esse obstáculo.

A minha vinda aqui... eu gostaria de ter parado em alguma cidade, ter podido conversar com o povo, como eu fiz lá em Teresina. Lamentavelmente, um dia é muito pouco para isso, mas os ministros continuarão vindo aqui. Nós só pararemos de vir aqui quando estiver tudo acertado, as coisas que nós temos que fazer.

Só para terminar, eu queria pedir aos prefeitos e, sobretudo, à Defesa Civil: tem um levantamento preliminar feito pela Governadora. Ela só vai saber do estado real quando a chuva parar, a água descer, aí é que a gente vai fazer



o levantamento correto do que foi o prejuízo dos agricultores, do agronegócio, dos professores, das salas de aula nas escolas, das coisas que as pessoas perderam dentro de casa, para a gente poder, então, a partir daí, começar a recuperar esse processo.

Eu penso que nós temos que ter em conta que se trabalharmos juntos – governo federal, governo estadual e os governos municipais – a chance de nós fazermos a recuperação mais rápida é muito maior.

Então, eu quero, neste momento, que a gente tenha um único compromisso, uma única dedicação. As divergências políticas, deixem-nas colocadas em um canto da mesa, as eleições só vão acontecer em 2010, para prefeito só vão acontecer em 2012. A gente tem que deixar, neste momento, qualquer rusga que a gente tiver com o outro de lado e pensar na coisa mais nobre deste momento, que é devolver a normalidade ao povo do estado do Maranhão e, sobretudo, devolver o direito às coisas que as pessoas perderam. Algumas pessoas que perderam, podem comprar amanhã. Outras que perderam, possivelmente tenham que trabalhar outra vez a vida inteira para conseguir adquirir esse bem. Então, a dedicação é essa, neste momento.

Nós vivemos um ano que não é um ano extraordinário, porque nós temos uma crise internacional. Essa crise criou problemas em todo o mundo e também no Brasil. As receitas estão caindo. Nós já resolvemos parte dos problemas dos prefeitos garantindo o FPM do ano passado, que foi o maior da história do FPM no Brasil. Mas eu posso dizer para vocês: mesmo com o governo federal arrecadando menos, não faltará dinheiro para a gente recuperar o estado do Maranhão, o estado do Piauí, o estado do Rio Grande do Norte, e outros estados que tiverem problemas com a chuva, certo?

No mais, meus agradecimentos. Eu não sei se depois nós vamos ter uma reunião específica. Não sei o que vai acontecer agora, porque o mestre de cerimônias faltou ao trabalho, né? Mas, de qualquer forma, hein? De qualquer forma, eu queria apenas dizer para vocês: preparem as coisas com o maior



carinho.

Eu vou dizer uma frase para vocês, [para] que vocês guardem: se o governo estadual e o governo federal tiverem muito dinheiro e não aparecerem projetos consistentes, esse dinheiro não vale nada. Agora, mesmo que a gente não tenha dinheiro, se aparecer um projeto consistente, eu duvido que alguém se recuse a dar dinheiro para um projeto que seja consistente. É o projeto que faz o dinheiro e não o dinheiro que faz o projeto.

Portanto, companheiros prefeitos e prefeitas, preparem direitinho as coisas para que a gente comece pedindo a Deus que uma parte dessas nuvens negras que estão aí se dirijam para o Rio Grande do Sul, para Santa Catarina e para o Paraná, onde nós estamos precisando de um pouco de chuva. Que pare de chover aqui e que vá correndo para lá, para que a gente possa começar a consertar os estragos feitos aqui, e para que os gaúchos, os catarinenses e os paranaenses possam produzir tranquilamente, porque estão precisando de água.

No mais, um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração ao Dia do Diplomata**

Palácio Itamaraty-Brasília-DF, 07 de maio de 2009

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Embaixatriz Ana Maria Amorim,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, nosso querido secretário-geral das Relações Exteriores e paraninfo da turma Villa-Lobos,

Embaixador Fernando Reis, diretor-geral do Instituto Rio Branco,

Secretário Marcos Vinícius Moreira Marinho, na pessoa de quem cumprimento os formandos da turma Heitor Villa-Lobos,

Senhoras e senhores familiares dos formandos,

Senhoras e senhores diplomatas,

Amigos e amigas,

Antes de ler o meu discurso, uma resposta ao Celso. É o seguinte: ele nem acabou de preencher as 400 vagas e já reivindicou mais. O dado concreto, Celso, é que eu penso que depois dos anos que o nosso país passou sem crescer economicamente, sem crescer socialmente, depois que o nosso país durante tanto tempo cedeu ao discurso do Estado mínimo e do mercado máximo, e que as coisas foram se deteriorando neste país, e depois que a gente começou a recuperar o papel do Estado - de o país voltar a crescer, de fazer políticas sociais, de ter mais altivez nas nossas relações internacionais -, eu não tenho dúvida de que duas coisas vão acontecer.

Primeiro, eu mesmo tive uma lição importante, que foi a lição de garantir – pelo menos no meu governo nós não mandamos nenhum projeto de lei – que



não é possível que a gente não leve em conta o tempo de carreira do embaixador. Às vezes, para chegar ao cargo máximo leva 40 anos, 38 anos, as pessoas passam esperando a vida inteira para ter um cargo importante e, quando entra um novo governo, coloca um político derrotado no lugar do embaixador. Isso parece fácil, mas eu acho que não tem nada mais importante para valorizar e motivar a carreira do que a gente garantir a fluidez do tempo que as pessoas têm que ocupar os seus cargos. Essa foi uma lição que eu tive, do primeiro para o segundo mandato.

A outra coisa é que eu não tenho dúvida nenhuma de que quem vier, a partir de 2010, com a dinâmica da política internacional brasileira, as pessoas saberão que é preciso contratar mais gente. Não precisamos chegar aos 14 mil dos Estados Unidos, até porque nós não queremos ter tanta ingerência, nós queremos apenas fazer diplomacia.

Como já está muito adiantado o horário e eu criei o projeto Fome Zero, não vou ficar aqui fazendo discurso porque... público é que nem passarinho novo, a primeira imagem que fica é daquele que deu a primeira comida para ele. Se eu fico aqui falando muito tempo, a imagem que vocês vão ter do governo não [será] a melhor possível.

Eu queria dizer para vocês algumas coisas. Eu não vou ler o meu discurso porque ele está um pouco... o Celso já falou. Acho que a mesma pessoa que escreveu o teu, escreveu o meu. Outras coisas o Samuel já falou de improviso. Eu queria dizer, sobretudo, a vocês jovens que estão se formando hoje. Certamente, vocês terão no futuro muito mais trabalho do que os nossos diplomatas têm no presente e do que muitos tiveram no passado, eu diria, mais recente também.

Em política tem uma coisa que o Brasil fez [durante] muito tempo, depois o Brasil desaprendeu, e o Brasil está aprendendo: é que não é possível nenhum interlocutor ser respeitado, se ele não se respeita. O tempo em que um diplomata brasileiro achava que o Brasil não poderia participar de nada,



porque o Brasil era pequeno, porque o Brasil não tinha inserção na economia, isso acabou. A gente não tem importância pela quantidade de dinheiro que a gente tem, a gente não tem importância pela quantidade de bombas atômicas que a gente tem, a gente não tem importância apenas pela quantidade de conhecimento tecnológico que nós temos. A gente tem importância pelo nosso comportamento e, sobretudo, pelos nossos objetivos.

Se nós traçamos um objetivo, na nossa vida e na vida de um país, de conquistar espaços políticos, nós sabemos que é preciso trabalhar, abrir espaços, porque em política ninguém dá espaço de graça para ninguém. Não esperem benevolência, não esperem que alguém vá ter reconhecimento sobre vocês, se vocês não fizerem por merecer.

E eu acho que é esse o momento que o Brasil vive. Eu posso dizer a vocês que quanto mais o Brasil tiver importância no cenário político mundial, mais humildade vocês precisam ter. A arrogância estará falida na diplomacia de um país como o Brasil, até porque não faz parte da nossa índole, não faz parte das características do povo brasileiro a arrogância - se bem que temos - nós também não somos imunes.

Mas o grande trabalho que vocês terão pela frente é o trabalho de consolidar o que nós começamos a fazer. Não pensem que foi fácil recuperar o Mercosul, não pensem que foi fácil a gente derrotar a idéia da Área de Livre Comércio, a Alca, que os Estados Unidos queriam impor ao Brasil na década de 90. Não pensem que foi fácil construir a Unasul, não pensem que foi fácil a gente fazer muitas das coisas que nós queríamos fazer.

Eu vou contar um dado para vocês, sem nenhuma arrogância, [sobre] o G-8 do ano passado. Eu fui a Berlim no ano retrasado. Quando nós tivemos uma reunião do G-5 (China, Índia, Brasil, [México] e África do Sul) nós aprovamos um documento. Chegamos em Berlim, nós fomos para a mesa e eu fui o orador do G-5. Entreguei o documento para a Angela Merkel e ela concordou com o meu documento: "Não, o G-8 aceita o seu documento". Eu



disse: minha querida, o teu documento é antagônico ao meu, como é que você aceita o meu assim? Ou seja, eles não falam a mesma língua. [Eu disse]: vocês estão dizendo uma coisa e nós estamos dizendo outra. Aí eu comuniquei que eu não iria mais ao G-8. É um cafezinho muito caro. Pegar um avião daqui para Berlim para fazer aquela reunião que a gente fazia... Sempre é importante, porque tem uma relação de conhecimento, você sempre conversa com alguém. Mas o dado importante é que eu disse que não ia mais, comuniquei ao Celso que não ia mais, que não dava para fazer uma reunião, digo, uma viagem de 12 horas para chegar lá, ficar 10 minutos em uma reunião [em que] eles já tinham decidido tudo, já tinham elaborado tudo. Eles podem continuar fazendo a reunião deles, mas eu não sou obrigado a ir.

Bem, a partir desse momento - tínhamos combinado isso com a Índia, que também disse que não iria mais; com a China, que também disse que não iria mais - a partir daí, o G-8 começou a mudar, e já começou a se fazer o discurso de que não tinha mais nenhuma razão de ter G-8, era preciso ter G-13 ou G-14. De vez em quando eles arrumam um país a mais para colocar, e como nós somos como coração de mãe, quanto mais arrumar, mais a gente aceita, vai colocando... Nós não temos preconceito de entrarem mais países. O dado concreto é que o G-8 já não é mais G-8, o G-13 não é mais G-13, o G-14 não é mais G-14.

O dado concreto, depois da reunião de Londres, do G-20, é que o que ficou configurado de articulação política mundial que pode decidir, em momentos de crise, é exatamente o G-20. Vejam que nós demos um passo extremamente importante. Eu ouvi um discurso do Obama, Celso, que me chamou a atenção, lá, em uma das reuniões. Ele disse o seguinte: “antigamente era fácil tomar decisões em políticas internacionais. Por exemplo, Roosevelt e Churchill se sentavam em torno de uma mesa, tomando uma bebida quente, e tomavam decisões para o mundo inteiro”. Hoje, não é mais assim. Hoje nós temos que saber a diversidade de países importantes que tem,



a diversidade de países que têm importância econômica, tecnológica, militar, diplomática. O mundo está muito mais complicado do que naquele tempo. Portanto, é preciso mais paciência, mais perseverança e mais vontade de fazer as coisas para que elas aconteçam.

Eu me lembro que quando nós entramos aqui, nós tínhamos muito mais animosidade histórica com a Argentina, do que animosidade na prática. Era muito preconceito contra algumas coisas. Contra a América do Sul, contra a América Latina, contra países pequenos, muito preconceito contra a África. A nossa cabeça raciocina onde os nossos pés pisam. Se um de vocês, recém-formado, for trabalhar em Moçambique, daqui a oito meses quando vocês vierem fazer a primeira visita ao Itamaraty, vocês estarão falando exatamente a linguagem do povo de Moçambique, aquilo que eles pensam. Vocês estarão vendo o mundo, mais ou menos, de onde eles vêm o mundo. Mas se vocês forem para Paris vocês estarão vendo também, de lá, o restante do mundo. Essa compreensão de que a cabeça pensa onde os nossos pés pisam não pode valer para a diplomacia brasileira. A nossa cabeça tem que ser mais ampla, mais arejada, e saber que poucos países do mundo têm a inserção que nós poderemos ter, pela simpatia que tem. E vamos reconhecer aqui: uma coisa é pela competência do Itamaraty, uma coisa é pelo centro de excelência que é o Itamaraty. Mas as pessoas já vêm o Brasil com simpatia pelo futebol. Cada jogador desses, famoso no mundo, virou um representante do Brasil em parte do mundo. Nós somos conhecidos pelo samba, os nossos mulatos e as nossas mulatas já são um pouco da cara da gente. As pessoas vêm a gente com essa leveza que não vêm um americano, que não vêm um russo, que não vêm um chinês. Essa é uma vantagem comparativa do Brasil, no meu modo de ver. Juntando tudo isso à competência do [Instituto] Rio Branco, nós então viramos esse centro de excelência que nós somos hoje no mundo.

Eu, como leigo, posso dizer para vocês que poucas vezes eu vi diplomacia tão respeitada e admirada quanto a brasileira, elogiada em qualquer



país do mundo. E não falo isso agora porque sou presidente, não. Eu e o Marco Aurélio viajamos muito, e essa é a vantagem de quem perde muitas eleições para presidente, e eu perdi três. Eu viajava muito o mundo e em cada lugar que nós chegávamos o Brasil era elogiado pela excelência da nossa diplomacia. Se a gente juntar essa excelência de conhecimento teórico da nossa diplomacia com o forte conteúdo político - eu não vou contar aqui a pergunta que se fazia para alguns alunos, não. Eu vou... se tem pistolão? Não vou contar isso aqui porque tem jornalista aí.

Eu acho que nós vivemos um momento de ouro. Obviamente que todos nós ficamos lisonjeados com a quantidade de elogios. Eu acho que o Brasil, nesses últimos 45 dias, teve mais artigos escritos favoravelmente ao Brasil no mundo inteiro, do que nos últimos 100 anos. Como eu não leio em inglês... mas eu já não aguento mais receber a Newsweek, já não aguento mais... Agora, prestem atenção: se algum diplomata brasileiro achar que porque o El País, o Le Monde, o New York Times e tantas outras “times” por aí estão falando bem da gente, [isso] é motivo de a gente ficar presunçoso, tome cuidado porque a gente quebra a cara. A gente também não pode trabalhar com a ilusão dos elogios. Por conta de elogios, um homem levou um império à decadência total, que foi o nosso amigo Gorbachev, que saía todo dia na imprensa brasileira, na primeira página. Eu já conhecia mais a mancha da testa dele do que o Marco Aurélio Garcia, porque era Folha, era Estadão, era Globo, era em todo jornal do mundo. [Quando] você começa a acreditar muito nisso e para de olhar o teu chão, você começa a fazer política a partir dos elogios e esquece a realidade. Aí é o caminho do fracasso.

Então, eu queria dizer para vocês, para terminar, que vocês estão começando, possivelmente, uma das carreiras mais brilhantes que um ser humano quer trilhar. Ou seja, a carreira de um homem, de uma mulher, que aceita a responsabilidade de morar nem sempre em lugar confortável, nem sempre em países que têm todas as condições do mundo. Eu conheço o nosso



pessoal de países africanos, e eu sei que a situação é muito delicada, sei. Mas esse é um aprendizado também, e uma coisa extraordinária que ajuda na formação do caráter e da qualidade do diplomata brasileiro. Se todo mundo quiser ir só para Paris, só para Londres, só para... aí, não tem espaço para todo mundo.

É preciso que haja essa compreensão de que nós vamos abrir mais embaixadas, de que nós vamos ter mais funcionários, de que nós vamos ter mais inserção no mundo, e muito disso vai depender do trabalho de vocês. Eu não tenho dúvida nenhuma de que eu tenho hoje, depois de conhecer esta Casa um pouco mais, depois de conviver com tanta gente extraordinária, eu não tenho dúvida de dizer para vocês que vocês entraram em uma das carreiras mais brilhantes que este país tem, e entraram em uma Casa que é um centro de excelência, não apenas de competência profissional mas, sobretudo, de responsabilidade em defesa da soberania do nosso país.

Por isso, eu quero desejar a todos vocês toda a sorte do mundo. Aos familiares, que tenham paciência, porque muitas vezes vão ficar meses sem ver o filho, meses sem ver a filha. Eles vão logo, logo, se engajar, porque agora acabou aquela moleza do cidadão se formar e ficar aqui o tempo inteiro porque não tinha para onde ir. Porque se não tinha embaixada, você ia mandar para onde? A nossa idéia é de abrir mais embaixadas para que a carreira de vocês possa fluir com muito mais rapidez e para que a gente possa ganhar, enquanto nação, cada vez mais respeitabilidade no mundo.

Que Deus abençoe todos vocês.

Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Trem do Pantanal**

Campo Grande-MS, 08 de maio de 2009

Meu querido companheiro André Puccinelli, governador do Mato Grosso do Sul, e senhora Elizabeth Puccinelli,

Companheiros ministros Luiz Barretto, do Turismo; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Deputado Jerson Domingos, presidente da Assembléia Legislativa do Mato Grosso do Sul,

Senadores Delcídio Amaral e Valter Pereira,

Deputados federais Antônio Carlos Biffi, Geraldo Resende, Vander Loubet e Waldemir Moka,

Nosso querido companheiro Nelson Trad, prefeito de Campo Grande e sua senhora Maria Antonieta Trad, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos presentes,

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Senhora Adonai Aires de Arruda, presidente da Serra Verde,

Senhor Adonai Aires de Arruda, presidente da Serra Verde Express,

Companheiros, companheiras,

[Quero] cumprimentar a Priscila também,

Vamos agora ver uma coisa importante que está acontecendo aqui no estado do Mato Grosso do Sul. O que é extremamente importante é que o que está acontecendo hoje aqui é uma coisa prevista há muito tempo. Primeiro, o primeiro trecho desta ferrovia foi feito em 1914. Certamente nenhum de nós aqui tinha nascido quando esta ferrovia foi feita. Durante décadas e décadas, esta ferrovia serviu ao desenvolvimento do estado do Mato Grosso do Sul. Esta



ferrovia, eu me lembro que ela saía de Bauru e chegava até Brasília. Depois ela ia a Corumbá, de Corumbá ia para a Bolívia. Durante décadas o Mato Grosso do Sul desfrutou dos benefícios desta ferrovia.

Mas, um belo dia, alguém neste país entendeu que ferrovia não era mais importante, e aí começou um processo de desativação das ferrovias ou privatização das ferrovias. Esta ferrovia aqui, ganhou um grupo americano que, em 1996 ou 1995, desativou definitivamente a ferrovia por abandono. Depois, com a graça de Deus, apareceu aqui uma empresa concessionária, a LL, que resolveu recuperar a ferrovia, e apareceu a nossa querida Serra Verde, que resolveu assumir o compromisso de colocar o trem de turismo e explorar isso no estado do Mato Grosso do Sul.

Agora, vamos ver... Puccinelli, vamos ver uma coisa importante: dia 11 de outubro de 2003. Eu não conhecia o Puccinelli, eu não conhecia o Nelsinho, eu não conhecia muita gente aqui, a não ser os meus companheiros do PT. Vamos ver o que eu disse aqui, o que eu disse no dia 11 de outubro de 2003, por ocasião das comemorações do 26º aniversário de Mato Grosso do Sul, no discurso que eu fiz em Corumbá, anunciando a revitalização do Trem do Pantanal e, no mesmo dia, eu anunciei a criação do Ministério do Turismo.

No mesmo dia eu tinha ido a Porto Alencastro, na fronteira entre Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, [inaugurar a ponte] que começou a ser construída no dia 4 de novembro de 1993 e foi paralisada cinco vezes. Vamos ver aqui o que eu dizia. Eu dizia o seguinte, no dia 11 de outubro de 2003: eu estive, três meses atrás na Espanha, conversando com empresários espanhóis. Fizemos um grande debate e confesso a vocês que não sei porque alguns empresários não se apresentaram ainda, tentando utilizar um trecho daquela ferrovia Trem do Pantanal para fazer um grande pólo turístico nessa região. Espero que os empresários brasileiros descubram que nessa região, além da indústria do minério de ferro, da soja, do gado, é importante ter em conta que o turismo pode ser, e certamente será, em um futuro muito próximo,



uma das maiores fontes de riqueza e de geração de empregos em todo o estado do Mato Grosso do Sul.

Acho que nós estamos pisando aqui em um dos maiores tesouros turísticos do mundo, não só do Brasil. É importante termos clareza de que o mundo precisa saber que o Pantanal existe. Se quisermos que haja investimento, nós é que temos que sair pelo mundo vendendo a beleza que representa o Pantanal para aqueles que defendem a biodiversidade, para aqueles que defendem a manutenção do ecossistema sustentável e, saibam, que se depender da minha vontade, eu serei garoto propaganda do Pantanal em qualquer lugar do mundo...Depois eu falo do Corinthians.

Vejam, eu fiz questão de falar [fazer] esse discurso porque muitas vezes nós somos induzidos, por falta de informação correta, a saber como é que as coisas funcionam neste país, e às vezes as coisas demoram mais do que a gente teria vontade que elas demorassem. Mas demoram por “n” coisas. O que é importante agora é que hoje eu tive o prazer de viajar durante uma hora e meia, de Aquidauana a Palmeira, uma hora e meia, em um trem em que algumas pessoas reclamaram - vejam que absurdo – reclamaram que o trem anda devagar.

Uma pessoa que pega um trem para fazer turismo, tudo o que a pessoa não quer é pressa. Até porque se o que andasse rápido fosse bom para fazer turismo, a gente iria de avião. Ou seja, o que é importante é que o trem é para que a gente possa admirar, ver, apreciar e degustar a beleza de cada coisa que tem no trajeto dessa ferrovia. Na primeira parte, serão 210 quilômetros até Miranda, até Miranda. Serão 210 quilômetros percorridos a 30 quilômetros por hora, com duração de oito horas de trem.

Eu aqui quero já assumir um compromisso com vocês: o segundo trecho, que vai de Miranda a Corumbá, que será de 249 quilômetros, inicia as operações – aqui no meu discurso está dito 2011 – mas eu vou olhar para vocês e vou dizer para vocês que em 2010 a gente vai vir inaugurar o outro



trecho de Miranda a Corumbá.

E qual é o outro compromisso que eu vou assumir: companheiros aqui do Mato Grosso do Sul, companheiro Governador. É que quando eu deixar a Presidência da República, no dia 31 de dezembro de 2010, ainda no mês de janeiro, eu quero fazer a viagem de trem de Aquidauana a Corumbá, ou seja, aí sim, eu vou fazer a passeio, sem ninguém para pedir para tirar fotografia, sentadinho em um vagão, com a Dona Marisa, apreciando cada borboleta, cada vagalume, e cada coisa bonita que o Pantanal oferece.

A verdade é que o Pantanal começa mesmo a partir de Miranda, a partir de Miranda. Eu estava dizendo ao companheiro Puccinelli, que ele poderia, para fazer o trem ficar mais charmoso, mais verdadeiro e mais, eu diria, representando o Pantanal, ele deveria agradecer a nós turistas, soltar uma onça em um vagão, um jacaré no outro, uma sucuri no outro, para que a gente tivesse contato direto com a realidade do Pantanal. E que o trem pudesse parar em uma ponte no rio Miranda, para a gente pegar um pacu ou pegar um pintado.

Bem, a viagem para vocês começa no dia 16 de maio. É verdade, Serra Verde? Dia 16 de maio, quem quiser fazer a viagem de Campo Grande até Aquidauana, eu não vou dizer os preços - não, Miranda ainda não – mas nós fomos a Aquidauana, já tem até Miranda.

Mas olhem, eu não vou dizer os preços aqui, mas tem classe: primeira classe, tem vagão leito, vai ter restaurante, vai ter econômica, ou seja, tem trem para qualquer gosto. Serão oito vagões que vão poder agradecer os turistas que vierem a Mato Grosso do Sul e os companheiros do Mato Grosso do Sul que quiserem adentrar ao interior deste país.

Pois bem, dito isso, eu queria dizer para vocês... escutem o que eu estou dizendo aqui, porque daqui a alguns anos, a gente pode provar. Na hora em que este trem chegar até Corumbá, na hora em que a gente puder afirmar, em qualquer lugar do mundo, que a pessoa pode andar 249 quilômetros de



Miranda até Corumbá em um trem que anda a 30 quilômetros por hora, portanto devagar, é um trem para turista, não é um trem para executivo. É um trem para turista, não é um trem para quem tem pressa de chegar, é um trem para quem nunca quer chegar, porque quer que as coisas andem devagar para ele poder se divertir. Quando esse trem estiver funcionando, daqui a dez anos [dez anos depois], a gente vai ver o que mudou na história do turismo no estado do Mato Grosso do Sul. A gente vai ver, porque não adianta a gente dizer que tem lugares bonitos se a gente não tiver infraestrutura e se a gente não tiver meios seguros de locomoção. E nada é melhor do que um trem. Um trem é melhor do que avião, um trem é melhor do que carro, um trem é melhor do que qualquer coisa, porque é mais seguro, mais tranquilo e a gente vai ter tempo de ver a paisagem por completo aqui do Pantanal.

E eu espero... Vejam, eu não tenho como influir, é importante ter claro isso. A decisão dos estados [onde vão se realizar] que vão realizar a Copa do Mundo é da Fifa. A gente não tem como influir. Obviamente que eu gostaria que fosse nos 27 estados brasileiros, cada estado ser sede de um pedaço da Copa, mas eu tenho certeza absoluta de que se os organizadores da Copa do Mundo – não sei se já vieram aqui – e se vocês já levaram ao Pantanal e eles olharam com os olhos de quem querem ver o Pantanal, eu posso dizer para vocês que eles devem estar em uma encruzilhada muito grande se quiserem fazer uma Copa do Mundo no Pantanal, eles vão ter muita dificuldade de não escolher o Mato Grosso do Sul. Vão ter muita dificuldade.

Agora, isso não depende de nós. Agora, se a Copa do Mundo for uma das sedes aqui em Campo Grande e o mundo começar a ver o Pantanal, eu penso que nós mudaremos a história do turismo no Brasil a partir do Pantanal. E eu temo que muitos torcedores que vierem da Europa para ver a sua seleção jogar podem causar um transtorno. Porque em vez de ver a seleção jogar, eles vão estar vendo tuiuiú, vão estar vendo jacaré, vão estar vendo uma garça, vão estar vendo uma piranha, vão estar vendo qualquer coisa, porque eu acho que



eles não terão outra oportunidade de conhecer as belezas do Pantanal.

Por isso, meus companheiros, eu quero dizer para vocês que hoje é dia de festa. Eu estou enrolando aqui para ver se o trem chega antes de eu parar de falar, mas me parece que o trem vem a menos de 30 por hora agora e vai demorar um pouco e eu tenho que voltar para Brasília.

Eu quero dizer para vocês que hoje é um dia muito feliz, porque nós estamos concluindo um compromisso que nós assumimos no dia 11 de outubro de 2003 e vamos assumir e eu quero participar da inauguração do trecho Miranda-Corumbá, porque aí a gente vai cobrir o Pantanal inteirinho e o Mato Grosso do Sul vai se transformar em um dos estados mais importantes para o turismo brasileiro.

Gente, um abraço, boa sorte ao povo do Mato Grosso do Sul e que a Fifa olhe por nós. Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração do aniversário de 50 anos do Sindicato dos
Metalúrgicos do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 12 de maio de 2009

Eu saí de perto da Marisa porque quando eu começo a falar demais ela puxa o meu paletó. Então, eu saí. Às 10h30 em ponto eu tenho que sair daqui porque o avião está parado no aeroporto de Congonhas, e depois das 11h eu não posso levantar voo. Até poder, pode, por ser o presidente, mas se eu fizer isso, vai sair uma “materinha” na imprensa [dizendo] que o presidente não respeitou a Lei do Silêncio. Então, para evitar isso, já que a imprensa fala muito bem de mim, eu não quero dar pretexto.

Eu quero cumprimentar a nossa querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

A minha companheira Marisa Letícia,

Os deputados federais Vicentinho e Ricardo Berzoini, presidente do PT,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Marinho, prefeito de São Bernardo,

Quero cumprimentar o Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Os prefeitos Emídio de Souza, de Osasco; Mário Reali, de Diadema; e o nosso querido Oswaldo Dias, de Mauá,

Quero cumprimentar o companheiro Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi e ex-presidente... Você não está aqui como presidente do Sesi, mas como ex-presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo,

[Quero] cumprimentar a nossa companheira Carmen Helena, vice-presidente da CUT nacional,

[Quero] cumprimentar o companheiro Feijóo, o companheiro Guiba, o



companheiro Paulo Vidal,

[Quero] cumprimentar o nosso querido companheiro Grana, que está aqui escondido, ao lado do Vicentinho,

[Quero] cumprimentar o nosso companheiro Lino Ezelino,

[Quero] cumprimentar o Orisson Saraiva, membro da primeira diretoria e primeiro secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos,

[Quero] cumprimentar a tia, que está aqui do meu lado, mais bonita do que nunca,

O problema de vir aqui neste sindicato é o seguinte: eu fico olhando a fisionomia das pessoas e a minha relação com muitos aqui é de mais de 30 anos. Mas não é uma relação de 30 anos, descontinuada. É uma relação continuada porque eu deixei de ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos em 1980, com a cassação, mas eu nunca deixei de frequentar este sindicato e sempre o tratei como se eu ainda fosse companheiro de primeira hora de todos vocês.

Então, eu vejo os companheiros... Para mim, de vez em quando, ainda esqueço, quando estou dormindo no Alvorada, eu falo: acho que eu ainda tenho que ir na porta de fábrica amanhã fazer uma assembleiazinha. Mas o tempo passa e eu não poderia... [Quero] dizer para vocês que desses 50 anos do Sindicato, eu tenho, pelo menos desde 1968, 25 de setembro de 1968, quando eu me filiei a este sindicato. Eu tenho uma relação, portanto, de quase 40 anos, direta ou indiretamente, com este sindicato. Diretamente, nos anos em que eu fui delegado na Villares; depois, nos anos em que eu fui primeiro-secretário, com o Paulo Vidal na presidência; depois, nos anos em que eu fui presidente; depois, nos anos em que eu continuei dando palpite neste sindicato aqui, sempre a convite dos companheiros que eram eleitos: Marinho, Vicentinho, Guiba e Meneguelli, e o Nobre agora vai ter essa experiência. Só dou palpite se houver concordância [que eu dê] os meus palpites, senão, eu



fico quieto.

Mas eu não poderia... eu estava vendo aqui... eu fiquei feliz quando eu cheguei aqui e vi dois companheiros históricos deste sindicato, dois inclusive, opositoristas ferrenhos à chapa que nós fizemos em 75, companheiros com quem eu sempre tive uma extraordinária relação: o companheiro Luciano, da Ford, e o companheiro Julião, dois irmãos que faziam uma oposição ferrenha, fizeram uma chapa de oposição, em 1975. Para mim, o que é importante, e como eu prezo muito a relação de amizade, embora a gente estivesse em chapas diferentes, eu nunca perdi a relação de amizade com esses companheiros e de respeito.

Eu não poderia deixar de ver aqui três figuras que são, acho que mais velhas do que o Sindicato, do ponto de vista histórico, não de idade: dr. Maurício, dra. Nébia, dr. Possidônio, três figuras... eu acho que todos nós que passamos pela presidência, sobretudo eu, particularmente, o Paulo viveu também esse período, mas eu acho que não havia quem prescindisse destas figuras, depois... ainda no meu tempo, acompanhado pelo doutor Teles. Todo mundo ouvia o Cruz dar palpite, porque o Cruz era uma espécie de conspirador, conspirador... o Cruz ficava sempre fazendo a estratégia secreta dele.

Agora, o fato concreto é que 50 anos na vida de um sindicato não é nada. Cinquenta anos são muita coisa na vida de uma pessoa quando não se cuida, porque quando se cuida, como o Lino Ezelino e o Orisson, você percebe que os anos também passam despercebidos. Eles só tiveram dificuldade de subir a escada, um pouquinho. Mas, também, poderia fazer a escada para descer e não para subir. Ainda haveremos de inventar isso. Mas a gente percebe que 50 anos na vida de um sindicato é nada, é como se fosse um ano na vida de uma pessoa. Agora, eu estou vendo aqui muitos companheiros que pertenceram à vice-diretoria do Paulo, depois pertenceram à minha diretoria. Para a gente eleger um primeiro vereador aqui... Eu estou vendo o Mario



Ladeia, eu vi o Mario Ladeia até agora há pouco, acho que ele foi embora de cansado, porque a idade também tem esses problemas de as pessoas não conseguirem ficar em pé muito tempo. Mas o Mario Ladeia foi o primeiro vereador eleito por este sindicato, em 1968, se não me falha a memória, ou 72...68. Depois nós fizemos uma campanha para o Antenor Biolcatti. Para o Antenor Biolcatti se eleger, a gente fazia Imposto de Renda para os associados. Então, para ele ficar conhecido na categoria a gente colocava ele à mesa para fazer inscrição dos metalúrgicos que vinham aqui fazer. E ele só queria fazer a inscrição do pessoal que mora em Santo André, porque ele morava em Santo André e era candidato a vereador lá em Santo André. Eu não posso esquecer o nome do Zé Ferreira. O Zé Ferreira está aí, é aquele baixinho, gordinho, ali – não, não é este aqui, este aqui é o vereador – mas aquele velhinho ali trabalhava na Carraço, trabalhava na Carraço, na mesma fábrica que trabalhava o Frei Chico. Na verdade, não era para eu ter sido diretor do Sindicato, era o Frei Chico. Como ele não quis, o Mauro Ladeia, o Paulo Vidal e o Afonso foram me convencer de que eu deveria vir a ser diretor do Sindicato.

Bem, então, eu fico vendo as pessoas, fico lembrando, e fico imaginando quantos que a gente não está vendo aqui, mas que deram uma contribuição extraordinária para que a gente chegasse até hoje, do jeito que nós chegamos, neste sindicato. Eu estou aqui na frente do Ricardo Berzoini, que foi presidente do Sindicato dos Bancários, que foi um sindicato sempre muito avançado, sempre muito combativo, e eu estou percebendo que foram poucos os sindicatos que deram um salto de qualidade. Eu me lembro que os bancários, quando nós começamos aqui, a primeira relação que eu tive com os bancários foi em 1978, com o companheiro Augusto, que era candidato a presidente do Sindicato dos Bancários. Travei uma relação de amizade, com o Augusto, extraordinária, uma relação em que a gente era quase irmão de briga. De lá para cá, eu acho que os Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Bancários



trabalham muito juntos. O dos Bancários, certamente, fundado há muito mais tempo do que o Sindicato dos Metalúrgicos. Mas não é demérito para nenhum sindicato, não é demérito, nenhum companheiro veja isso como demérito. Mas a verdade é que não tem nenhum sindicato no Brasil que adotou a prática democrática que este sindicato adotou. A verdade é que este sindicato nasceu forte, ele nasceu muito forte. Nasceu forte porque aqui também nasceu o que tinha de mais moderno e avançado na classe operária brasileira, que eram os trabalhadores ligados à indústria automobilística. E obviamente que está muito ligado, muito ligado à grandeza de um sindicato, à grandeza da importância econômica da categoria que ele representa, a não ser que o dirigente sindical seja muito pelego e não queira fazer a diretoria do sindicato avançar.

Mas, imaginem o que é extraordinário – quando a gente vê, dentro da fábrica, companheiros que a gente chama para vir a uma assembleia e eles não vêm porque tiveram compromisso – imaginem dois companheiros com mais de 80 anos, que frequentam este sindicato desde que este sindicato foi criado, em 1959. É uma vida inteira. O Lino participou de muitas assembleias aqui, quando eu era presidente do Sindicato. Depois participou de outros atos, quando outros companheiros estavam no Sindicato, e era sempre homenageado como o sócio número um. Isso era motivo de desencanto para muitas pessoas, que às vezes ficam sócias um tempo, mudam de categoria, vão embora e não voltam mais. São pessoas dessa estirpe que fazem com que a gente acredite que existe diferenciação entre os seres humanos.

Todos nós somos formados da mesma essência, mas tem pessoas que têm mais disposição de luta, mais caráter, mais força de vontade do que outras. São pessoas assim que lutam a vida inteira, e só param de lutar no dia em que morrem. Quando morrem, fica um legado histórico que continua, ainda, servindo de exemplo para muita gente. É assim que a gente deveria se espelhar e contar essas histórias para que outras pessoas vissem como as coisas aconteceram.



Eu digo sempre o seguinte: um filho, quando chega à mesa para almoçar ou para jantar, que ele reclama da comida que a mãe coloca na mesa, que está faltando isso ou não está gostosa, ele não tem a menor dimensão ou o menor capricho de perguntar para a mãe qual o sacrifício que ela teve para fazer aquela comida, qual a quantidade de tempero que ela teve para fazer aquela comida. Ele só se senta e acha que está faltando alguma coisa. Muitas vezes, nós somos gananciosos, muitas vezes a gente esquece as vírgulas que a gente conquistou. Hoje, por exemplo, eu estava em Campinas inaugurando uma unidade da Petrobras, e tinha lá 14 jornalistas e 16 jornalistas [mulheres], e me chamou a atenção a quantidade de mulheres. Eu falei: eu espero que a maioria das mulheres que estão trabalhando aqui, não seja por causa do menor salário que as mulheres estão ganhando. E lembrei a elas, Paulo, que foi exatamente em 1976 que este sindicato aqui conquistou o salário substituto. A primeira vez... Nós brigamos... 1976, são quase 33 anos, e ainda hoje não é cumprido na maioria das empresas. Mas não é cumprido. Trabalho igual, salário igual, seja homem, seja mulher. No nosso tempo aqui, Paulo, mulher não trabalhava como soldadora. Hoje eu fui visitar uma termelétrica em Cubatão, e a primeira coisa que eu fiz foi me encontrar com 18 meninas soldadoras. Antigamente era uma profissão de homem, e de homem bruto, porque tinha insalubridade, porque se aposentava... Agora as mulheres estão sendo soldadoras. Nós, meu caro, estamos perdendo espaço e elas, que parecem mais franzinas, estão ocupando os espaços. É uma pena que essas conquistas todas chegaram tão tarde, porque eu já estou aposentado e não vou ter o prazer de ficar em casa e ver a Marisa trabalhando para me sustentar.

De qualquer forma, eu acho que a história deste sindicato é uma história de glória. Eu queria pedir para o companheiro Nobre e para a meninada que está na porta da fábrica... Vocês têm direito... É próprio da classe trabalhadora, é próprio da luta de classe, que cada conquista que a gente tenha, que cada conquista que a gente obtenha, que a gente vá querer mais uma no ano



seguinte. É próprio da natureza humana. Agora, é importante a gente querer sempre uma a mais sem esquecer das conquistas que nós já tivemos, porque senão a gente pode perder o que nós já conquistamos, por esquecimento.

É verdade que a gente ainda não tem muita organização dentro das fábricas, mas é verdade também que de vez em quando nós temos que questionar quantos dirigentes sindicais dão importância para a organização dentro das fábricas. Quantos? Também tem muito dirigente, Nobre, que não quer que a peãozada se organize dentro das fábricas não, porque peão organizado vira politizado, peão organizado começa a ter consciência e quer ocupar o lugar do dirigente. Então, muitas vezes, os dirigentes também não têm interesse de formar as pessoas, de politizar as pessoas e de ter muita organização dentro das fábricas.

Aqui neste sindicato nós não conquistamos a organização que nós temos por lei, não. Aqui, eu me lembro, quando a Volkswagen... O Sauer, em 1980, quando eu estava cassado, inventou uma comissão de fábrica para tentar desmoralizar a diretoria do Sindicato. E de companheiros nossos – porque a gente também acha que a gente não tem adversários – companheiros nossos, inclusive companheiros da ferramentaria da Volkswagen aceitaram prestar um serviço para a Volkswagen achando que a comissão da Volkswagen iria derrotar a diretoria. A gente estava fora do Sindicato, produzindo um material em um mimeógrafo emprestado, lá no Sindicato da Construção Civil. Está aqui o Nelsão que ia rodar mimeógrafo lá, sujar as mãos, para a gente entregar de manhã. E eles não conseguiram. Não conseguiram porque eles acertavam com a Volkswagen, a gente ia na porta da Volkswagen e desmontava.

Então, eu quero dizer, Meneguelli, que depois que vocês assumiram o Sindicato – você, Vicentinho, Guiba, Marinho, Feijóo – a conquista que vocês tiveram, do ponto de vista da organização do Sindicato, é uma conquista que os outros sindicatos brasileiros deveriam adotar. Eu me lembro de que, quando



nós montamos a primeira diretoria da CUT, estava cheio de diretores da CUT que não pagavam a CUT. Está cheio de gente que é boa do gogó para fora, mas na hora do “pega para capar”, o cara esquece. Uma coisa é aquela que a gente aprende: “faça o que eu faço”... Não. “Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”.

Se a gente olhar, no Brasil, a gente percebe que houve uma evolução extraordinária em algumas categorias. Em outras, as pessoas continuam sem avançar. Companheiros, eu vou lhes contar uma história. Eu entrei neste sindicato como delegado de base. Em 1969 eu tomei posse, no dia 24 de abril de 1969 eu tomei posse como delegado sindical. Naquele tempo, já tinha dirigente sindical que hoje ainda continua na direção do Sindicato.

Eu estou dizendo isso porque tem uma parte do processo que depende de nós. Depende de nós, depende da nossa crença, da nossa força de vontade, da nossa disposição de fazer as coisas. Se ficar achando que a Ford ia dar a comissão de fábrica... Quantas vezes o Betão foi mandado embora? Quantas vezes o Feijóo foi mandado embora, até a gente conquistar a comissão de fábrica? Quantos cadeados a gente teve que arrancar ali, com caminhão, na porrada? As pessoas acham que foi de graça. As pessoas acham que ter comissão de fábrica, comitê, para o local de trabalho na Volkswagen, na Ford, na Mercedes e em tantas outras empresas foi uma coisa que um dia o patrão acordou bonzinho e deu. Deu lhufas, lhufas. Foi conquista, conquista de trabalhadores anônimos, que muitas vezes perderam o emprego. Não estão aqui no meio de nós porque, certamente, não tiveram maturidade ou solidariedade para continuar na luta, mas eles foram responsáveis por isso. Isso são os 50 anos deste Sindicato. Figuras extraordinárias.

O companheiro Afonso precisa ser reconhecido, pelo seguinte: primeiro, ele foi injustamente, injustamente perseguido na década de 70. O Paulo estava, o Nelson estava, o Rubens estava, não sei se o Cavinato estava, em uma assembleia no Cine Anchieta, quando o Afonso pediu um minuto de



silêncio pelos presos políticos. Sabem quem estava presa? Dilma Rousseff. Com quantos anos, Dilma? Com 20 anos. O minuto de silêncio que o Afonso pediu em homenagem aos presos políticos envolvia a Dilma, uma menina com 20 anos de idade, que acreditava na utopia de que os militares estavam fazendo mal para o País, e queria, democraticamente, chegar ao poder. Não muito democraticamente. E não foi apenas presa, não. Ela foi torturada. Qual é a vantagem dela? Um dia desses eu descii com ela no quartel do 2º Exército, em um helicóptero, e ela ficou olhando, olhando, e falou: “Presidente, engraçado. Eu fui presa aqui, mas eu não tenho mágoa, eu não tenho rancor. Aquilo foi um processo, passou. Nós estamos em outro processo”.

O Afonso, depois, cumpriu um segundo papel importante, porque o Murilo Macedo era ministro do Trabalho, e ele andou vasculhando para ver se encontrava um cara para substituir a diretoria cassada. Tentou, até que o dr. Maurício me trouxe uma informação, dita pelo Joaquinzão ao companheiro do Sindicato (incompreensível) de Santo André, se não tinha uma pessoa – Parmeziani – se não tinha uma pessoa aqui que eu confiava e que eu indicasse para assumir a presidência do Sindicato. Eu peguei... O Afonso estava na Scania, e eu fui atrás do Afonso. Eu falei: Afonso, tem um papel difícil para você, meu filho. “Qual é?” Ser interventor do Sindicato. Ser interventor, e indicado pelo Ministro do Trabalho. O Afonso: “Não, mas eu estou bem”. Porque ele estava bem. Depois da perseguição toda, ele voltou, estava trabalhando na Scania, estava bem. O Afonso era um cara tranquilo. Até para tomar um copinho de cachaça normal, ele demorava uma hora no balcão, degustando a bichinha. Eu sei que aqui está o irmão do Afonso, está a família do Afonso, mas era assim. Era aquele cara tranquilo. Para falar boa noite, ele falava “b-o-a n-o-i-t-e”, com aquele jeitão de nordestino dele, tranquilo. Foi um trabalho convencer o Afonso para vir ser interventor. Aí precisava de quatro, aí fomos atrás do Ferreirinha: Ferreirinha, você precisa ser interventor também. “Mas eu?” Não, você vai ser interventor também. Aí fomos atrás do Janjão. O



Janjão tinha um problema porque ele era filiado ao PT, e não podia. Eu não queria que soubessem que ele era do PT. Fizemos o Janjão se desfiliar do PT. Se desfilou, e estão lá o Zé Ferreira, o Janjão, o Toninho da Brastemp, que era o único que eu não conhecia, que era o único que foi indicado, mas logo foi ganho por nós. Logo (incompreensível) o governo Murilo Macedo, e virou um grande companheiro nosso aqui.

Então, eu acho que esse gesto de alguém que foi perseguido neste sindicato, aceitar ser interventor para cumprir uma tarefa, essa é uma atitude nobre, porque nem todo mundo aceitaria fazer uma coisa dessas.

O dia de hoje é importante pelo seguinte: o dia de hoje lembra o dia 12 de maio, também, de 1978. A retomada das greves dos operários, depois da greve de Contagem, começou pela Scania-Vabis, hoje Saab-Scania. Nem sei se é mais, muda de nome todos os dias a Scania. Mas foi ali, sob a liderança do companheiro Gilson, que não sei se está aqui, sob a liderança do companheiro Severino, que era secretário-geral, sob a liderança de quase 2 mil trabalhadores, gente da mais alta qualidade. Aí pipocou o movimento que terminou nisso que vocês estão vendo: o amigo de vocês aqui, presidente da República do País.

Eu tenho... General, prepare o carro, ligue o motor que eu vou sair daqui e não vou nem me despedir de ninguém. Queria dizer para vocês o seguinte: eu quero que vocês saibam que não existe possibilidade de um homem sozinho chegar onde eu cheguei. Isso é importante que cada um tenha clareza. Quem perder a humildade, quem deixar de estabelecer uma relação de companheirismo, é como aquele jogador que recebe um passe na boca do gol, marca o gol, sai correndo e não cumprimenta ninguém, nem o cara que deu o passe para ele. Eu, não. Eu tenho clareza de que se não fosse a peãozada deste país, do campo e da cidade, se não fosse o movimento social, se não fosse o movimento popular, eu não teria chegado onde cheguei. Eu cheguei, porque tem uma coisa importante: nós organizamos um partido, organizamos



uma central, e me fizeram chegar até aqui. Eu devo isso ao Anacleto Potomatti, eu devo isso ao Lino, devo isso ao nosso companheiro primeiro diretor, devo ao Paulo Vidal, devo isso ao Nelson (incompreensível), ao Rubens, ao meu irmão Frei Chico, que depois foi ser vice-presidente do Sindicato de São Caetano, devo isso a cada metalúrgico anônimo, que eu nem sabia que era metalúrgico, mas que estava na porta de fábrica trabalhando.

Então, eu acho que vocês podem ter a certeza do seguinte: se tem uma categoria ou um trabalhador que tem que ter orgulho do seu sindicato porque completou 50 anos, esses são vocês. Na verdade, quando o Obama falou “Lula, você é o cara”, na verdade, ele pediu para eu falar para vocês: metalúrgicos, vocês são os caras.

Meus parabéns e feliz aniversário para o Sindicato.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da unidade de propeno da Refinaria do Planalto Paulista (Replan)

Paulínia-SP, 12 de maio de 2009

Meu caro companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meus caros companheiros deputados Carlos Zarattini e José Mentor,
que chegou atrasado e por isso não veio para a mesa,
Meu caro José Pavan Júnior, prefeito de Paulínia,
Meu caro companheiro Hélio de Oliveira Santos, prefeito de Campinas,
em nome de quem cumprimento os demais prefeitos que estão aqui presentes,
Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da
Petrobras,
Nosso querido companheiro Paulo Roberto da Costa, diretor da área de
Abastecimento da Petrobras,
Meu caro Daniel Teixeira Machado, gerente-geral da Replan,
Meu caro companheiro João Antônio de Moraes, coordenador da
Federação Única dos Petroleiros,
Trabalhadores, trabalhadoras,
Meus amigos, minhas amigas,
Companheiros e companheiras da imprensa,

Hoje é a primeira vez que eu participo de uma solenidade em que, olhando para a bancada da imprensa, eu vejo uma maioria esmagadora de mulheres cobrindo este ato. Fico feliz e fico triste. Fico feliz porque as mulheres estão consagrando o espaço em todas as áreas, mas é preciso que vocês fiquem espertas para que isso não seja motivo para diminuir o salário da profissão, porque é sempre assim que acontece no País. Difícilmente se coloca



uma mulher para ganhar o mesmo salário do homem, mesmo quando ela está substituindo ele. Então, é importante ficarem espertas e que o Sindicato levante a cabeça para brigar para que haja igualdade. Afinal de contas, em 1976, eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e eu conquistei uma coisa no Superior Tribunal do Trabalho, que era o salário substituto. Foi uma lei que [pela qual] eu briguei muito e foi aprovado que uma pessoa que vai substituir a outra para fazer a mesma função, seja homem ou mulher, negro ou branco, evangélico ou católico, corintiano ou Ponte Preta, tem que ter o mesmo salário se estiver na mesma função. Então, atenção mulheres, fiquem espertas, porque senão alguém vai lucrar às custas do baixo salário.

Por que eu vim aqui hoje? Vocês sabem que a minha agenda... Eu tenho quatro pessoas que cuidam da agenda e que fazem avaliação política da agenda, e em uma demanda de 100 pedidos, sei lá se por dia ou por semana, o pessoal faz uma peneira e me traz apenas aquilo que eles consideram essencial. Ao mesmo tempo, eles me mostram a parte grossa das coisas que eles acharam que não eram importantes. Dentre as coisas que não eram importantes, era vir aqui inaugurar esta fábrica de propeno. Eles acharam que não era importante. Eu dizia para eles o seguinte: companheiros, no momento em que o mundo está vivendo uma crise sem precedentes, no momento em que o Presidente dos Estados Unidos está com um problema sério, no momento em que o Presidente da França está com um problema sério, a Primeira-Ministra da Alemanha, o Primeiro-Ministro da Inglaterra, o Primeiro-Ministro do Japão, um país como o Brasil inaugurando uma unidade de propeno, vocês não acham importante? Nós assistimos a tantas notícias ruins, todo santo dia, que na hora em que você pode, você deve visitar todas as coisas que significam melhoria da qualidade produtiva, da qualidade de vida e da qualidade de investimentos deste país.

Eu dizia ao companheiro José Sergio Gabrielli que ontem eu recebi da



Embrapa aqui de Campinas... Eu tinha encomendado para a Embrapa que ela fizesse um acompanhamento, por fotografia de satélite, das obras do PAC do Brasil inteiro. E ontem o companheiro da Embrapa me leva a Brasília uma quantidade de mapas que eu tinha encomendado para ele. Eu dizia para o companheiro José Sergio: esses mapas vão ficar expostos na porta da minha sala, lá onde nós estamos trabalhando agora, no Banco do Brasil. Eu duvido que tenha algum país do mundo, neste momento, que tenha a quantidade de obras simultâneas que tem o Brasil neste momento. Duvido. Eu acho que a quantidade de investimentos, nem o próprio governo tem conhecimento. Certamente, um ministro não sabe o que o outro está fazendo. Certamente a imprensa, que acompanha a prestação de contas do PAC a cada quatro meses, tem um pouco de informação. Mas, se vocês olharem este mapa do Brasil, com a quantidade de coisas que estão acontecendo neste momento no Brasil – agora às 11h19, que eu estou falando aqui – a quantidade de obras espalhadas por este país afora, eu acho que não tem precedentes na história deste país.

Isso é resultado de duas coisas. Primeiro, a decisão do governo de que a gente não ia reduzir um centavo nas obras do PAC. Segundo, uma obra que, porventura, tivesse dificuldades com o Ibama, com o Ministério do Meio Ambiente, com o Tribunal de Contas ou com o Poder Judiciário, a gente não iria ficar esperando essa obra com dinheiro no cofre. Nós iríamos escolher outra obra da mesma envergadura, que tivesse o projeto executivo pronto, que não tivesse problema em lugar nenhum, para que essa obra começasse a ser executada logo.

Por que nós fizemos isso? Porque neste momento em que o mundo vive essa crise causada pelos países ricos, é importante que a gente gaste o que tiver que gastar em investimentos para que a gente possa fazer fluir os recursos, gerar empregos, gerar distribuição de renda e gerar crescimento econômico para este país. Todo mundo que acompanha a imprensa sabe



perfeitamente bem que nós temos um problema no primeiro trimestre – no último trimestre do ano passado e no primeiro trimestre deste ano.

Eu fico me perguntando, ministro Lobão, o que aconteceu na indústria automobilística, que caiu tanto a venda de carros. Na verdade, tem gente que, na hora em que aparece uma crise, também tenta tirar proveito da crise. O que aconteceu, na verdade, é que como se tinha, neste país, 300 mil automóveis estocados, as empresas fizeram a opção de parar a produção e vender o estoque. É muito engraçado, porque logo no começo do ano, quando nós fizemos a isenção do IPI, a indústria automobilística começou a produzir e o povo teve que ficar na fila para comprar carro. Não tinha carros para vender na hora. Você ia a uma revendedora e ficava 20 dias esperando, 30 dias esperando. Por quê? Porque em vez de produzir no final do primeiro trimestre e no começo do segundo trimestre, eles fizeram a opção, primeiro, para [de] desovar o seu estoque, que era muito grande.

Assim vale para várias cadeias produtivas do Brasil. As pessoas trabalhavam com estoque de 30 dias, resolveram diminuir o estoque e começar a trabalhar com estoque menor. É por isso que nós tivemos um trimestre muito delicado – o último trimestre e o primeiro trimestre.

O que está acontecendo agora? O que está acontecendo agora é que vários setores da economia já começam a dar sinais de recuperação para o segundo trimestre deste ano, nos meses de abril, maio e junho. Certamente, isso vai melhorando até chegar ao final do ano em uma situação melhor, e a gente começar 2010 em uma situação infinitamente melhor. Isso só está acontecendo porque a gente não parou. A própria Petrobrás... Vocês viram o José Sergio dizer agora que os investimentos deles, nesse primeiro trimestre, cresceram 41% em relação ao primeiro trimestre do ano passado, que era um ano de ouro da economia brasileira. A economia estava crescendo 6%, e hoje a Petrobras, em crise, está investindo 41% a mais do que investiu naquele momento.



Eu tenho chamado a atenção dos empresários, eu tenho chamado a atenção do governo, eu tenho chamado a atenção dos trabalhadores: prestem atenção em uma coisa. Essa crise é uma crise em que nós temos que provar quem é ousado, quem tem coragem e quem vai fazer as coisas na hora certa. Essa não é uma crise para ficar chorando ou para ficar lamentando. Em qualquer atividade econômica, tem momentos de pico para cima e momentos de pico para baixo. É preciso que a gente tenha um ponto de equilíbrio que possa garantir que durante o ano inteiro a economia tenha crescido o mínimo satisfatório. Aí, se investirmos corretamente, nós estaremos preparados para que quando acabar a crise, a gente não comece do zero a fazer as coisas.

Nós estamos investindo em estradas, em ferrovias, em portos, aeroportos, saneamento básico. Na história deste país nunca se viu a quantidade de saneamento básico, e os prefeitos que estão aqui que o digam. Tudo isso, não apenas para gerar empregos e melhorar a vida das pessoas, mas também para que a gente possa dar qualidade de vida às pessoas e enfrentar essa crise com mais trabalho, com mais produção.

Hoje, Gabrielli, se você andar pelo Brasil, vai chegar às 9h da noite no meio de qualquer lugar deste país, e você vai encontrar uma obra trabalhando à noite. São estradas que estão sendo feitas à noite, é o canal do São Francisco que está sendo feito em três turnos. Seria até importante que a imprensa pudesse fazer uma fiscalização, acompanhar, para que a gente pudesse ver o que está acontecendo neste país. É por isso que de vez em quando a gente vê uma certa discordância entre o noticiário, necessário mas, muitas vezes, exageradamente negativista, e você vê a opinião pública totalmente diferente, porque as pessoas estão vendo o que está acontecendo na vida real, as pessoas estão vendo o que está acontecendo no dia-a-dia da sua vida.

O comércio varejista não caiu, as pessoas não deixaram de comprar alimentos, as pessoas não deixaram de comprar os bens que precisavam



comprar, os carros continuam vendendo bem. Nós, agora, fizemos isenção de IPI para geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, vocês estão vendo como andam as lojas em Campinas e na região. Se estiver faltando produtos aqui, Hélio, pode mandar buscar em São Bernardo, que nós temos um pouco para vender aqui.

É assim que nós temos que enfrentar essa crise. Nós não temos que ficar chorando, lamentando, olhando para os Estados Unidos e dizendo “coitadinhos, estão mal, se eles não melhorarem não vão ajudar o Brasil. Coitadinha da Alemanha”. Não. Cada um agora tem que dizer a que veio. Nós fomos eleitos, não foi para navegar em céu de brigadeiro ou em mar de almirante. Não. Um presidente da República, quando é eleito, é eleito para trabalhar os momentos difíceis, porque nos momentos fáceis ninguém precisa do governo, não precisa tomar decisões.

Agora que acabou a era do mercado, agora que todo mundo está convencido de que era uma balela dizer que o mercado resolvia tudo, que o Estado tinha que ser mínimo, que o Estado não tinha que fazer nada, não tinha que ter funcionário, que o mercado iria regular tudo, agora que acabou essa balela, as pessoas estão se dando conta que precisam do Estado e de um Estado muito forte. A quem o sistema financeiro americano recorreu na hora da crise? Foi ao mercado ou foi aos cofres do governo? A quem recorreram os banqueiros da Alemanha? Ao mercado ou aos cofres da Alemanha? A quem recorreram os banqueiros ingleses? Ao mercado ou aos cofres da Inglaterra? Graças a Deus, o Brasil não tinha um sistema financeiro apodrecido, não tinha um sistema financeiro vivendo na situação em que viviam os sistemas financeiros europeu e americano, de vender papéis sem produzir um parafuso, sem produzir uma folha de papel. Graças a Deus, o nosso sistema financeiro estava arrumado.

Eu estou, particularmente, tão otimista agora como eu estava em julho do ano passado, em dezembro do ano passado, porque eu acho que é



exatamente em época de crise que a gente mostra quem é quem, é em época de crise que a gente mostra se tem competência ou não tem competência para fazer as coisas. Essa é uma crise que a gente não tem que ficar explicando. A Petrobras poderia ter dito a mim: “Presidente, tem uma crise econômica. Eu não posso perfurar o Poço de Tupi, lá do pré-sal, porque vai custar muito dinheiro e estamos em crise econômica”. Até que tentaram, não é, seu José Sergio? Até que tentaram levar, de 2013 para 2017, os investimentos. Mas é nesse momento que nós temos que fazer investimentos. Vocês estão dizendo aqui, de boca cheia: “A Replan tem 37 anos hoje, dia 12 de maio”. Dia 12 de maio é o dia em que a gente comemora a greve da Scania, em 1978; a primeira greve depois da de Osasco, em 1968.

Nós, agora, para mostrar que vamos investir, decidimos fazer mais três refinarias. Esta aqui é de 350 mil barris/dia? Pouco, para o que nós vamos fazer. Nós já tomamos a decisão: nós queremos fazer refinarias por conta do pré-sal. Nós não queremos exportar petróleo, nós não queremos entrar na Opep – é isso? O que nós queremos, na verdade, é vender derivados de petróleo, é fortalecer a indústria química brasileira, porque esse é um setor de valor agregado extraordinário em que nós somos muito importadores, e o Brasil pode virar exportador.

Nós vamos fazer uma refinaria de pelo menos 600 mil barris/dia no Maranhão, vamos fazer outra de 300 mil barris/dia no Ceará, vamos fazer mais uma no Rio Grande do Norte, e se o José Sergio Gabrielli encontrar mais petróleo, nós vamos fazer uma em Caetés, lá em Garanhuns. Não tem petróleo, mas a gente vai lá e finca uma estaquinha e faz uma refinaria. Por quê? Porque ou o Brasil se prepara, sem chorar, e faz o que tem que ser feito, ou a crise vai acabar e a gente estará mais pobre do que a gente estava. Nós vamos dar uma lição àqueles que não acreditam na capacidade deste país. Tem algumas pessoas que, quando foi se criar a Petrobras, eram contra. Eu mesmo li dois editoriais de um grande jornal deste país, dizendo que era



loucura criar a Petrobras, que era melhor continuar importando petróleo. Hoje essas pessoas vêm com orgulho que o instituto “não sei do que lá”, de Nova Iorque, avalia a Petrobras e ela é a quarta empresa do mundo em respeitabilidade. Com o pré-sal, preparem os ouvidos e os olhos porque logo, logo nós seremos mais respeitados, teremos mais petróleo, mais indústrias petroquímicas e seremos uma nação muito maior.

Portanto, eu queria dizer aos petroleiros que a minha vinda aqui, companheiros da Petrobras, direção da Petrobras, é o seguinte: é para mostrar que este país não vai se render, não somos colônia. Nós somos um país independente politicamente, moralmente, eticamente. Nós não temos que ficar achando que tudo o que a gente importa é melhor, que *made in* “não sei das quantas” é melhor. Não.

Nós temos que provar que este país atingiu uma situação tão boa que nós hoje conversamos com o Obama, conversamos com a Angela Merkel, conversamos com o Gordon Brown, conversamos com o Sarkozy, conversamos com o Hu Jintao em igualdade de condições. Dois chefes de Estado conversando, e cada um defendendo a sua soberania. Mas que ninguém meta o nariz e o bedelho neste país, porque este país é de 190 milhões de brasileiros, e este país vai se transformar, não apenas no país do samba ou no país do carnaval. Este país está predestinado, nas próximas duas décadas, a se transformar em uma grande nação, não só industrializada, mas uma grande nação do ponto de vista da ciência...

Você por acaso sabia, José Sergio Gabrielli, que na semana passada o nosso querido Brasil passou a Rússia na produção de artigos científicos nas principais revistas do mundo? Você por acaso sabia que nós passamos a ser o 13º país do mundo na produção de artigos científicos? Era uma coisa que parecia impossível. Mas na hora em que a gente criou o PAC da Ciência e Tecnologia, em que se coloca dinheiro para fazer com que as pessoas acreditem, as coisas acontecem. Este país precisa apenas de um ingrediente:



que nós, brasileiros, não sejamos mesquinhos com ele; que nós, brasileiros, levantemos a cabeça e não fiquemos achando que tem, no mundo, alguém melhor do que nós. Pode ter igual. Melhor do que nós, não existe. E nós temos uma vantagem: nós sabemos sambar – eu, nem tanto, mas certamente as pessoas sabem, e não tem ninguém no mundo que tenha a ginga dos brasileiros – e nós temos o futebol. A minha imagem no futebol é aquela do Didi, na Copa de 1958. Os mais jovens não se lembram, mas em 1958 a gente começou o jogo perdendo para a Suécia de 1x0. Eles marcaram um gol. O Brasil estava traumatizado por causa da Copa do Mundo de 1950, com o Uruguai, no Maracanã. Eu mesmo, na época tinha 13 anos de idade e já fiquei falando: perdemos. O Didi foi dentro da nossa área, pegou a bola, colocou a bola embaixo do braço, pôs no meio do campo e o Brasil fez 5x2 na Suécia.

Essa crise, a gente tem que fazer [como] o Didi, tem que fazer igualzinho. Nós só temos que fazer aquilo que é a lição de casa e, desta vez, podem ter certeza de que nós não vamos falhar. Nós não vamos falhar. Vamos fazer este país dar um salto de qualidade. Possivelmente, o prefeito de Campinas um dia possa mostrar, o de Paulínia, a quantidade de obras [em] que está sendo investido neste país: hidrovias,clusas. Ferrovias, eu não vou nem falar, porque nós estamos construindo, neste momento, mais de 4.700 quilômetros de ferrovias. Na sexta-feira, José Sergio, eu fui inaugurar uma ferrovia desativada em 1996: a ferrovia do Pantanal. Eu fui inaugurar os primeiros 210 quilômetros, e até julho eu vou inaugurar os outros 249 quilômetros. Uma ferrovia que saía de Bauru e ia até o Pantanal foi desativada. Só de teimosia, ela voltou a funcionar e vai gerar turismo para que o povo brasileiro possa viajar. Este momento é um momento de muita humildade, mas, ao mesmo tempo, de muita coragem, de muita decisão.

Portanto, minha querida Petrobras, meus queridos companheiros diretores da Petrobras, na hora em que vocês constroem uma unidade de propeno, vocês estão dizendo: acabou a era em que a gente tinha que importar



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

derivados de petróleo para que a gente pudesse produzir propeno, propileno e fazer tudo o que a gente precisa fazer. Nós, agora, queremos ser os donos do nosso pequeno nariz.

Um abraço, boa sorte, e parabéns, Petrobras, por mais esta Unidade.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da usina termelétrica Euzébio Rocha

Cubatão-SP, 12 de maio de 2009

Meu caro companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meu caro companheiro deputado federal Márcio França,
Companheiros prefeitos,
Prefeita Márcia Rosa de Mendonça Silva, de Cubatão,
Sargento Barreto, de São Vicente – é vice, que está no exercício do poder. (incompreensível),
Companheiro João Paulo Tavares Papa, prefeito de Santos,
Companheira Maria Antonieta, do Guarujá,
Companheiro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,
Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás e Energia da Petrobras,
Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor de Abastecimento da Petrobras,
Senhores gerentes da Petrobras,
Diretores das empresas Skanska Brasil e Camargo Corrêa,
Companheiros trabalhadores,
Companheiras trabalhadoras,
Companheiros da imprensa,
Companheiras da imprensa,

Vocês viram como eu estou legal com a imprensa, não é? Basta ser legal comigo que eu serei legal com vocês. Eu acho que é por causa do Corinthians. Eu sei que eu estou em um reduto santista, mas também reconheço que a falta de opção, muitas vezes, faz com que as pessoas não



escolham o melhor, que é o Coringão.

No roteiro que fizeram para eu falar aqui, está contando um pouco a história do Euzébio Rocha. Eu vou contar, por uma razão: porque tem muita jovem, e eu sempre acho que quando nós somos jovens, nós temos o hábito de nos sentarmos à mesa para comer e reclamar da comida, sem saber o sacrifício que a mãe da gente teve para fazer a comida. Às vezes a gente até acha que não está boa a comida, mas a gente não se preocupa se faltou dinheiro ou não para comprar os condimentos para fazer a comida.

Então, para a gente chegar... Companheira Telma, há quanto tempo! O companheiro... Primeiro, colocar o nome nesta termelétrica, de Euzébio Rocha, eu penso que é uma homenagem justa que se faz a um dos homens que mais batalhou para que a gente criasse a Petrobras. A Petrobras não surgiu do acaso. Ela surgiu porque, um belo dia, um grupo de homens e um Presidente da República resolveram que era preciso o Brasil ter uma empresa de petróleo. E os que hoje negam a existência do Estado e dizem que o mercado vai resolver todos os problemas, são os mesmos que naquela época diziam que era irresponsabilidade o Brasil pensar em ter uma empresa de petróleo, que o Brasil deveria continuar importando petróleo. Mas um grupo de homens e mulheres saiu por este país fazendo pregações. E Euzébio Rocha, que nasceu no Rio de Janeiro em 1917, foi um dos fundadores do partido Trabalhista Brasileiro, de 1945. Nas eleições de dezembro daquele ano, tornou-se deputado federal constituinte pelo estado de São Paulo. Nacionalista, militante, ocupou uma das diretorias do Centro de Estudos de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. Esse Centro, fundado em 1948, foi uma das vanguardas da campanha "O Petróleo é Nosso". No mesmo ano, Euzébio Rocha chegou a sofrer violência policial em uma manifestação que defendia o monopólio nacional sobre o setor.

Em 1951, Getúlio Vargas enviou ao Congresso a lei que propunha a criação da Petrobras como uma empresa de sociedade mista, mas não previa



o monopólio nacional. Euzébio Rocha propôs, então, um substitutivo, que deixava mais claro o controle estatal sobre a nova companhia e previa o monopólio sobre a exploração de petróleo.

De acordo com alguns relatos, as ideias de Euzébio Rocha contavam com a simpatia do próprio Getúlio Vargas, que o teria incumbido de buscar apoio da oposição encabeçada pela União Democrática Nacional, a UDN, para a aprovação de um projeto que previsse o monopólio. Assim, em junho de 1952, a UDN apresentou seu próprio substitutivo, que afirmava o direito de exploração apenas à Petrobras. Desse projeto consensual entre diversos partidos políticos, nasceu a Lei 2.004, de 1953, que deu início à atual gigante do petróleo, a nossa querida Petrobras.

Após o fim de seu mandato, Euzébio Rocha candidatou-se por diversas vezes à Câmara dos Deputados, mas sem sucesso. Conseguiu, no máximo, a posição de suplente de 1958 a 1962. Em 1976, proferiu palestras em todo o Brasil, alertando sobre os contratos de risco que a Petrobras assinou com as companhias petrolíferas estrangeiras, para a exploração de petróleo. Aqui, só um dado: não foi a Petrobras que assinou, foi o presidente Geisel que determinou a Lei do Contrato de Risco, em 1975. E com essa bandeira, lançou-se candidato à Câmara em 1967 pelo PMDB, mas novamente conseguiu apenas uma suplência.

O Euzébio Rocha, em termos eleitorais, acho que teve um tempo que foi pior do que eu, em 82, 89, 94, 98. Bem, a partir de 1979, Euzébio Rocha dedicou-se a lecionar Direito na cidade paulista de São Carlos e, com o fim do bipartidarismo, filiou-se ao PDT em 1980, mas não conseguiu se eleger senador em 1982, e passou a fazer parte da executiva do partido e do instituto Alberto Pasqualini, órgão de formulação política do PDT. Sem nunca mais ter voltado ao Parlamento, o deputado, que foi um dos grandes responsáveis pela criação de uma Petrobras forte, pela reserva do mercado de petróleo, faleceu em 1995. Dois anos depois, o monopólio estatal sobre o petróleo foi quebrado.



Bem, companheiros e companheiras, se alguém me visse querendo entregar esses papéis aqui, poderia vir pegar.

Eu estou com muita fome. Nós não almoçamos para antecipar o ato aqui, porque hoje à tarde eu vou receber a equipe do Corinthians, e vou dizer que os trabalhadores da Petrobras mandaram um abraço para o Ronaldão.

Eu estava lendo esta história de Euzébio Rocha, porque muitas vezes no Brasil, pelo fato de a gente não compreender a história, a gente faz julgamentos precipitados, positivos ou negativos, das pessoas. Não é possível nenhuma nação, nenhum homem e nenhuma mulher crescerem na vida se eles não sonharem grande. Nós precisamos ter sonhos grandes, imaginação positiva, energia muito mais positiva para a gente vencer os obstáculos da vida. O Brasil, durante muito tempo o Brasil aprendeu que era um país pequeno, o Brasil aprendeu que era colônia, o Brasil aprendeu que não podia se insurgir contra aqueles que eram poderosos, sejam os poderosos da Europa, sejam os Estados Unidos, sejam outros países ricos. Então, o Brasil, embora seja uma nação extraordinária, de 8,5 milhões de km², um país de 190 milhões de habitantes, um país com universidades extraordinárias, um país com uma capacidade intelectual extraordinária, um país com um potencial exuberante de progressão, era um país que tinha vergonha de si mesmo, era um país que era inibido diante de outras pessoas e, portanto, era um país que não dava o salto de qualidade que precisava dar. Houve um tempo em que neste país tudo que era importado tinha valor, tudo que era produzido aqui era secundário.

Eu me lembro que, na campanha de 2002, eu levantei a discussão sobre a construção das plataformas da Petrobras aqui no Brasil. Eu me lembro que o então presidente da Petrobras, à época, fez até um artigo desaforado contra mim, na Gazeta Mercantil, dizendo que eu estava blasfemando porque a Petrobras não tinha competência para fazer plataformas aqui, e as plataformas feitas em Cingapura, na Coreia ou na Noruega – sei lá onde era – eram muito mais vantajosas para a Petrobras porque eles tinham mais tecnologia e porque



ficava mais barato. Aí começamos uma pendenga, uma boa pendenga. Eu fui ao Rio de Janeiro fazer encontro com o Sindicato dos Engenheiros, eu fui à indústria naval conversar com os empresários brasileiros, eu fui ao sindicato dos trabalhadores conversar com o sindicato dos trabalhadores, e fomos formando e consolidando a ideia de que o Brasil tinha condições, sim, de produzir plataformas aqui.

Isso parece que faz muito tempo, mas faz apenas sete anos. E nesses sete anos, o que aconteceu neste país? Hoje, de todas as plataformas produzidas pela Petrobras aqui no Brasil, mais de 70% dos componentes são brasileiros, feitos por trabalhadores e trabalhadoras brasileiros. Muitas vezes, se um diretor da Petrobras, querendo defender os interesses da Petrobras, disser para mim “Presidente, a mesma plataforma que nós fizemos aqui no Brasil, que custa US\$ 1 bilhão de dólares, [se for] feita na Coreia custa US\$ 900 milhões, portanto, do ponto de vista da Petrobras é mais barato”, ele está correto. Do ponto de vista da Petrobras, é mais barato. Agora, a Petrobras não é a Petrobras dona de si mesma. A Petrobras é uma empresa brasileira, onde o governo brasileiro tem ações e, portanto, o governo brasileiro tem poder de, junto com a Petrobras, decidir as coisas estratégicas que a Petrobras tem que fazer. E a gente não tem que pensar apenas no valor unitário de uma plataforma ou de um navio. A gente tem que pensar que esses 100 milhões que a gente vai pagar a menos, [se] feitos lá fora, quantos 100 milhões a gente vai ganhar pagando salários, aumentando o nosso conhecimento tecnológico, fazendo distribuição de renda, pagamento de impostos e aumentando o consumo da população brasileira.

Então, hoje é com muito orgulho, mas com muito orgulho, que eu posso olhar a cara dos meus companheiros da direção da Petrobras, dos trabalhadores da Petrobras, da imprensa brasileira, e dizer: nós vencemos essa parada. Hoje a Petrobras, os estaleiros brasileiros e o Brasil produzem as suas plataformas aqui no Brasil e, cada vez mais, nós participamos da



inauguração de estaleiros. A Petrobras também, além das plataformas, está encomendando quase 200 e poucos navios: 140 navios grandes e 70 e poucos navios de apoio às plataformas do pré-sal que ficam a 300 quilômetros de distância da costa marítima. Isso vai gerar mais uma quantidade de estaleiros e mais uma quantidade de trabalhadores.

Vou contar uma história para vocês. Em 1990 eu fui passar férias em Angra, na casa de um companheiro, deputado federal do PT hoje, Márcio, o nosso companheiro Luiz Sérgio, que foi prefeito de Angra. Ele arrumou uma casa e eu fui passar um tempo lá. O estaleiro, que já tinha tido 9 mil metalúrgicos, tinha menos de mil metalúrgicos. O restante estava nas praias de Angra, vendendo cerveja nesses isoporzinhos que a gente vê as pessoas vendendo na praia.

Portanto, a indústria naval, que já tinha tido, na década de 70, 50 mil trabalhadores no Brasil, que tinha sido reduzida, no ano 2000, a apenas 1.600 trabalhadores, hoje a indústria naval brasileira volta a ter 50 mil metalúrgicos trabalhando na indústria naval brasileira, construindo navios, construindo plataformas, construindo sondas, construindo estaleiros e construindo muito mais coisas.

Eu aprendi, desde pequeno, que não existe nada fácil. Só tem algumas coisas fáceis, na vida, que a gente pode fazer. Casar com uma mulher rica: os pais dela são muito zelosos e criam uma dificuldade imensa para um pobre se casar com uma mulher rica. Roubar: extremamente perigoso. Você pode não ser pego, mas pode ser pego. A outra é você trabalhar, a outra é você estudar, e estudando e tendo uma profissão, você ganhar o seu dinheiro honestamente. É exatamente isso o que eu vejo na cara de vocês, é exatamente isso o que eu vejo na cara de milhões e milhões de brasileiros, espriados por este país afora, que querem apenas ter uma oportunidade e, por essa oportunidade, poderem levar para casa, todo santo dia, o pão de cada dia, a carne de cada dia, o feijão e o arroz de cada dia, que é isso o que valoriza as pessoas.



Nós aprendemos a acreditar neste país, nós aprendemos a acreditar que este país é grande. Olhem o mapa do mundo e vejam o tamanho do País, e um país do tamanho do Brasil não pode ter dirigentes com a cabeça do tamanho de alfinete. Precisa ter dirigentes que pensem grande, que acreditem neste país e que ousem fazer as coisas.

Eu dizia agora na Replan, lá em Paulínia, quando fomos inaugurar a Unidade de Propeno. Eu dizia: o Brasil hoje é o décimo-terceiro país do mundo em produção científica, nas revistas especializadas. Nós passamos a Rússia. Quem imaginava, quem acreditava nisso? Nós, que criamos o PAC da Ciência e Tecnologia, colocando R\$ 41 bilhões para investimentos em ciência e tecnologia. É por isso, gente, que nós estamos fazendo investimentos em Educação, como nunca foi feito neste país.

[Quero] aproveitar que eu estou na frente de vocês e dizer o seguinte: de 1909 a 2003, o Brasil, em 97 anos, construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 e neste ano – só neste ano – eu vou inaugurar 100 escolas técnicas profissionais neste país. Universidades, além das 14 universidades federais novas, nós vamos inaugurar 98 campi, espalhados por este país afora, levando a universidade para o interior, para a menina e para o menino do interior não terem que vir para a capital, disputar uma vaga.

Nós criamos o ProUni, que cansaram de me acusar, que fazer o ProUni seria rebaixar o nível do ensino. Depois de quatro anos, os melhores alunos deste país são exatamente os quase 500 mil pobres da periferia que estudaram em escolas públicas, 40% deles negros, que são os melhores alunos das universidades brasileiras. Quando nós quisemos criar o Reuni, a pequena burguesia, que já tem escolas a vida inteira, quebrou até reitorias neste país, e muitas reitorias. Qual era o crime que nós queríamos cometer? Nós queríamos aumentar, de 12 alunos em média, por professor, em sala de aula, para 18 alunos em sala de aula. Sabem o que a fina flor da elite dizia? “Vai colocar muitos alunos em sala de aula, vai ser difícil aprender”. De 12 para 18 [alunos].



Nós fizemos. Só isso fez com que neste ano, Gabrielli, a gente dobrasse o número de alunos em vagas novas na universidade. Desde que o Brasil construiu suas 54 universidades, a gente renovava 113 mil alunos por ano. Este ano, renovamos 227 mil alunos. Portanto, dobramos nas escolas federais o número de alunos estudantes. E isso é ótimo, isso é bom, porque a Petrobras não chegou ao que é pela cara dos seus dirigentes, não! Pela barba do Gabrielli, pelos olhos do Paulo Roberto, não! A Petrobras chegou ao que é porque a Petrobras soube durante muito tempo investir em uma coisa que é sagrada, investir no conhecimento, formar gente, qualificar profissionais que hoje disputam com qualquer profissional do mundo e ganham. É por isso que nós viramos a empresa que tem mais tecnologia para prospecção em grandes profundidades. É por isso que nós descobrimos o pré-sal.

Para descobrir o pré-sal, a gente teve que ir além daquilo que a gente conhecia. Não foi um mergulho de 100 metros. Tivemos que dar um mergulho de 2 mil metros. Depois que mergulhamos 2 mil metros, precisamos virar um tatu e cavar mais 2 mil metros de rocha. Depois encontramos sal, compramos picanha e mergulhamos para colocar sal nela - mais 2 mil metros de profundidade. E fomos achar petróleo a 6 mil metros de profundidade, o que é uma façanha extraordinária! No dia 1º de maio, a gente começou a tirar o primeiro barril de petróleo. E vamos tirar... E vamos tirar petróleo... E vamos tirar petróleo, até que daqui a alguns meses a gente possa começar a produzir em escala comercial e industrial.

Aí esse petróleo vai lá para a refinaria, lá no Maranhão – uma refinaria de 600 mil barris dia; outra no Ceará – de 300 mil barris dia; outra no Rio Grande do Norte – menor. Porque a gente não vai querer vender petróleo cru, não. Não vem a Opep querer convidar a gente para entrar na Opep, porque a gente não tem interesse. Nós queremos é vender derivados de petróleo e saber... E saber que uma parte desse dinheiro do petróleo, uma parte desse dinheiro do petróleo, no marco regulatório que nós vamos fazer, é para cuidar



de duas coisas fundamentais, que não foram resolvidas no século XX e estão começando a ser resolvidas no século XXI. Uma parte desse dinheiro do petróleo do pré-sal é para a gente cuidar de duas coisas: educação e combater a miséria do nosso país. E aí, nós vamos trabalhar para que os que vierem depois de nós encontrem um Brasil mais calejado, mais maduro, com melhor qualidade de vida, com melhor formação profissional, porque, José Sergio, companheiro Lobão e Graça, acreditar na gente é 50% do sucesso que a gente tem. Acreditar na gente!

Eu vou contar um casinho pequeno para vocês: em 1974 [2004], eu recebi uma professora do Instituto de Matemática Aplicada chamada Sueli Druck. Essa mulher me levou cinco alunos que tinham ganhado a Olimpíada de Matemática. Naquele tempo, a Olimpíada de Matemática era feita apenas em escola privada, não em escola pública. Eu, então... na época o Ministro da Educação era o Tarso Genro, eu disse ao Tarso Genro: por que a gente não faz Olimpíada da Matemática na escola pública?”. Quando eu falei isso, aí começam as pessoas a dizer: “Não, Presidente, escola pública não vai participar. Os alunos não têm interesse. Os professores não têm interesse. As pessoas não estão motivadas. Não faça que vai ser um fracasso”. Eu falei: vamos fazer.

A maior olimpíada do mundo é a americana – quase 7 milhões de jovens. A Argentina tinha 1,2 milhão adolescentes participando. Nós fizemos a inscrição da primeira. Inscreveram-se 10,5 milhões de pessoas. Quando chegou na Olimpíada de 2006, a Justiça Eleitoral - mais rei do que o rei - não deixou a gente fazer sequer uma propaganda da Olimpíada na porta da escola. Não permitiu que a gente falasse Olimpíada. Inscreveram-se 14,5 milhões de crianças. A terceira, 17 milhões de crianças, e na do ano passado se inscreveram 18,3 milhões de crianças da quinta série até o segundo grau. E eu fui agora ao Rio de Janeiro entregar 300 medalhas de ouro, porque já tem aluno que é tetracampeão, tem aluno que é tricampeão, tem aluno que é



bicampeão.

O menino que ganhou o tricampeonato no Ceará – não sei se vocês viram na televisão – ele é tetraplégico, ele não anda, ele não anda. O pai dele para levar ele na escola, o levava em um carrinho de pedreiro, sentado no carrinho para a escola. Agora ele está chique porque os professores estão indo à casa dele para dar aula. Mas ele ganhou o tricampeonato de medalha de ouro. Um moleque desses, que era para estar desanimado: “por que eu vou participar de Olimpíada? Eu não sou nada, estou aqui na cadeira, todo destroçado, eu estou aqui...”. Não, ele é o exemplo de que muitas vezes a doença que a gente tem não é física, a doença que a gente tem é dentro da cabeça, é fraqueza de não querer enfrentar adversidade, fraqueza de não querer enfrentar coisas difíceis. Esse é o grande problema, e nesse país nós aprendemos a vencer obstáculos, aprendemos a vencer obstáculos, e posso dizer para vocês: um dos pilares que eu tenho para vencer o mundo é a Petrobras, é o centro de excelência, é o biocombustível, é o álcool, é o biodiesel, é o gás. Gás, há dois anos nós fizemos uma discussão em Brasília, a gente estava em uma crise na Bolívia, uma crise profunda: não tem gás, não tem gás, não tem gás, não tem gás. Fizemos uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética. Decidimos criar o Plangás. Hoje nós já temos gás. Não temos tudo o que queremos, mas já temos mais do que tínhamos e certamente... Já importamos até navio. Vocês não sabem o que é importar um navio de gás. Ele vem congelado a 160 graus abaixo de zero. Já pensou botar a mão numa coisa a 160 graus abaixo de zero? O cara não aguenta isso nem em lua-de-mel, a 160 graus abaixo de zero o cara morre! Pois esse gás vem a 160 graus, nós importamos de Trinidad e Tobago, vamos importar da Argélia, de quem quiser, para a gente poder ter uma matriz energética independente, porque este país, do tamanho que ele é, não pode ficar dependente dos Estados Unidos, ele não pode ficar dependente da Europa, ele não pode ficar dependente da Bolívia. Ele tem que ficar dependente da sua capacidade



intelectual, da sua capacidade científica, da sua capacidade tecnológica e da capacidade do seu povo. Somente assim a gente vai poder andar pelo mundo de cabeça erguida, conversar de igual para igual com o Presidente dos Estados Unidos, conversar de igual para igual com a Primeira-Ministra da Alemanha, com o Primeiro-Ministro inglês, sem se sentir menor, porque quando a gente senta à mesa menor, perde a parada.

A primeira reunião sindical que eu fui fazer com a Fiesp em 1975, se não me falha a memória, a cadeira da Fiesp era assim: os patrões se sentavam mais alto e a gente se sentava mais baixo. Então, [a gente] ficava olhando para eles assim... já estava quase perdido o jogo. Então, espera aí, vamos colocar as cadeiras em igualdade de condições: nariz com nariz, meu filho, nariz com nariz. É assim que o Brasil tem que ser, é assim que o Brasil está sendo, e é por isso que a gente pode hoje olhar na cara de prefeitos do PMDB, do PFL, do PSDB, do PDT, do PTB. Eu duvido que tenha um prefeito que me diga que, por causa de ele ser de um partido diferente, deixou de receber um tratamento republicano do governo federal. Para mim não importa o prefeito, o prefeito é apenas o síndico da cidade. O que importa é se ele está legislando e atuando em benefício do povo da cidade. E aí, a nossa conversa é fazer com que os prefeitos possam atender cordialmente o povo.

E quando a gente vem a Cubatão em uma época de crise, e vê que essa construção aqui está gerando aproximadamente 2.800 empregos, 2.700 empregos, daqui a pouco os terceirizados da construção civil vão para outra que nós vamos fazer, depois vão para outra. Eu achei maravilhoso porque aqui dentro eu encontrei - aquele pessoal de macacão - gente de Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, de Minas Gerais, do Maranhão, do Piauí. Tinha até de Garanhuns, gente! Até de Garanhuns! Além d'eu, tinha outro! Vocês gostaram do "além d'eu"? Além d'eu, tinha outro! Já somos dois. Era eu sozinho, e já tem mais um aqui! Está muito fácil para a gente ganhar o jogo, muito fácil. Então, quando eu venho aqui e vejo isso, eu volto para casa realizado. Volto para



casa realizado porque eu sei que não tem patrimônio maior para um homem e para uma mulher do que trabalhar, ter carteira profissional assinada e saber que todo santo dia os seus filhos vão comer às custas do seu trabalho. Essa é uma conquista de uma grandeza incomensurável. Uma mulher trabalhar e não ter que ficar pedindo para o marido R\$ 10 para comprar uma peça íntima, para comprar um batom, para comprar uma meia, para comprar qualquer coisa. Uma jovem trabalhar, um menino ou uma menina, e não ter que pedir dinheiro para o pai. Eu vejo lá em casa, meus filhos quando pedem – agora não pedem mais, mas falavam: “Mãe, me dá 10 pilas”. Eu me lembro do discurso que a gente fazia: dez é demais, não vai gastar dez, e não sei das quantas. Eu falava: se fosse eu, ia embora e não precisava do dinheiro.

Então, a coisa... Já pensou você receber o seu salário e falar: hoje eu vou à loja e vou comprar uma coisa minha. Eu vou comprar o meu disco, eu vou comprar a minha roupa, eu vou comprar o meu sapato, o que eu quiser. Tem coisa mais fantástica do que isso? Então, quando eu chego aqui e vejo vocês trabalhando, eu falo: antes de tudo, vocês já se tornaram brasileiros de primeira categoria, que são esses brasileiros que nós queremos para os 190 milhões de brasileiros.

Parabéns, Graça. Parabéns, José Sergio. Parabéns, Petrobras. Parabéns aos trabalhadores da Petrobras e aos trabalhadores terceirizados.

Eu sei que os trabalhadores terceirizados estão em uma *huelga*. Estão fazendo uma grevezinha aí, que era para ter um acordo hoje. Eu fiquei sabendo que a diferença é de apenas 2 ou 3%. Eu não sei quem é o empresário, mas eu queria pedir, se a Petrobras puder ajudar. Não é por causa de 2 ou 3%, para uma folha de pagamento tão pequena, que a gente vai deixar de acertar.

Eu acho que o momento nacional é um momento de solidariedade. É o momento de todos nós nos darmos as mãos e não deixar que os menores, que os mais fracos, sejam derrotados. Se tem uma crise, ela não é culpa do



trabalhador, ela não é culpa do Brasil, ela não é culpa da Argentina, do Paraguai, do Uruguai. Ela é culpa do sistema financeiro internacional que, um belo dia, resolveu ganhar dinheiro às custas da especulação, vendendo papel e comprando papel, vendendo papel e comprando papel, sem produzir uma máquina fotográfica, sem produzir um computador, sem produzir uma caneta, sem produzir um lápis, sem produzir um sapato, apenas na especulação.

Então, por favor, se puderem fazer o acordo, façam, porque não é justo que os menores, que não devem ganhar muito, paguem mais uma crise que eles não criaram.

Um abraço. Que Deus abençoe todos nós.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de iniciativas do governo federal para facilitar o acesso às informações públicas

Palácio Itamaraty, Brasília-DF, 13 de maio de 2009

Meu caro governador José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,

Meu caro governador José Serra, do estado de São Paulo,
Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Ministros Jorge Hage, do Controle e Transparência; Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Tarso Genro, da Justiça; Jobim, da Defesa; Juca Ferreira, da Cultura; José Pimentel, da Previdência Social; José Antônio Toffoli, da Advocacia-Geral da União; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; e Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca,

Deputados federais Pedro Wilson, Manuela D'Ávila, Chico Alencar, João Moraes, Alice Portugal, Devanir Ribeiro, Luiz Sérgio, João Paulo Cunha, José Genoíno, Nelson Markezelli, Andre Vargas, Chico Lopes, Emiliano José, Rodrigo Loures, Antônio Carlos Biscaia, Magela, Daniel Almeida, Vieira da Cunha, Décio Lima, e deputado Luiz Couto, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados,

Meu caro amigo Gilson Dipp, corregedor nacional de Justiça,
Senhor João Alberto, vice-governador do estado do Maranhão,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, é preciso reafirmar sempre: aqueles que não conhecem a própria história estão fadados a repeti-la. Precisamos garantir, para as atuais e as próximas gerações, o acesso à verdade de todos os episódios da história do



Brasil, tanto os bons como os maus momentos, de forma a preservar a nossa memória. O direito à verdade e à memória é um dos cernes dos direitos humanos, pois permite que se conheça os contextos das grandes violações desses direitos, de forma a que se evite sua repetição.

Assim, o anteprojeto de lei de Acesso à Informação que ora encaminhamos ao Congresso Nacional, bem como o projeto Memórias Reveladas, são muito mais do que iniciativas de governo. São, na verdade, atos estruturantes do Estado brasileiro, marcos do seu processo de democratização.

Eles expressam um direito constitucional e uma forte demanda da sociedade. A proposta faz parte do chamado Pacto Republicano, assinado no mês passado por mim, como Presidente da República, pelo presidente do Senado, José Sarney, pelo presidente da Câmara, Michel Temer, e pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 19, garante o direito de se receber e transmitir informações dentro do princípio democrático da liberdade de opinião e de expressão.

Da mesma forma, a nossa Constituição faz referência a esse direito em mais de um artigo, não só na relação dos direitos fundamentais arrolados no artigo 5º, mas também no artigo 37 e em outros que se referem às obrigações do Estado de regular e garantir o acesso a informações, assegurando a transparência de suas atividades.

O direito à informação pública é um dos mais eficientes instrumentos de combate ao arbítrio e à corrupção. Por isso, as medidas que anunciamos hoje trazem avanços significativos e representam mais um passo no amadurecimento da democracia brasileira.

A transparência é um princípio básico da democracia. O voto bem informado é a manifestação plena de um direito de cidadania.

O anteprojeto de lei de Acesso à Informação adota, como regra geral, o



acesso pleno, imediato e gratuito às informações públicas. Ele traduz uma escala de valores que posiciona, acima de todas as outras, o direito de acesso à informação.

O anteprojeto contém dispositivos que visam garantir que as instituições do Estado não possam ocultar violações de direitos humanos cometidas pelos seus agentes ou a mando dos mesmos. Deixa claro que não se pode acobertar violações de direitos humanos sob quaisquer argumentos, inclusive o da segurança nacional.

Somente após o respeito a esse princípio é que se pode considerar as hipóteses, quando legítimas, do uso de sigilo para proteção da nação – que estão claramente caracterizadas como exceção, e não como regra, e com orientações explícitas para a sua utilização.

Por outro lado, o anteprojeto estabelece mecanismos claros e critérios legítimos para proteção das informações pessoais e sigilosas, imprescindíveis à segurança do cidadão, da sociedade e do Estado. O interesse a ser protegido é sempre o da sociedade, e não o dos agentes públicos.

A verdade sobre violações cometidas pelo Estado deve ser conhecida, para que se incorpore à memória do povo e para que tais violações não possam mais ser repetidas.

Portanto, o anteprojeto torna impossível que quaisquer documentos que possam se referir a mortes, desaparecimentos forçados e prisões arbitrárias sejam mantidos em sigilo, sob qualquer pretexto.

Ao mesmo tempo, o projeto Memórias Reveladas traz a esse processo outra contribuição fundamental. Vivemos na época da revolução da informação, com o advento da internet, em que os dispositivos de comunicação se tornam cada vez mais potentes e acessíveis.

Esse projeto permite, assim, que informações sobre práticas dignas de tempos medievais sejam acessadas e conhecidas por meio de tecnologias do século XXI. Trata-se, portanto, de mais um passo decisivo para a completa



reconciliação do Brasil democrático.

Eu penso que sobretudo os militantes de direitos humanos, os companheiros que participaram da luta pela democracia a partir de 1964, contra o regime militar, sabem perfeitamente bem que o que nós estamos fazendo aqui hoje é uma mudança de página da história do Brasil.

Mas não é com uma mudança de página que nós queremos esconder o que está no verso da página. Nós queremos fazer com que a história deste país seja contada verdadeiramente como ela foi, como ela é, e contada como ela será daqui para a frente.

Eu sei que muitas vezes a angústia toma conta de pessoas, ou por excesso de demora, ou angústia outros por excesso de rapidez. As coisas acontecem no tempo certo e no tempo em que as coisas estão maduras para acontecer. As condições a que nós chegamos para produzir esse projeto de lei e todas as demais decisões foi um processo de amadurecimento, um processo que levou anos de discussão dentro do governo para que a gente pudesse chegar a este momento e concluí-lo, esperando que o Congresso Nacional, como sempre, possa aperfeiçoá-lo, possa melhorá-lo e nunca piorá-lo, porque essa tendência não está prevista em quem está mandando o projeto para dentro do Congresso Nacional. O que é importante... Obviamente que os deputados e senadores têm liberdade. Nós não mandamos lá, portanto, é apenas um apelo.

Agora, o que é importante que todos nós tenhamos claro, gente, é que este país - embora tenha 500 anos - a nossa democracia é muito incipiente. Se nós quisermos pegar o período de 1985 a 2009, nós temos apenas 24 anos de democracia contínua e o mais longo período de democracia contínua no Brasil. Eu penso que é importante que a gente não perca de vista o que aconteceu com o Brasil até a Proclamação da República e depois da Proclamação da República. É importante a gente não se esquecer que as mulheres só conseguiram o direito de voto na Constituição de 1934. É importante a gente



conhecer que este país deu passos extraordinários sobretudo a partir da Constituição de 88. É importante a gente saber que as instituições, hoje, estão muito mais sólidas, muito mais fortes do que eram há 20 ou 30 anos. E cada um de nós tem uma parcela de contribuição para que nós chegássemos ao dia de hoje.

Eu estou convencido de que nós vamos prestar um serviço à democracia brasileira, na hora em que a gente conseguir desvendar alguns mistérios que ainda persistem na nossa história. Estou convencido. E que ninguém veja isso como se fosse revanchismo, porque daqui a um ano e meio eu deixarei o governo, e tudo o que eu fizer de errado, quem vier depois de mim tem mais é que dizer as coisas que eu fiz de errado, e eu não posso achar que a pessoa está me perseguindo. Eu que trate de fazer as coisas certas quando eu estiver no governo, para que depois eu não pague o preço de ficar correndo atrás das mazelas, que quem entrar depois de mim [possa] achar que eu tenha feito.

Este país tem Poder Judiciário. As pessoas que se sentirem, eu diria, ofendidas, vão se defender na Justiça. Mas o dado concreto é que sejam militares ou civis, sejam de esquerda ou de direita, sejam homens ou mulheres, é importante termos consciência de que o passo que nós estamos dando hoje é um passo excepcional na vida deste país, e eu espero que o Congresso aprove logo isso. Por isso, estamos mandando como projeto de lei, e não como medida provisória. E que a gente possa ter orgulho, viajando o mundo, de dizer que neste país a verdade é para todos, e não apenas para alguns.

Parabéns, companheira Dilma. Parabéns, companheiro Franklin. Parabéns aos companheiros que trabalharam neste projeto. Parabéns ao ministro Jobim, ao ministro Tarso. Eu acho que vocês deram uma contribuição extraordinária ao processo democrático brasileiro.

Um abraço e boa sorte para todos nós.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
9ª Conferência Global sobre Viagens e Turismo**

Florianópolis-SC, 14 de maio de 2009

Meu caro governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da
Silveira,

Ministros Juca Ferreira, da Cultura; Luiz Barretto, do Turismo; e Altemir
Gregolin, da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca,

Senhor Leonel Arcângelo Pavan, vice-governador do estado de Santa
Catarina,

Deputado Jorginho Melo, presidente da Assembléia de Santa Catarina,

Senadora Ideli Salvatti,

Senador Neuto de Conto,

Senhores deputados federais,

Meu caro Dário Berger, prefeito de Florianópolis,

Senhora Jeanine Pires, presidente da Embratur,

Meu caro Taleb Rifai, secretário-geral da Organização Mundial do
Turismo,

Senhor Jean-Claude Baumgarten, presidente-executivo do WTTC,

Senhor Geoffrey Kent, presidente do Conselho do WTTC, em nome de
quem cumprimento os demais membros do WTTC,

Amigos,

Convidados,

Secretários dos estados,

Secretários municipais,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Toda vez que participo de um encontro desta magnitude, em que precisamos falar bem do nosso país para convencer alguém a acreditar no país que tanto nós acreditamos, eu sinto um certo conforto, porque nós não precisamos dizer, em nenhum evento internacional, nada mais do que a verdade e apenas a mais absoluta verdade.

Em primeiro lugar, este evento que estamos fazendo aqui é o primeiro de uma série de eventos que nós pretendemos fazer ao longo dos próximos oito anos. Não sei se a direção da WTTC está percebendo que este evento é o primeiro evento de uma série de coisas que nós queremos conquistar para o Brasil, para a América Latina e para a América do Sul.

Primeiro, este encontro, que pela primeira vez se reúne no nosso continente. Em 2014, a Copa do Mundo. E, se Deus quiser, em 2016 traremos para o Brasil as Olimpíadas. Estamos trabalhando fortemente para convencer os membros, delegados do Comitê Olímpico, de que qualquer país do mundo, dos países desenvolvidos, que realizar a Olimpíada em 2016, será apenas mais uma Olimpíada, mas realizá-la aqui no Brasil é possibilitar a autoafirmação de um país que está demonstrando, nesses últimos anos, que não depende de ninguém mais para que a gente se transforme em uma grande nação.

Quero dizer isso para mostrar a vocês que o Brasil não trata mais a questão do turismo como um discurso de campanha eleitoral, [e] não trata a questão do turismo porque é bonito falar em turismo. Nós tratamos a questão do turismo porque entendemos que o turismo é uma indústria extraordinária de geração de desenvolvimento cultural, de desenvolvimento econômico e por que não dizer, de geração de empregos e distribuição de renda.

O que nós temos a oferecer a vocês? Facilidades? Não. Até porque o nosso presidente passou aqui viajando o Brasil inteiro. Certamente, já conhece o Brasil mais do que eu e do que o Governador, e eu não posso dizer alguma



coisa que amanhã ele diga para vocês: “não é verdade o que o Presidente disse”.

Possivelmente, tenhamos o maior potencial turístico que tem um país do mundo hoje, que nem nós mesmos, brasileiros, conhecemos. Agora há pouco, em uma reunião pequena, com alguns representantes da direção do WTTC, eu dizia que duvidava que os dirigentes brasileiros e os políticos brasileiros soubessem que o Brasil tem 2.600 museus. E duvido também que os empresários do turismo brasileiro saibam que o Brasil tem 2.600 museus. E não sabem porque nunca foi falado para ninguém.

A coisa mais extraordinária de um brasileiro que viaja para o exterior é que ele quer conhecer todas as coisas antigas que existem no mundo. Ele quer conhecer as pirâmides do Egito, ele quer conhecer as igrejas extraordinárias da Espanha, os castelos fantásticos da França, da Alemanha, e ele acha maravilhoso tudo aquilo preservado, tudo aquilo como se fosse novo, tudo aquilo extraordinário e bonito, para se imaginar como era que se vivia 600, 700 ou mil anos atrás. Mas quando se trata de a gente querer restaurar uma obra aqui no Brasil, um prédio histórico – certamente, os senhores sabem que não temos 5 milhões de anos de história, temos 500 anos de história - mas quando tratamos de preservar um prédio, não faltam aqueles que dizem que estamos jogando dinheiro fora: “Para que consertar um prédio antigo?”

Quem passar por São Paulo e vir a avenida Paulista com aqueles prédios extraordinários, com sedes de federações empresariais, com os maiores bancos do Brasil, não sabe que há pouco tempo a Avenida Paulista tinha casarões extraordinários do século XVIII, do século XIX, que foram derrubados sem nenhuma avaliação histórica da importância para o futuro da nossa juventude ou para o futuro do Brasil. Aquilo era derrubado e demolido, e no lugar se construía um prédio, sem que nós estabelecêssemos critérios de importância, até turística.

Hoje, o Brasil mudou. Mudou, porque a primeira coisa que nós fizemos



foi criar um Ministério para cuidar especificamente do turismo. Eu disse agora há pouco e vou repetir aqui: na década de 40, o Ministério do Turismo no Brasil era tratado no Ministério da Agricultura. Mais tarde, o Ministério do Turismo foi tratado no Ministério da Indústria e Comércio. Mais tarde, ele foi tratado no Ministério do Esporte. Na verdade, o turismo brasileiro nunca tinha sido levado a sério, embora fosse argumento e motivo para discursos em campanhas eleitorais, como se nós fôssemos o país que melhor cuidasse do turismo.

Quando nós criamos o Ministério do Turismo, a primeira coisa que nós definimos era que o Brasil precisaria ter uma política de turismo. Estabelecer uma estratégia com metas a serem alcançadas ao longo de um determinado tempo. E trabalhar para que o Brasil ganhasse credibilidade e convencê-los de que investir no Brasil era um bom negócio, de que receber visitas de turistas estrangeiros era um extraordinário negócio. Mas também criar as condições para que os brasileiros pudessem visitar outros países, para que os brasileiros pudessem aumentar o seu nível cultural e permitir que outros também, vindo aqui, aumentassem o seu nível cultural.

O que quer um turista? O turista pode ser um turista de negócios, que vem a um evento, a uma feira de automóveis, a uma feira de imóveis, a uma exposição de qualquer coisa no país. O turismo pode ser um turismo eminentemente de praia, aquele que quer ir a uma cidade, ficar à beira da água – sobretudo, onde tem muita água, como neste estado – tomando caipirinha, ouvindo as músicas brasileiras, vendo as pessoas passarem e, depois de uma semana, retornar ao seu país. Tem outros turistas que querem fazer turismo cultural, tem outros turistas que querem fazer turismo ecológico. Agora, tem a totalidade deles que quer fazer um pouco de tudo se nós ofertarmos para eles a possibilidade de ficar um dia na praia, de conhecer um dia um museu, de poder ter acesso à Amazônia, de poder ter acesso ao Pantanal, de poder ir a uma escola de samba, de poder participar da vida intensa de um país. Sobretudo o turismo culinário, experimentar a comida dos países, o tempero, o



gosto, a bebida, o hábito. E isso só é possível se nós sairmos do discurso e começarmos a fazer os investimentos em infraestrutura que precisam ser feitos, para que as pessoas tenham a garantia de que, mais do que palavras, as pessoas precisam ver as obras acontecerem no país.

O Brasil tem fronteira com quase todos os países da América do Sul, menos com o Equador e com o Chile. São mais de 15 mil km de fronteira seca. Entretanto, em 500 anos de história, a primeira ponte entre o Brasil e a Bolívia fui eu quem fez. A primeira ponte entre o Brasil e o Peru, nós fizemos em Assis Brasil, agora, no Acre.

Na verdade, falou-se durante séculos em turismo, mas pouco se fez para que as pessoas tivessem o livre exercício de transitar, criando facilidades nas nossas fronteiras e não mais dificuldades. Obviamente que todo mundo gostaria de receber só turista rico. Todo mundo gostaria de receber apenas o turista rico, aquele que gastasse milhares de dólares em uma semana na França, no Brasil, na Bolívia, na Índia, na Itália. Mas nós temos que levar em conta que a maioria da Humanidade não é rica e que mesmo o turista europeu, que vai à Espanha, que vai à França, que vai a qualquer outro país, ele sai com a consciência de turista de que ele só pode gastar o necessário, de que ele não pode gastar mais do que o seu orçamento permite que ele gaste.

Ora, então nós temos que fazer uma combinação. Primeiro, nós temos que ter certeza de que a miséria não atrai turista, a pobreza não atrai turista. Se fosse assim, a América Latina, a África e uma parte da Ásia seriam os maiores polos de turismo do mundo. Nós precisamos saber que ignorância e analfabetismo também não atraem turismo, atraem determinados estudiosos, educadores, mas muito poucos. O que, então, atrai o turismo? O governador citou algumas coisas importantes no estado de Santa Catarina. Eu poderia citar para vocês, além das belezas naturais que vocês reconhecem, que não dependeram de nós, já estavam feitas. Aliás, mais bonitas antes de os portugueses chegarem aqui, em 1500, o que nós fizemos foi estragar um



pouco a beleza da natureza. Eu fico imaginando, Luiz Henrique quando os portugueses chegaram ao Rio de Janeiro e viram aquele negócio virgem, aquelas matas virgens, que beleza que não era aquilo, ou quando chegaram aqui no litoral de Santa Catarina. O que nós fizemos foi estragar um pouco. Mas agora, estamos tendo consciência de que é preciso combinar a beleza natural que a natureza nos deu com a possibilidade de melhoria da qualidade, para que as pessoas possam frequentar aqueles lugares.

O nosso governo está fazendo no Brasil, não por causa da crise, porque antes da crise nós decidimos investir US\$ 304 bilhões em infraestrutura. E dentro da infraestrutura estão previstos 4.700 quilômetros de ferrovias, estão previstas melhorias em todos os aeroportos brasileiros, está previsto que a gente faça as estradas que tem que ser feitas, ferrovias, que a gente faça as coisas que precisam ser feitas, mas, sobretudo, que a gente melhore a qualidade de vida da população brasileira. Nesses últimos seis anos, 20 milhões de brasileiros saíram da classe C para a classe D e para classe E. [saíram da classe E para a classe D e para a classe C]. Nesses últimos seis anos, nós conseguimos fazer com que houvesse uma evolução na educação deste país. Somente universidades nós fizemos 14, 98 extensões universitárias, e vamos inaugurar, até 2010, 214 escolas técnicas para melhor qualificar a juventude brasileira.

Mas nós sabemos que é preciso fazer um pouco mais, que é preciso criar as condições objetivas. Ao convidá-los a fazer investimentos no Brasil, qual a disposição nossa de criar as condições que vocês já adquiriram em outros países? Não é a venda de facilidades. Tem gente que acha que para convencer um empresário a investir no Brasil nós temos que abrir mão de cobrar qualquer tributo, que temos que dar terreno de graça, quando na verdade o que nós temos que dar para vocês é a certeza de que nós estaremos preparados para receber os turistas com uma prestação de serviços de extraordinária qualidade.



O Brasil foi o último país do mundo a entrar na crise. E não haveria razão de termos entrado na crise como entramos, se não fosse a desconfiança causada pelo sistema financeiro, que fez com que o crédito no mundo desaparecesse. Imediatamente, nós tomamos a decisão de não permitir que nós tomássemos a decisão de não investir naquilo que estava previsto. Mantivemos todos os investimentos que estavam previstos. E, pelo contrário, aumentamos mais os investimentos, mais política social, para que a gente possa, ao sair dessa crise, sair em uma situação infinitamente melhor do que nós entramos.

Eu tenho dito aos presidentes de países do mundo que essa crise não é a crise para a gente ficar lamentando e chorando, que essa crise é a crise que provoca os estados a fazerem investimentos. E a fazerem muitos investimentos, para que a gente possa criar as condições de, ao terminar a crise do sistema financeiro, nós estarmos em condições muito melhores.

Vocês devem acompanhar a imprensa brasileira, devem acompanhar a imprensa nacional, e vocês estão percebendo que a economia brasileira está se recuperando, eu diria, de forma extraordinária. Ainda temos problemas. Qual é o problema que nós temos? É o problema de crédito, que não é um problema brasileiro, é um problema do mundo inteiro. Na medida em que o crédito desapareceu no mundo, 30% do crédito brasileiro era tomado no exterior. Na medida em que o crédito no exterior desapareceu, esses 30% que nós tomávamos lá fora vieram aqui para dentro. E aí, o que aconteceu, e aconteceu no mundo inteiro? O crédito ficou mais, eu diria, diminuto, mais caro, e as pessoas passaram a ter mais dificuldade para obter crédito.

O governo brasileiro, que tem um sistema de bancos públicos que garante 50% do crédito brasileiro... A decisão nossa foi comprar mais bancos. Compramos um grande banco do estado de São Paulo, a Caixa Econômica estadual [Nossa Caixa], um banco que tem 560 agências; compramos 50% do Banco Votorantim, que era o banco que tinha a maior expertise para financiar



carros usados no Brasil; colocamos um crédito de seguro – um seguro garantidor – para financiar os bancos pequenos que não estavam conseguindo capitalizar no interbancário e, ao mesmo tempo, anunciamos uma série de políticas de crédito para reativar a economia.

Anunciamos 1 milhão de casas populares neste país, pensando não apenas na casa, mas no enfrentamento da crise econômica para gerar empregos e gerar renda. Ao mesmo tempo, tomamos a decisão de fazer desoneração de impostos de vários setores e de toda sua cadeia produtiva, como a construção civil, como a indústria automobilística, como geladeira, máquina de lavar, para que a gente possa ativar o mercado brasileiro e permitir que a economia continue crescendo. E nós já estamos colhendo resultados.

Mas aí volta a questão do turismo. Ora, como é que a gente pode querer que o turismo funcione se a gente não tem, por exemplo, maior concorrência dos meios de transporte aéreos no Brasil? Como é que a gente quer que um brasileiro conheça a América do Sul, se a gente tem poucos voos para a América do Sul? Ou como é que a gente quer que um sul-americano conheça o Brasil, se os voos são muito poucos da América do Sul para cá?

Agora estamos discutindo com os governadores dos estados do Brasil a elaboração de uma política de regionalização da aviação brasileira. Se as empresas grandes querem ganhar dinheiro fazendo voos de capital a capital, ou de São Paulo a Paris, é um direito delas. Mas o Estado brasileiro precisa garantir que uma cidade média possa ter um pequeno voo para outra cidade média, para que a gente possa fazer com que as pessoas tenham liberdade de transitar entre as pessoas [cidades]. E isso, vocês sabem, e eu vou dizer aqui, que a nossa aviação regional já foi infinitamente melhor do que é hoje. Nós agora, junto com os governadores, tomamos a decisão de que nós vamos recuperar a aviação regional.

Da mesma forma que nós queremos, nesse processo de integração sul-americana, restabelecer a facilidade de voos entre os países da América do Sul



e restabelecer a possibilidade de viajar para os países africanos. Ou seja, coisa que nós não temos, coisa de que nós nos descuidamos, e coisa que agora nós estamos colocando quase como uma determinação governamental, para que a gente possa ocupar mais corretamente o espaço geográfico do continente e fazer com que as pessoas possam transitar entre os nossos países.

O que eu poderia oferecer para vocês virem para cá? O que eu poderia oferecer, além das coisas que vocês já conhecem? Obviamente, a melhor coisa que eu posso oferecer para vocês é um país com um poder aquisitivo razoável, que a gente possa ter uma combinação entre o crescimento do turismo externo e o crescimento do turismo interno. E isso está acontecendo no País.

Certamente, o Ministro do Turismo vai ficar aqui amanhã e vai poder conversar um pouco mais com vocês. Mas o Brasil, pelo tamanho que tem – o Brasil tem cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, e tantas outras cidades – o Brasil tem o potencial turístico que têm muitos países pequenos da Europa. Só que nós precisamos criar as condições para essas pessoas viajarem. E isso é uma responsabilidade da qual o governo federal não vai abrir mão.

O Governador de Santa Catarina sabe o esforço que estamos fazendo conjuntamente para duplicar a BR-101, para facilitar a vinda dos argentinos para cá, mas também a ida dos brasileiros para lá. É extremamente importante que os argentinos conheçam as praias de Florianópolis, mas é extremamente importante que o Brasil conheça as coisas extraordinárias que tem na Argentina, sobretudo a beleza de Buenos Aires.

É importante que o Brasil conheça as belezas turísticas do Peru, as belezas turísticas da Bolívia, porque se a gente fica olhando apenas, muitas vezes, pelo noticiário, só aparece a miséria, não aparecem as coisas importantes que tem nesses países, e nós sabemos que tem. Mas como um brasileiro vai a Cuzco, a Machu Picchu, se não tem meio de transporte para



levar essas pessoas? A não ser que a gente repita os diários de Guevara [Diários de Motocicleta], ou seja, todo mundo de motocicleta, andando por esse continente, quando na verdade fica muito mais fácil a gente fazer com que os presidentes dos países assumam a responsabilidade de criar as condições para que a aviação, se em um primeiro momento é deficitária, que a gente participe, até muitas vezes subsidiando, mas que a gente possa criar linhas que no começo serão deficitárias, mas depois serão muito lucrativas. O que é importante é que as pessoas percebam que elas terão o direito de ir e vir, e isso cabe aos Estados garantir.

Da minha parte, eu queria terminar dizendo a todos vocês: eu estou convencido de que em 2022 o Brasil completará 200 anos de independência. Desses 200 anos de independência, em mais da metade do século XIX e do século XX, o Brasil foi um país subserviente. O Brasil foi um país que não acreditava em si mesmo. O Brasil foi um país que não tinha autoestima e nós agora estamos cheios de autoestima. Essa crise mostrou quem é quem na economia mundial. A coisa que mais me dá orgulho é saber que, quando tem uma crise da magnitude dessa crise – que economias, como os Estados Unidos, entram em crise; que economias, como a inglesa, entram em crise; que economias, como a alemã, que é a maior exportadora do mundo, entram em crise – o Brasil se apresenta ao mundo como o país com mais estabilidade econômica. O Brasil se apresenta ao mundo com a sua regulação do sistema financeiro melhor do que a de qualquer outro país do mundo. E é por isso que nós estamos convencidos de que sairemos da crise mais fortes do que nós entramos nessa crise.

Todos vocês gostarão de fazer investimentos em países que não tenham crise. Todos vocês gostarão de fazer investimentos em países que ofereçam belezas naturais, mas que ofereçam também atividades culturais para vocês, que ofereçam possibilidade de segurança, que ofereçam possibilidade daquilo disse o Governador do estado: de as pessoas poderem



fazer de uma viagem, com uma passagem, e conhecendo um país do tamanho do Brasil, [conhecer] vários países ao mesmo tempo, porque no Brasil, vocês vão conhecer, cada região é uma região. Cada região tem um clima, cada região tem uma riqueza natural, cada região tem um potencial extraordinário. E eu acho que vocês não podem perder a oportunidade de aproveitar isso.

Da parte do governo federal, eu tenho certeza de que da parte do governo estadual e do governo municipal, nós apenas queremos dizer a vocês: não somos os melhores do mundo, mas também não somos os piores, não somos inferiores e nós estamos ávidos para recuperar o tempo perdido que este país teve em não acreditar no turismo como uma das principais indústrias de desenvolvimento do país.

Boa sorte! Deus queira que amanhã faça sol para que vocês possam degustar um pouco dessas praias, que possam pisar nas areias de Santa Catarina, de Florianópolis, que vocês possam comer um bom camarão, na hora, cedo, na beira da praia. Que o Governador providencie uma caipiríssima para vocês saberem a diferença da nossa caipirinha para o *aquavit*, para o (incompreensível), para o uísque. Eu tenho certeza de que vocês vão gostar muito mais. Eu espero que isso seja motivo para atraí-los a fazer investimentos em nosso país.

Que Deus dê a vocês toda tranquilidade do mundo nesses dias que estarão em Santa Catarina.

Um abraço e obrigado.

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à União Internacional de Telecomunicações

Palácio da Alvorada, 15 de maio de 2009

Meus amigos e minhas amigas,

Ser premiado pela União Internacional de Telecomunicações é um fato que muito me orgulha e me honra, sobretudo porque as razões da premiação foram as medidas que temos tomado pela inclusão digital e contra a exploração sexual infantil na rede mundial. No ano passado, sancionei uma lei que tornou crime a compra, a veiculação e posse de material relacionado com pornografia infantil na internet.

Fico muito feliz por estarmos em sintonia com as preocupações da UIT, que adotou este ano o tema “Proteção das Crianças no Espaço Virtual”, para marcar o Dia Mundial da Telecomunicação e Sociedade da Informação. Queremos proteger, mas também ampliar o acesso ao espaço virtual, especialmente para os menos favorecidos.

Entre as medidas tomadas, distribuímos um kit com 10 computadores e outros itens para cerca de 5.500 municípios brasileiros. Todas as escolas públicas urbanas do País estão sendo equipadas com internet banda larga. E estamos distribuindo, experimentalmente, 150 mil notebooks para alunos e professores da rede pública, da educação básica.

Minha saudação calorosa aos participantes deste encontro e à União Internacional de Telecomunicações.

Boa sorte e muito obrigado.

(\$212)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de almoço na Câmara de Comércio, na Arábia Saudita

Riad, Arábia Saudita, 17 de maio de 2009

Senhor Muhammad ibn Jameel Mulla, Ministro das Comunicações e Tecnologia da Informação da Arábia Saudita,

Senhor Abdul Rahman al Attiya, Presidente da Câmara de Comércio da Indústria de Riade,

Companheiros ministros que me acompanham nesta viagem, Celso Amorim, das Relações Exteriores, Miguel Jorge da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior e Franklin Martins da Secretaria de Comunicação Social,

Senhores empresários brasileiros, empresários da Arábia Saudita,

Meus amigos e minha amigas

Minha visita à Arábia Saudita – a primeira de um Presidente brasileiro - busca dar continuidade a nosso esforço de construir um relacionamento profundo com os países do Oriente Médio.

O lançamento da Cúpula América do Sul - Países Árabes, nossas novas embaixadas na região, a designação de um Embaixador Extraordinário para o Oriente Médio e a participação brasileira nos esforços de paz na Palestina, são demonstrações concretas de nossas intenções.

As relações com a Arábia Saudita ocupam papel de destaque nessa estratégia. Maior exportador mundial de petróleo, com um PIB de US\$ 470 bilhões e um mercado de 27 milhões de pessoas, o país ocupa lugar destacado na economia regional e mundial. Desperta justificado interesse para o nosso país.



A Arábia Saudita é nosso maior parceiro comercial. Nos últimos seis anos houve um crescimento de 450 por cento no fluxo de Balança Comercial entre os dois países. O potencial de nosso relacionamento é muito maior, no entanto. Para alcançar metas mais ambiciosas, Governo e empresários têm de avançar na identificação e aproveitamento de novas oportunidades.

Demonstração viva dessa disposição é a expressiva comitiva de empresários que me acompanha. Temos que diversificar nosso comércio ainda concentrado em poucos produtos. Podemos aumentar nossos investimentos de parte a parte. Sei do interesse saudita em atrair outras empresas brasileiras nos setores de petróleo, gás, mineração, aviação, engenharia e construção. Nessas áreas temos experiência e competência internacional.

Podemos iniciar uma relação de novo tipo, que inclua a efetiva transferência tecnológica para a modernização da indústria local. A firma brasileira Biom realizará investimentos na Arábia Saudita para a implantação de fábrica de insulina humana, para atender a Arábia Saudita e todo o Oriente Médio. Temos grande expectativa de receber investimentos sauditas no setor do agronegócio. O Brasil já é um importante fornecedor de alimentos e matérias-primas para a Arábia Saudita, mas pode se tornar também um parceiro estratégico para a segurança alimentar deste país.

Senhoras e senhores empresários,

Em momentos de rápidas transformações, como o que vivemos, não há tempo a perder. Temos de fortalecer nossas relações com um número cada vez maior de países, em todas as regiões do globo.

Um bem sucedido acordo entre o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo dará novo impulso ao nosso comércio bilateral. O Brasil e o Mercosul estão empenhados na rápida retomada das negociações. As dificuldades existentes podem ser resolvidas com a adoção de soluções criativas, que permitirão um acordo equilibrado que trará benefícios mútuos.

Senhoras e senhores,



Brasil e Arábia Saudita também podem trabalhar juntos no âmbito multilateral para fazer do comércio um fator de desenvolvimento. Desde que a Arábia Saudita se tornou membro da OMC, contamos com um novo aliado para uma conclusão equilibrada da Rodada de Doha. Esse é um tema fundamental para nossos países, especialmente num momento em que ressurgem pressões protecionistas que tendem a penalizar os países mais pobres.

Ampliar as transações comerciais será, nesse momento de crise, uma importante medida anticíclica. Nossos países foram menos afetados pela crise em razão da solidez dos programas de governo e das políticas públicas que adotamos. A Arábia Saudita, assim como o Brasil, empreende amplo programa de obras de infra-estrutura. No Brasil, vamos construir um milhão de moradias, com o objetivo de combater o déficit habitacional e gerar centenas de milhares de empregos. Nosso Programa de Aceleração do Crescimento – um investimento de mais de 300 bilhões de dólares - está ajudando a retomar o desenvolvimento com maior rapidez. Nessa tarefa o empresariado tem papel fundamental.

Parceiros no G20 financeiro, Brasil e Arábia Saudita já deram mostras de que podem contribuir para construir uma nova governança econômica global que atenda os interesses dos países em desenvolvimento.

Caros amigos, empresários sauditas e brasileiros,

Para aqueles que têm receio das distâncias, ou do desconhecido, é bom lembrar o exemplo dos imigrantes árabes que vieram tentar a sorte no Brasil e lá foram acolhidos calorosamente. A comunidade árabe conquistou merecido espaço em todos os segmentos da sociedade brasileira.

Apesar dos problemas históricos distintos, estou convencido de que o Brasil e a Arábia Saudita são países que devem aproveitar suas complementaridades. Temos metas semelhantes e podemos trabalhar juntos em benefício de nossos povos.

Meus amigos da Arábia Saudita e meu amigos brasileiros,



Eu não poderia deixar de dizer algumas palavras que não estão escritas aqui, para ressaltar esse encontro que estamos fazendo aqui na Arábia Saudita.

Parecia muito difícil um Presidente da República vir à Arábia Saudita. Desde 2004 eu tenho insistido com o Ministro Celso Amorim para que nós pudéssemos, em uma dessas viagens, passar na Arábia Saudita, mas sempre houve problemas com a agenda, ou de um lado ou de outro. Até que na última reunião do G20, em Londres, eu encontrei com o Rei e eu disse a ele que tinha algum problema que eu não conseguia uma agenda para vir à Arábia Saudita. Passados poucos meses, eu estou aqui e é a primeira vez que um Presidente da República Brasileiro vem à Arábia Saudita. Eu sei que muita gente da Arábia Saudita, empresários, ministros, o próprio Rei Abdullah foi ao Brasil quando era príncipe herdeiro, em 2000, outros príncipes foram ao Brasil. Mas eu penso que agora muda a qualidade das nossas visitas. Eu acho que isso é resultado um pouco da crise econômica por que passa o mundo.

A Arábia Saudita e o Brasil resolveram tomar uma decisão de que em tempo de crise não adianta a gente ficar chorando ou se lamentando, o que é importante é que tomemos iniciativas para superarmos a crise e sairmos da crise mais fortalecidos do que nós éramos antes da crise econômica. E é isso que estamos fazendo aqui.

A Arábia Saudita tem um grande programa de investimento em infraestrutura e certamente o Brasil tem interesse de participar. O Brasil tem um grande programa de infraestrutura e certamente a Arábia Saudita terá interesse de participar. Mas para que isso aconteça é importante que os dirigentes políticos estejam com a cabeça aberta para conhecer novos espaços, para conhecer novas oportunidades e para que a gente possa encontrar novos parceiros para que a gente possa crescer um pouco mais, desenvolvendo os nossos países e melhorar a qualidade de vida do nosso povo. É importante descobrir o que a Arábia Saudita tem a oferecer, o que o Brasil tem a oferecer.



Não é apenas uma relação de quem pode comprar ou de quem pode vender, mas é uma relação de construir algo novo que ainda não existe entre a Arábia Saudita e o Brasil. As parcerias entre os nossos empresários, começando pela área de petróleo e passando pela indústria petroquímica, entrando na indústria do agronegócio, entrando na discussão dos combustíveis renováveis, na questão energética, na questão da ciência e tecnologia, na questão da educação, ou seja, nós temos um trabalho extraordinário para que a gente possa construir. A nossa indústria farmacêutica, pode trabalhar tranquilamente em parceria com uma indústria da Arábia Saudita. Agora para isso, e ontem eu tive oportunidade de falar com o rei Abdullah, e vou repetir aqui, para isso é necessário que haja a determinação e quero dizer aos companheiros árabes que durante mais de um século a cabeça brasileira esteve voltada apenas para os Estados Unidos e para a Europa e que a gente não enxergava o Oriente Médio como oportunidade.

Aliás, a gente não enxergava a América do Sul como oportunidade, a gente não enxergava a África como oportunidade, era tudo os Estados Unidos e a União Européia. Mas exatamente pelo fato desses países serem muito desenvolvidos e todo mundo querer ter relações com eles, fica cada vez mais difícil que um país como a Arábia Saudita ou como o Brasil, coloquem seus produtos industrializados nestes países, porque eles são mais competitivos do que nós, porque eles detêm mais conhecimento tecnológico do que nós. E nós não queremos mais ser exportadores apenas de matéria prima, de *commodities*. Nós queremos dinamizar o desenvolvimento tecnológico dos nossos países através do fortalecimento da nossa indústria e é por isso que eu estou aqui, é porque nós precisamos encontrar novos parceiros, estabelecer as similaridades entre nós, o que nós poderemos oferecer e o que nós poderemos receber, o que a Arábia Saudita pode nos oferecer para que a gente construa juntos uma ação conjunta, até para participar do comércio mundial com mais força.



É importante lembrar que quando nós convidamos o primeiro encontro países árabes e América do Sul, no Brasil, muita gente não acreditava que ele pudesse acontecer, e aconteceu. E foi um sucesso. Naquele tempo os Estados Unidos pensavam que o encontro era contra os Estados Unidos. Israel pensava que o encontro era contra Israel. E a gente não queria fazer o encontro contra ninguém. O encontro era favorável a nós, era um encontro para discutir os nossos problemas. E fizemos o segundo [encontro] na cidade de Doha, no Catar, com muito mais participação árabe e com muito mais participação da América do Sul. É importante lembrar que quase todos os presidentes da América do Sul estiveram presentes em Doha. E que aqueles que não foram, foram representados pelos vice-presidentes, numa demonstração de que as pessoas estão descobrindo que é preciso procurar novas parcerias no mundo globalizado, onde poucos países detêm o monopólio da negociação, o monopólio da produção e o monopólio da tecnologia.

Nós estamos apenas dizendo ao mundo que a Arábia Saudita não quer mais apenas vender petróleo, ela quer investir em conhecimento, ela quer investir em ciência e tecnologia, porque ela também quer exportar produto de valor agregado tão competitivo quanto o dos países modernos. E o Brasil quer a mesma coisa. O Brasil já exporta avião, o Brasil já exporta produtos importantes de valor agregado, mas ainda é pouco diante do que nós poderemos produzir e essa junção de dois países com vontade de crescer, com vontade de se desenvolver, pode criar um novo paradigma na relação mundo Árabe-Brasil, América do Sul e mundo Árabe.

Por isso eu estou aqui muito satisfeito. Acho que daqui para frente, muitos empresários brasileiros terão que vir à Arábia Saudita e também muitos empresários da Arábia Saudita terão que ir ao Brasil. É importante que essas viagens se dêem com uma delegação grande de empresários, de especialistas, de cientistas, para que a gente possa se conhecer, porque tem muita gente que vê pela televisão vocês árabes vestidos desse jeito e pensam que vocês são



muito estranhos ao Brasil. E vocês não são estranhos ao Brasil. Primeiro, porque no Brasil tem mais árabes do que em muitos países árabes, segundo, porque os árabes fazem parte da cultura mundial, ou seja, muitas palavras utilizadas no dicionário brasileiro têm origem árabe. Portanto há uma identificação perfeita entre o mundo árabe e o Brasil, entre a Arábia Saudita e o Brasil, entre o desejo de desenvolvimento da Arábia Saudita e o desejo de desenvolvimento do Brasil.

Portanto meus senhores, eu quero terminar as minhas palavras esperando que neste ano já recebamos uma delegação da Arábia Saudita no Brasil. E que ainda este ano, outra de empresários brasileiros venha ao Brasil [Arábia Saudita] e que ainda no final do ano a gente comece a trocar essas experiências, porque o mundo não protegerá quem não tiver coragem de ousar. E ao invés de nós ficarmos colocando nossas reservas depositadas em títulos americanos - o Brasil tem pouco, tem apenas 200 bilhões de dólares em reservas, mas a Arábia Saudita tem muito, a China tem muito – ou seja, ao invés de a gente ficar com o dinheiro paralisado recebendo rendimento dos títulos americanos, se nós construirmos fábricas, se nós investirmos em ciência e tecnologia, se nós fizermos universidades, se nós investirmos nas indústrias de produção de alimento certamente daqui a 20 ou 30 anos a Arábia Saudita e o Brasil serão infinitamente melhores do que são hoje.

Por isso eu quero dar os parabéns aos empresários brasileiros que vieram aqui, aos empresários da Arábia Saudita e dizer que uma nova era começou na relação entre a Arábia Saudita e o Brasil.

Muito obrigado.

(\$211B)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), por ocasião da abertura do 25º Congresso Brasileiro da Radiodifusão

Palácio da Alvorada, 19 de maio de 2009

Meus amigos e minhas amigas da Abert,

Antes de mais nada, quero deixar registrada aqui a minha saudação aos participantes do 25º Congresso Brasileiro da Radiodifusão. Eu já tive a oportunidade e a honra de participar de várias outras edições deste Congresso, que reúne os principais líderes e empreendedores do rádio e da televisão.

Este ano, infelizmente, devido a compromisso no exterior, não posso comparecer pessoalmente. Este encontro é uma ótima oportunidade para o aprofundamento de questões que interessam não apenas ao setor, mas a todos os cidadãos brasileiros como, por exemplo, a liberdade de imprensa, novas mídias e tecnologias, competição e ética no rádio e na televisão.

A Abert está de parabéns por realizar encontros periódicos como este, e também pela escolha do tema central deste ano: “Radiodifusão, compromisso com o Brasil”. Antenada com os anseios do setor, a entidade chegou aos 46 anos de existência com amplo reconhecimento e representatividade, falando em nome de nada menos que 320 emissoras de televisão e 2.500 rádios.

Um forte abraço à direção da Abert e a todos os participantes deste Congresso. Boa sorte.

(\$212)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do Seminário Brasil-China: Novas
Oportunidades para a Parceria Estratégica**

Pequim-China, 19 de maio de 2009

(incompreensível) ...Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; Pedro Brito, da Secretaria Especial de Esportes,

Senhor (incompreensível), governador do Banco de Desenvolvimento da China,

Senhor (incompreensível), presidente do Banco de Desenvolvimento da China,

Senhor (incompreensível), embaixador da República Popular da China no Brasil,

Senhores e senhoras empresários do Brasil e da China,

Amigos e amigas,

Este é um momento especial das relações entre a China e o Brasil. Comemoramos 35 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre nossos países e reforçamos nossa parceria estratégica. Intensificou-se o comércio bilateral. Está cada dia mais claro o potencial de expansão dos investimentos entre os dois países. Nossos governos têm trabalhado intensamente para fortalecer nossa parceria.

Mas é necessário uma participação mais ativa dos meios empresariais. Por isso fiz questão de viajar acompanhado por expressiva delegação de homens de negócios.

Senhoras e senhores,

Desde o início desta década, o comércio entre a China e o Brasil cresceu a uma taxa anual média de mais de 40% ao ano. No último ano,



chegou a 55%.

A China passou a ser, em 2009, o maior parceiro comercial brasileiro. Nossas trocas continuaram crescendo – mesmo durante a crise – a despeito da recessão que se abateu sobre o mundo.

As exportações brasileiras para a China estão concentradas em produtos como soja, minério de ferro, petróleo e celulose. São produtos importantes. Queremos incrementar essas exportações. Mas é necessário diversificá-las para garantir a expansão do fluxo de comércio bilateral no longo prazo.

Temos de agregar valor a estes produtos. Isso depende da ação conjugada dos governos, removendo barreiras, e dos empresários, exercendo sua criatividade. Assim reduziremos o risco que a volatilidade dos preços das commodities poderá ter na economia e no emprego.

Avançar na cooperação entre autoridades sanitárias dos dois países é fundamental para esse objetivo. Isso dará impulso à venda de outros produtos como a carne, por exemplo.

A diversificação também envolve produtos de maior sofisticação tecnológica. É o caso dos aviões da Embraer, que apesar de estarem entre os principais produtos de exportação brasileira, ainda são pouco conhecidos na China.

Merecem destaque a experiência da Petrobras na perfuração de petróleo em águas profundas e nossa pujante indústria de máquinas e equipamentos agrícolas, de motores e de compressores.

A experiência brasileira com biocombustíveis oferece alternativa eficiente e limpa para a circulação de automóveis, e a co-geração de energia. Aí também a aplicação de tecnologia a produtos básicos valorizará nosso comércio.

No setor de serviços há grande potencial de cooperação, sobretudo na informatização de grandes sistemas.



No Brasil, o governo e o setor privado trabalham ativamente na "Agenda China", que prevê ações positivas na área de comércio e de investimentos.

A instalação em Beijing de escritório da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos se somará ao Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty no fomento e apoio a novas parcerias entre empresários brasileiros e chineses.

Até o final de 2009, estará funcionando o Consulado do Brasil em Cantão, sede de uma das maiores feiras de negócio do mundo e pioneira do processo que transformou o país em potência comercial.

Os acordos que serão assinados hoje entre o Banco de Desenvolvimento da China, o Banco do Brasil e o Banco Itaú complementam a moldura para a expansão do comércio.

Senhoras e senhores,

Nos últimos anos, o Brasil cresceu de forma sustentável com estabilidade macroeconômica. Estamos mostrando ao mundo que temos condições de superar a crise econômica global e retomar rapidamente o caminho do crescimento.

Os programas sociais do governo – a começar pelo Bolsa Família – asseguraram o nível de renda da parcela mais pobre da população, com impacto positivo na demanda e no consumo.

Em 2007, lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento, que investirá US\$ 306 bilhões até 2010 e mais US\$ 240 bilhões após 2010 em obras de logística, energia, infraestrutura e melhorias urbanas e sociais.

Reduzimos impostos, de forma a estimular o consumo interno e aumentar a competitividade de nossas empresas.

Em 2008, a Petrobras anunciou a descoberta de grande reserva de petróleo de alta qualidade no litoral, que colocará o Brasil entre os maiores produtores e exportadores de petróleo e de derivados.

Assinei, recentemente, decreto que regulamenta o estabelecimento de



Zonas de Processamento de Exportações, criando grandes oportunidades para a instalação de indústrias chinesas no Brasil, voltadas para o comércio internacional.

Podemos ampliar muito nossa Parceria Estratégica mediante a ampliação dos investimentos diretos.

Os acordos firmados entre o Banco de Desenvolvimento da China e instituições brasileiras como a Petrobras e o BNDES permitirão a participação chinesa em importantes projetos no Brasil.

Também gostaríamos de ver mais presença chinesa no mercado de capitais. Por isso, convido os bancos e os investidores a olhar mais para o mercado e para as empresas brasileiras.

O mercado de títulos da dívida brasileira é totalmente aberto para os investidores estrangeiros. Há também crescente mercado para investimentos em títulos privados e ações. O governo brasileiro trabalhará com os setores competentes do governo chinês para viabilizar esses investimentos.

Senhoras e senhores,

Em jantar na noite de ontem com o presidente Hu Jintao, constatamos mais uma vez a grande coincidência de posições entre o Brasil e a China nos foros internacionais na área econômica, comercial e financeira e também o potencial para ampliação da já extensa cooperação bilateral.

Para essa cooperação, estamos elaborando o Plano de Ação Conjunta com vistas a orientar nossas ações nos próximos cinco anos. Será amplo programa de cooperação, construído com base em amplas consultas entre os governos e os diversos setores da sociedade civil dos dois países.

Convido a todos os nossos amigos empresários a participarem desse esforço e tenho certeza de que desse seminário sairão muitas contribuições.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria, primeiro, abusar da paciência do intérprete, que terá que ter muita paciência, para dizer duas coisas a mais. China e Brasil estão



trabalhando para que essa crise econômica não permita que voltemos ao que éramos há 10, 15 ou 20 anos. China e Brasil estão demonstrando um potencial tão extraordinário nas suas relações políticas, cultural, comercial, que serve de reflexão para os empresários brasileiros, para o governo brasileiro, para os empresários chineses e para o governo chinês.

Imaginem que apenas há 35 anos estabelecemos a nossa relação diplomática. E em 35 anos, China e Brasil já têm um fluxo de balança comercial próximo dos US\$ 40 bilhões. A China e o Brasil já se transformaram nos maiores parceiros comerciais. Países com quem mantemos relações há séculos, países ricos, as nossas exportações são infinitamente menores. E eu diria: não menor do que a China, menores do que países com a Colômbia, países com a Venezuela, países como a Argentina. Em uma demonstração de que dois países que têm as mesmas necessidades, dois países que estão em franca expansão, e dois países que têm muitas similaridades, garantem a possibilidade da nossa balança comercial ser quase que infinita, na medida em que levarmos em conta o tamanho da China e o tamanho do Brasil. Na medida em que levarmos em conta as necessidades da China e as necessidades do Brasil.

E aí, é importante que tenhamos em conta que neste mundo globalizado nós não temos o direito de ficar esperando a sorte passar na nossa frente. Nós temos que ir ao encontro da sorte.

A primeira decisão do meu governo, de construir uma parceria estratégica com a China se deu em uma reunião em que nós decidimos garantir que os chineses pudessem construir o Gasene. Foi a única decisão do meu governo que eu coloquei em votação – a única. Porque tinha gente que defendia a parceria com o Japão, e nós defendíamos a parceria com a China. E o gasoduto está sendo construído. O José Sergio Gabrielli participou daquela reunião e até teve direito a voto.



O dado concreto é que nem o Brasil deve ter medo da China e nem a China pode ter medo do Brasil. O dado concreto é que nós temos que conversar cada vez mais, como duas grandes nações, como duas grandes economias, com um potencial de complementaridade que não existe entre o Brasil e nenhum outro país, e que não existe entre a China e nenhum outro país.

É com essa dimensão que nós precisamos nos relacionar, sem criar bloqueios, mas criar instrumentos para que a nossa relação se dê de forma cada vez mais justa, mais igualitária e mais produtiva para os dois países.

China e Brasil, hoje, são mais importantes do que alguns possam pensar. Aliás, não é possível qualquer decisão econômica, ou qualquer discussão econômica entre os países ricos do mundo, sem levar em conta a existência da China, sem levar em conta a existência do Brasil, sem levar em conta a existência da Índia, sem levar em conta a existência da Rússia, e sem levar em conta a existência de outros países importantes, inclusive países africanos, como a África do Sul.

Por que eu estou dizendo isso? É porque, nesse mundo globalizado, em que os ricos já não têm tanta certeza como tinham no século XX, não são tão perfeitos como eram no século XX, e países como a China e o Brasil se apresentam como alternativas concretas de países que têm estabilidade econômica, de países que souberam cuidar da macroeconomia, de países que souberam fazer reservas, e de países que, em vez de terem medo da crise, estão apostando que a crise é uma oportunidade para que a gente saia muito mais forte do que nós entramos, para que a gente possa ser mais criativo, mais inventivo, e para que a gente possa ter coragem de fazer aquilo que nós até então não tínhamos coragem de fazer. Em vez de medo, em vez de preocupação, mais coragem e mais ousadia.

E, aí, o desafio para os empresários brasileiros: é de que as oportunidades não aparecem na porta da nossa casa, batendo. Nós temos que



percorrer o mundo procurando essas oportunidades, nós temos que descobrir os nossos parceiros.

Por exemplo, a China e o Brasil têm muita preocupação com a questão do clima. Aliás, eu acho que toda a humanidade hoje tem preocupação com a questão do clima, porque nós estamos vendo lugares em que não chovia chovendo demais, lugares em que chovia demais chovendo de menos. Nós estamos vendo acontecer muitas coisas que parecem fora do normal.

E nós temos que ter duas sabedorias. A primeira, é que nós somos culpados; a segunda, é que nós temos alternativas. E o Brasil quer partilhar com a China o nosso conhecimento tecnológico na produção de energia alternativa, sobretudo de combustíveis limpos, de etanol, de biodiesel. E não queremos que a gente tenha nenhuma competição com a produção de alimentos. Nós queremos que a China continue produzindo os alimentos para o seu povo, o Brasil continue produzindo os alimentos para o seu povo.

Mas tem continentes, como o africano, que [com] uma parceria China-Brasil, na produção de biocombustíveis nesses países, nós poderíamos estar dando a países africanos que passaram todo o século XX, o século XIX, o século XVIII, sem esperança, a esperança e a certeza de que no século XXI eles poderiam ter a chance que não tiveram no século passado.

Eu ainda vou ter mais reuniões com o presidente Hu Jintao. Hoje, depois vou encontrar com o presidente Hu Jintao na Itália, depois vou encontrar com o presidente Hu Jintao no G-20 financeiro. E certamente ainda este ano deverei receber o presente Hu Jintao, para que eu possa pagar o jantar que ele me ofereceu ontem.

E cada reunião dessa é a oportunidade de nós tirarmos as nossas diferenças, de descobirmos novas oportunidades, novas parcerias para que China e Brasil possam, juntos, consolidar a mudança na geografia comercial que nós já começamos a fazer.



Quero dar os parabéns ao governo chinês, aos empresários chineses, aos empresários brasileiros, pelos acordos que nós vamos assinar hoje. Tenho certeza de que vocês estão dando uma contribuição inestimável para que a gente possa construir, neste século XXI, uma outra história da Humanidade. A história em que China e Brasil nunca mais serão esquecidos na roda de conversa dos países ricos, ou porque seremos tão ricos quanto eles, ou porque eles dependerão de muitas coisas que nós saberemos produzir.

E vocês não imaginam o prazer, a satisfação de nós começarmos a sentir que nós somos grandes, que nós temos importância, e que ninguém nunca mais vai sentar à mesa de negociação dizendo: “Não precisamos convidar China e Brasil, porque eles são pobres”.

Nós estamos aprendendo a gostar de sermos ricos. Nós estamos aprendendo a gostar de levar benefícios para a parte mais pobre da nossa população. E nós sabemos, China e Brasil – e os dois governos sabem – que ainda temos que fazer muito para consolidar um padrão de vida adequado para o nosso povo.

Uma coisa o mundo tem que ter certeza: não há volta. Nós queremos nos transformar em duas grandes economias. E para que isso aconteça, nós precisamos ter coragem de, a cada dia, renovar e fortalecer a nossa parceria.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Centro de Estudos Brasileiros**

Pequim-China, 19 de maio de 2009

Senhor (incompreensível), presidente da Academia de Ciências Sociais da China,

Ministros brasileiros que me acompanham nesta delegação, Celso Amorim, das Relações Exteriores; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Senhor (incompreensível), secretário-geral do Centro de Estudos Brasileiros da Academia de Ciências Sociais da China,

Senhoras e senhores da comunidade acadêmica chinesa,

Amigos da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas brasileiros, chineses,

Embaixadores convidados de outros países,

É uma honra visitar uma das mais reconhecidas instituições acadêmicas da China e de toda a Ásia, cuja excelência é reconhecida em todas as áreas de pesquisa a que se dedica.

Manifesto minha satisfação de estar presente na abertura do Centro de Estudos Brasileiros da Academia de Ciências Sociais da China. Esta é uma ocasião propícia para compartilhar com os senhores algumas reflexões sobre a parceria estratégica entre a China e o Brasil, analisando os desafios que enfrentamos nesses tempos de transformações no plano internacional.

Há 35 anos, a China e o Brasil estabeleceram relações diplomáticas, iniciando uma cooperação que se fortaleceu sobretudo nos últimos anos. Com base na amizade e no respeito mútuo, aperfeiçoamos continuamente nossos



canais de diálogo e avançamos lado a lado no desenvolvimento de importantes projetos.

Somos economias dinâmicas e complementares. Por essa razão temos podido intensificar a cooperação em diversas frentes, como nas áreas de energia, de aviação e de exploração de recursos minerais. Temos uma bem sucedida cooperação em ciência e tecnologia, com o emblemático programa de satélites, cujos benefícios estendemos a outros países em desenvolvimento.

O comércio bilateral vem alcançando números recordes a cada ano e nos mantemos empenhados em ampliar e diversificar nosso intercâmbio. Em 2009 a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil.

Temos, ainda, o desafio de explorar reciprocamente o imenso potencial de investimentos que nossas economias oferecem.

O dinamismo da relação entre China e Brasil pode ser aferido de várias maneiras. Num contexto marcado por forte ênfase na diplomacia presidencial, a interação entre Chefes de Estado é um indicador importante das prioridades. Dou-lhes um exemplo: de julho de 2008 ao final de 2009 o Presidente Hu Jintao e eu teremos nos reunido em nove ocasiões.

Nesses encontros e agora nesta visita que faço a Pequim, renovamos a determinação de seguir aprofundando a parceria entre China e Brasil. Prova desse firme propósito é a decisão que tomamos de elaborar um Plano de Ação Conjunta que, de forma concreta, lançará novas bases para uma ampla cooperação no período 2010-2014.

Senhoras e senhores,

Ao longo desses 35 anos de amadurecida convivência, China e Brasil vêm mostrando ampla convergência de interesses e prioridades na busca de um desenvolvimento sustentado e na construção de uma ordem internacional mais justa.

O sistema internacional passa hoje por grandes transformações. Os países em desenvolvimento têm conseguido desempenhar um papel cada vez



mais ativo nas instituições internacionais e nas discussões sobre a reforma da governança global.

Como duas grandes nações em desenvolvimento, participamos de mecanismos como os Brics, o G-5, o G-20 comercial e o G-20 financeiro, o que nos permite intensificar o diálogo sobre grandes temas da agenda internacional.

Já foi o tempo em que apenas reagíamos aos acontecimentos. O mundo multipolar que emerge no século XXI vai nos encontrar atuando no centro do processo decisório global com uma perspectiva multilateral.

Senhoras e senhores,

No atual contexto de crise econômica, nossos governos têm interagido de maneira construtiva na busca de uma nova arquitetura financeira internacional. Podemos fazê-lo porque soubemos dar respostas à crise que não criamos e que ameaçava fazer retroceder conquistas duramente obtidas por nossos povos.

Embora o epicentro da crise esteja nos países desenvolvidos, a Cúpula de Londres evidenciou que não há meio de superá-la sem o envolvimento direto dos países em desenvolvimento. Isso deve se refletir, por exemplo, na maior participação de países como a China e o Brasil no processo decisório de instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

A adequação das normas internacionais à realidade não deve se limitar, contudo, à reforma das organizações econômicas. Também é preciso adaptar as instituições políticas às profundas mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas.

É inadiável a democratização das instituições dedicadas às questões de segurança internacional, como o Conselho de Segurança da ONU. Para preservar sua credibilidade, é preciso torná-lo mais representativo, equilibrado e eficaz. Isto será alcançado com a maior participação de países em desenvolvimento, inclusive como membros permanentes.



Se retardarmos excessivamente estas mudanças, estaremos debilitando as próprias Nações Unidas.

Senhoras e senhores,

Muitos são os desafios internos que China e Brasil enfrentam. Vivemos a condição de pertencer ao mundo industrializado e ao mundo em desenvolvimento. Como países em desenvolvimento, compartilhamos o objetivo de garantir um crescimento econômico sustentável, com benefícios concretos para todos os segmentos de nossas sociedades.

A troca de experiências sobre nossas realidades representa fator de enriquecimento dessas duas grandes nações. Precisamos promover o intercâmbio, o diálogo, a interação entre empresários, cientistas, estudantes, turistas, enfim, entre cidadãos brasileiros e cidadãos chineses. Precisamos comparar nossas políticas de desenvolvimento, nossos programas de combate à pobreza.

Queremos conhecer melhor a cultura milenar da China e gostaríamos que os chineses soubessem mais sobre a arte e a literatura brasileira.

Os esforços do Instituto de Estudos Latino-Americanos desta Academia e de seu diretor, Zhen Bingwen, são fundamentais para essa aproximação. O Centro de Estudos Brasileiros que hoje se inaugura prestará enorme contribuição para o nosso conhecimento mútuo. Servirá, igualmente, de ponte entre as instituições acadêmicas brasileiras e as chinesas.

Estou certo de que o Centro desenvolverá, com padrão de excelência, pesquisas sobre o Brasil, promoverá estudos da língua portuguesa e será importante elemento difusor da nossa cultura na China.

A China e o Brasil são dois gigantes unidos pelo desejo permanente de melhorar as condições de vida de nossas populações. Pelos nossos interesses e dimensões estamos destinados a nos encontrar, unidos, em diversos tabuleiros da cena internacional e em diversas coalizões.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211B)



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante solenidade comemorativa ao Dia da Indústria

Belo Horizonte –MG, 21 de maio de 2009

Meus amigos,
Excelentíssimas autoridades,
Senhoras e senhores,

Minha primeira palavra, meu querido presidente Robson, é de agradecimento pelo convite, porque é realmente excepcional a satisfação que me cabe de voltar aqui à Federação das Indústrias do estado de Minas Gerais, em uma ocasião em que se comemora o Dia da Indústria e em que a Fiemg oferece, mais uma vez, esta pujança da indústria mineira, a coragem com que aqui se trabalha e a capacidade competitiva dos industriais do nosso estado.

Nós estamos vivendo uma fase difícil da vida brasileira por força da crise internacional que nos atinge. Isto é um fato. Em época de crise é preciso que nós, que conhecemos as dificuldades da indústria, estejamos mais atentos. É preciso que nós trabalhemos o dobro. Mas nós sabemos que o industrial verdadeiro, ele, de fato, não vive da indústria. Ele vive para ela e se realiza com o sucesso dela. Esse sucesso é o sucesso de uma fração da economia nacional que precisa ser próspera, forte e independente, para que nós possamos alcançar os objetivos sociais.

Então, meus parabéns a vocês pelo trabalho que estão realizando, pelo entusiasmo com que participam desta festa, ainda que saibamos todos que os tempos não são fáceis. Mas sabemos também que o Brasil está preparado como nunca para enfrentar esta crise internacional e até mesmo se sair muito bem dela, que é o que nós esperamos que vá acontecer.



Quero cumprimentar nosso querido e eminente governador, Aécio Neves, que acaba de nos trazer informações valiosas do admirável trabalho que desenvolve à frente do governo de Minas. É realmente excepcional a dedicação de Aécio Neves. O que ele tem feito é orgulho para todos nós, especialmente para nós que conhecemos bem os seus troncos familiares. Então, meus parabéns, governador Aécio. O seu discurso foi até uma prestação de contas ao universo industrial do estado.

Quero cumprimentar o nosso Robson Braga de Andrade. Eu sou suspeito para falar do Robson, porque o Robson é dos melhores amigos que nós conseguimos conquistar aqui no campo da indústria. Nós sabemos, hoje, que o Robson está sendo apoiado, aplaudido por todos os seus pares, de todas as Federações dos estados brasileiros. Nós gostaríamos muito de ver o Robson... Que Deus nos dê tempo para ver o Robson tomando posse à frente da Confederação Nacional da Indústria.

Quero cumprimentar o eminente prefeito de Belo Horizonte, Márcio Araújo de Lacerda e, em seu nome, quero estender a minha saudação a todos os prefeitos e vereadores aqui presentes.

Quero cumprimentar nosso querido amigo, ilustre ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, companheiro Patrus Ananias,

Cumprimento também nosso caríssimo e eminente amigo, ministro das Comunicações, Hélio Costa,

Cumprimento o excelentíssimo senhor vice-governador do estado, professor Antônio Augusto Junho Anastasia. Foi pena que ele não tenha falado hoje, porque ele sempre nos brinda com um discurso extraordinário. Mas é aquela história – eu também passo por isso – porque vice... sabem como é.

Disseram-me que a gente não pode fazer discurso colocando óculos porque perde a eleição, mas estou com medo de errar o que está escrito. E também não sou candidato, não tem importância.

Meu querido e eminente amigo, Alberto Pinto Coelho, ilustre presidente da Assembléia Legislativa do estado de Minas Gerais,



Excelentíssimo senhor senador, Eduardo Azeredo,
Excelentíssimo senhor governador, Francelino Pereira, meu compadre,
Quero cumprimentar os excelentíssimos senhores deputados federais e
deputados estaduais aqui presentes,

Excelentíssimo senhor Sérgio Barroso, secretário de estado de
Desenvolvimento Econômico, em nome de quem saúdo os demais secretários
de estado aqui presentes,

Excelentíssima senhora vereadora, Luzia Ferreira, presidente da
Câmara Municipal de Belo Horizonte, em nome de quem saúdo os vereadores
presentes,

Senhor Otávio Marques de Azevedo, que nos encantou aqui com um
belo discurso. Ele é o industrial do ano de 2009, presidente do Grupo Andrade
Gutierrez, uma das mais importantes empresas de Minas e do Brasil. Nós
estamos de parabéns, todos, porque estamos vendo à frente, como presidente
do Grupo Andrade Gutierrez, este moço jovem, de família ilustre – a família
Azevedo – que hoje deu uma demonstração do quanto é capaz de continuar
levando esta empresa às grandes realizações nacionais.

Quero cumprimentar o Antônio Carlos da Silva, presidente da Federação
das Indústrias do estado do Amazonas, aqui presente,

Quero cumprimentar o ilustre senhor José Carlos Lira de Andrade,
presidente da Federação das Indústrias do estado de Alagoas,

E o meu dileto amigo, caríssimo amigo, Paulo Tigre, presidente da
Federação das Indústrias do estado do Rio Grande do Sul. Como eles falam lá:
“Rio Grande do Sul”. É um grande presidente, o Tigre. Eu vejo sempre que ele
prestigia a nossa entidade aqui em Minas.

Quero cumprimentar as autoridades militares, judiciárias e eclesiásticas,

Quero cumprimentar as autoridades federais, estaduais e municipais,

As senhoras e senhores representantes de entidades de classe e
empresários aqui presentes, dos vários segmentos,

Os agraciados com a Medalha do Mérito Industrial,



Os profissionais de imprensa,
Senhoras e senhores,

Eu tenho um discurso aqui. Ninguém precisa ficar triste porque é curto. Mesmo porque o chanceler da Medalha do Mérito Industrial, meu companheiro de empresa há 40 anos, Luiz de Paula Ferreira, sempre esteve presente nesta data, aqui na Federação, porque ele ajudava a organizar a festa como chanceler da Medalha. Ele gosta desta festa e me pediu que o representasse. Eu o faço com o maior prazer. Ele sempre recomenda: “Alencar, não se esqueça, os discursos...”. Ele é escritor, é poeta, é compositor, e é empresário. É produtor rural, é um homem de letras, é um homem extraordinário. Então, ele me recomendou que o representasse e trouxesse o abraço dele a todos os agraciados. Mas me lembrou que: “José Alencar, não se esqueça” – ele está com 92 anos – “os discursos devem ser como os vestidos das mulheres. Nem tão curtos, que nos escandalizem, nem tão longos, que nos entristeçam”. (incompreensível) Luiz de Paula.

Todos sabem que o nosso Presidente está no exterior. Aliás, eu mesmo, quando saí como candidato, em 2002, candidato à vice-presidente, ainda que eu acreditasse muito nele, eu não poderia imaginar que ele realizasse um trabalho tão bom lá fora.

Nós temos fábricas em Natal. Então, em uma ocasião eu falei, em Natal – que a gente ia de vez em quando, levava a família à praia – então eu disse: olha, o Lula vai ganhar a eleição – em um comício, eu falei – o Lula vai ganhar a eleição. Ele vai viajar muito, mas aqui dentro do Brasil. Ele não vai sair do País. E nós tínhamos exemplos. Nós tivemos Getúlio Vargas, que não saiu do País. O próprio Juscelino Kubitschek também não viajou. E o Lula, ninguém esperava que o Lula fosse viajar tanto para o exterior. Eu pensei que ele não fosse viajar nada e que eu não ia assumir nunca a Presidência. Então, falei com o pessoal de Natal, Rio Grande do Norte: nós vamos nos mudar para aqui porque nós não vamos assumir a Presidência. Por que vamos ficar em



Brasília? Nós vamos nos mudar para aqui, nós gostamos daqui, gostamos da praia, vamos nos mudar para aqui.

Pois bem. Agora, há pouco tempo, uma senhora esteve com uma comitiva em meu gabinete e disse assim: “Tem um compromisso que o senhor não cumpriu”. Qual é o compromisso? “O senhor disse que ia se mudar para o Rio Grande do Norte. E apartamento subiu de preço, terreno subiu de preço. Ele vai comprar um sítio, vai comprar não sei o quê... E o senhor não foi”. Mas eu falei que o Lula não ia viajar para o exterior. E ela disse: “não, isso é verdade”. Salvei-me.

Mas a grande verdade, meus amigos, é que o nosso presidente, por mais modesto que seja em sua origem, tem sido um gigante, levando o nome do Brasil a todos os países. Nós, quando vamos ao Extremo Oriente, ao Leste Europeu, à Europa Ocidental, aqui à América, em todos os estados, todos os países, também à África, todos... Eu fui à posse do presidente da África do Sul, fui à posse do presidente de Moçambique, à posse do presidente da Namíbia. A pergunta é: “como vai o Lula”? E falam com respeito pelo Brasil. O Brasil é hoje uma imagem nova, possui hoje uma imagem nova no mundo inteiro, graças ao Lula.

É uma coisa interessante. Ele não fala uma palavra de inglês e nem de nenhum outro idioma senão o português. Então, me fez lembrar um episódio. O Juscelino queria mandar um cabo eleitoral dele de Mantena, chamado Fernandinho, para a embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América. O José Maria Alkmin ponderou com Juscelino: “Mas, Presidente, o Fernandinho não liga duas palavras em português”. Então, o Juscelino disse assim: “E quem vai descobrir isso lá nos Estados Unidos da América?”. Então, você vê. O Lula, com toda essa dificuldade, tem uma personalidade ímpar. Ele conversa em português e eles que se virem. Então, agora eles estão procurando aprender português.

De maneira que eu fico muito feliz e vocês me desculpem: eu não vou ler o meu discurso porque, naturalmente, a hora já vai avançada. E estou me



lembrando também da recomendação do Luiz de Paula. De modo que eu não vou terminar sem antes reiterar o meu abraço de congratulações aos companheiros da Fiemg, de congratulações a todos que participam da organização desta festa. Se me permite, Robson, eu gostaria de cumprimentar todos, na pessoa da Marilu.

Quero também levar o meu abraço fraterno a cada um dos agraciados com a comenda do Mérito Industrial. Eu sei perfeitamente o que é operar uma indústria. Eu milito na indústria durante muitos anos da minha vida. Militei. Depois fui para a política e saí. Mas acompanho, ainda que à distância, e sei que a atividade é de grande sacrifício. A exigência é de que se viva para ela. O industrial vive para a indústria. Realiza-se com o sucesso dela. Isso eu até já tinha falado, mas nunca é demais repetir.

Cada empresa é uma fração da economia do País. A economia é representada por empresas: empresas do setor primário, do setor secundário – nós estamos no setor secundário – do setor terciário, da infraestrutura. Aí está a economia, a força econômica de um país, seja ele qual for. E nós todos pugnamos por uma economia próspera, forte e independente. Para quê? Para que se alcancem os objetivos sociais. Então, é preciso que suas frações sejam fortes, prósperas e independentes, e as indústrias são frações importantes da economia. Frações minúsculas, frações pequenas, frações médias, frações grandes, frações gigantescas, mas todas são frações da economia. Nós somos representantes da força econômica do País. Por isso é preciso que todos nós saibamos, aprendamos a aplaudir a prosperidade empresarial, porque através da prosperidade empresarial é que nós vamos construir um país mais rico, mais forte e mais justo.

Quero levar o meu abraço de congratulações ao industrial do ano e repetir, reiterar, que ele trouxe para nós uma mensagem muito positiva da grandeza desta empresa que nós aprendemos a admirar e que sabemos que está muito bem dirigida pelo Azevedo.

Muito obrigado a vocês e boa sorte.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa**

Discurso do Presidente da República em Exercício

(\$22A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento do Seminário Internacional Brasil-Turquia**

Istambul-Turquia, 21 de maio de 2009

...(incompreensível) presidente do Conselho de Relações Econômicas Internacionais da Turquia,

Senhor Rona Yırcalı, presidente do Conselho do Deik,

Senhor (incompreensível), presidente da Câmara de Comércio Brasil-Turquia,

Empresários brasileiros,

Empresários turcos,

Jornalistas brasileiros e jornalistas da Turquia

Eu quero só alertar ao companheiro intérprete que talvez eu fale mais do que o que está escrito eu vou tentar falar muito devagar para ver se todos compreendem.

Primeiro, antes de ler o meu discurso, [quero] dizer aos empresários turcos e aos ministros da minha alegria e satisfação de estar participando deste seminário em Istambul. O último mandatário brasileiro que esteve na Turquia foi o imperador Dom Pedro II, em 1865. Portanto faz 134 anos que o último mandatário brasileiro visitou a Turquia. Eu não consigo compreender quanto tempo nós perdemos em não estabelecer relações com países que têm similaridades com o Brasil.

Primeiro, o documentário apresentado pelos companheiros da Turquia fala muito da América Latina. E a América Latina é um continente muito diversificado em tamanho de países, em populações e também do ponto de vista cultural. Como eu não tenho procuração para falar em nome da América Latina, eu vou tentar falar um pouco do Brasil.



O Brasil é um país de 190 milhões de habitantes. É um país com uma extensão territorial de 8,5 milhões de km², um país com uma costa marítima de 8,5 mil km, e um país com uma fronteira seca com seus vizinhos de praticamente quase 17 milhões [mil] quilômetros de fronteira. O Brasil faz fronteira com todos os países da América do Sul, menos com o Equador e com o Chile.

Segundo, o Brasil tem um PIB de U\$ 1,6 trilhão. O Brasil é o maior exportador de carne do mundo, é o maior exportador de suco de laranja do mundo, é o maior exportador de café do mundo e, possivelmente, seja hoje o maior exportador de minério de ferro do mundo. É o segundo produtor de soja do mundo, é o terceiro produtor de avião do mundo, e em qualquer coisa que nós quisermos pesquisar, o Brasil está entre as oito economias do mundo: na produção de celular, na produção de carros, na produção de máquinas e em outros tantos produtos.

Eu estou dizendo isso pra ver se torno mais atrativa a visita de empresários turcos ao Brasil, e que lá no Brasil convençam os empresários brasileiros a visitar um pouco mais a Turquia. Até porque, no Brasil, tem uma coisa interessante que vocês precisam conhecer. Qualquer vendedor que vai vender alguma peça de roupa ou algum produto na casa das pessoas, prontamente ele é chamado de turco. Prontamente. Eu não sei se é um turco nascido aqui em Istambul ou no tempo do Império Otomano, se era um turco nascido na Arábia Saudita, nascido no Líbano...

De qualquer forma, apareceu uma pessoa com alguma coisa para vender na porta de um brasileiro, ele sabe que é um turco que está vendendo alguma coisa para eles. Portanto, é preciso fazer jus a essa especialidade de comercializar do povo turco para que nós possamos estreitar as relações comerciais entre o Brasil e a Turquia. É por isso que eu estou aqui com uma delegação de empresários, vários empresários importantes, de vários setores, para que a gente possa tentar, a partir agora, saber mais rápido e ser mais



ousado do que nós fomos até ontem. Até porque esta crise econômica, no fundo, no fundo, ela é uma crise que vai exigir dos governantes do mundo uma atitude diferenciada daquelas que tivemos em outras crises no final do século passado.

Esta crise exige que o Estado exerça melhor o seu papel de regulador e de indutor, seja do sistema financeiro, seja do sistema produtivo. Esta crise, diferentemente das crises do final dos anos 80 e dos anos 90, não está exigindo de nenhum Estado um ajuste fiscal como foram feitos nos países que sofreram a crise nos anos 90. Esta crise não está precisando que o FMI diga qual é a política monetária que a Turquia tem que adotar, ou a política monetária que o Brasil tem que adotar.

Esta crise está a exigir que o Estado seja mais Estado, fazendo mais investimentos para recuperar a economia. É por isso que no mundo inteiro os governantes começaram a elaborar programas de investimento e infraestrutura para tentar resolver a crise a partir do crescimento do mercado interno de cada país.

É por isso que o presidente Obama fez quase que como primeiro anúncio, depois da sua tomada de posse, um investimento de quase US\$ 700 bilhões para reaquecer o mercado interno americano e, portanto reaquecer a economia.

Alguns países, muito desenvolvidos, não têm como aquecer o mercado interno, não têm mais necessidade de fazer milhões de casas, ou já não têm mais necessidade de fazer estradas e ferrovias. No caso do Brasil, e certamente no caso da Turquia, e no caso de outros países, nós ainda temos muitas coisas para fazer do ponto de vista da infraestrutura, e somente o Estado é que pode ser o indutor para que possamos alavancar, junto com a iniciativa privada, esses investimentos para gerar empregos e fazer distribuição de renda nos nossos países. Os empresários brasileiros que estão aqui, estão vivendo uma experiência nova no Brasil. Estão vivendo uma experiência de um



país que resolveu assumir o seu destino, resolveu que não iria permitir ingerências externas nas nossas decisões políticas. Tomamos a decisão, de forma unilateral, de devolver o dinheiro do FMI que estava disponibilizado para o Brasil. Deixamos de ser credores ou devedores externos para sermos credores externos. Hoje temos mais reservas do que as dívidas que o país tem, privadas ou públicas. E eu lembro perfeitamente bem a indignação do presidente do FMI quando eu telefonei para ele, o meu amigo Rato, espanhol, comunicando a ele que o Brasil não precisava mais do dinheiro do FMI e que nós iríamos devolver o dinheiro para ele. Ele não acreditava que nós fôssemos devolver o dinheiro para o FMI. Não só devolvemos, como agora estamos dispostos a fazer um empréstimo para o FMI ajudar os países que mais necessitam de empréstimos para enfrentar a crise externa.

E por conta dessa decisão nós resolvemos mudar um pouco para o Brasil a geografia comercial do mundo. O Brasil como todo e qualquer país da América Latina ou da América do Sul, tinha uma relação muito privilegiada com os Estados Unidos e uma relação muito privilegiada com a Europa e tinha uma relação um pouco melhor com a própria América do Sul e América Latina, com a África, com os países Árabes e mesmos com a Ásia nós estávamos em um bom começo de relações com a China.

Pois bem, nós conseguimos diversificar a nossa balança comercial. Hoje, neste mês de abril, a China é o primeiro parceiro comercial do Brasil. Passou os Estados Unidos que ao longo de um século foi o primeiro parceiro comercial do Brasil. Não que tenham diminuído as exportações do Brasil para os Estados Unidos. Pelo contrário, elas vieram crescendo cerca de 20% ao ano, mas a China já passou. Segundo, a América Latina hoje... É mais importante o conjunto da América Latina do que a Europa na relação comercial com o Brasil. E o conjunto da América Latina é mais importante do que Estados Unidos também na balança comercial.

Nós tínhamos uma balança comercial de apenas US\$ 8 bilhões com o



mundo árabe e hoje chegamos a US\$ 20 bilhões de dólares com o mundo árabe. Nós tínhamos quase nada com o continente africano e hoje ultrapassamos os US\$ 15 bilhões com o continente africano. Apenas alguns exemplos das modificações no cenário internacional que o Brasil está vivendo porque ousou diversificar o seu mercado, e as suas relações comerciais.

Pois bem. Não é normal, e não é justo que um país de 60 milhões de habitantes como a Turquia, e um país de 190 milhões de habitantes como o Brasil, tenham um fluxo de balança comercial de apenas US\$ 1 bilhão. É uma vergonha para o Brasil e é uma vergonha para a Turquia. Porque nós temos possibilidades de termos um fluxo de balança comercial infinitamente maior do que nós temos hoje.

Agora, o que acontece? É que nós precisamos compreender que nesse mundo globalizado nós não temos o direito de ficar esperando a sorte passar na frente da nossa casa. Nós temos que procurar parceiros, nós temos que descobrir similaridades entre os países, nós temos que descobrir novas oportunidades. E nada é mais sagrado do que o governo ser apenas o indutor, e que os empresários terminem sendo os construtores dessa parceria, porque quem sabe fazer negócio são vocês, e não é o governo.

Agora, se os empresários turcos não forem ao Brasil, se os empresários brasileiros não vierem à Turquia, vai ficar muito difícil algum passarinho levar comércio turco para o Brasil, ou trazer comércio do Brasil para cá. É preciso que nós nos descubramos. É preciso que nós saibamos o que cada um de nós tem de bom para oferecer. Por exemplo, quando o Ministro falou em energia renovável... Eu gostaria de convidar os empresários turcos para irem ao Brasil conhecer a tecnologia do etanol, a tecnologia do biodiesel, porque não é possível que [com] o mundo precisando ser despoluído, a gente continue utilizando energia fóssil, pagando caro por ela, sendo que nós temos possibilidade de construir um outro tipo de energia. E o que nós queremos?



O que nós queremos é que os senhores possam ter acesso às informações, conhecer o que são 35 anos de experiência na produção de etanol. Conhecer o que é um país de 190 milhões de habitantes em que 99% dos carros zero quilômetro são todos *flex fuel* – podem utilizar 100% de gasolina, 100% de álcool, 50% de gasolina, mistura, sem precisar mudar uma única peça do motor.

No começo tentaram dizer que o Brasil não poderia produzir biocombustível porque nós iríamos substituir a produção de alimentos. O Brasil tem 400 milhões de hectares de terras agricultáveis e de todos esses 400 milhões, apenas 1% é utilizado para plantar etanol. E eu tenho certeza absoluta de que nenhum governo do mundo será tão insano de preferir produzir biocombustível a produzir alimentos. Agora, é importante conhecer a experiência do Brasil para saber que é plenamente possível e compatível produzir as duas coisas com o manejo correto e com a organização correta da utilização da terra.

Nós falamos muito no Brasil que o turismo tem que ser tratado como se fosse uma indústria. Mas o turismo no Brasil só está sendo tratado a sério há pouco tempo. Agora é que nós criamos o Ministério do Turismo, porque antes nós tínhamos uma empresa brasileira de turismo, e uma empresa por si só não tinha poder de ingerência nas decisões de governo e, portanto, o turismo nosso ficava muito por conta da curiosidade de quem quisesse conhecer Ipanema ou Copacabana. E nós ainda não conseguimos fazer o que achamos que podemos fazer. Porque o turismo não pressupõe apenas ter coisas bonitas. O turismo pressupõe ter gente bem formada para atender, o turismo pressupõe ter boa infraestrutura, mas, sobretudo, o turismo pressupõe que tenha transporte para levar o turista e para trazer, e somente agora é que nós temos um voo Turquia-Brasil. E por incrível que pareça, ontem eu cheguei ao hotel, a primeira pessoa que eu encontrei foi o meu ex-ministro do Turismo, aliás, o primeiro Ministro do Turismo que o Brasil teve, indicado por mim, em 2003, que



ficou sabendo que tinha um voo São Paulo-Istambul, resolveu pega a mulher dele e vir conhecer Istambul.

Ora, se a gente não estabelece, e falta ao Brasil fazer a contra-parte... Porque o Brasil como uma economia grande tem a obrigação de garantir que as empresas brasileiras façam voo para cá também, e não esperando apenas que os outros levem voo para o Brasil. Esse é um desafio que o meu governo tem e que nós pretendemos resolver antes de terminar o meu mandato, dia 31 de dezembro de 2010.

Outra coisa muito importante, a nossa – estou vendo o Renato ali, os nossos diretores internacionais da Petrobras – a Petrobras finalmente resolveu prospectar petróleo aqui na Turquia. A Petrobras é uma empresa que vocês todos conhecem, uma das maiores empresas do mundo na área de petróleo, a empresa que detêm a mais competente tecnologia para prospecção em grande profundidade. Dia 1º de maio começamos a tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal, a seis mil e quinhentos metros de profundidade, não é pouca coisa, é muita coisa. E finalmente, eu estou sabendo que em dezembro chega a sonda aqui para começar a tirar petróleo no mar Negro. Deus queira que encontrem petróleo, para o bem do povo da Turquia e para o bem da nossa Petrobras, porque aí ela vai perceber que não precisa ter medo de fazer investimentos e prospectar em outros países. Mas é com muita alegria que eu vejo a Petrobras se implantando definitivamente aqui na Turquia, fazendo parceria com a empresa turca de petróleo para que a gente possa fazer com que a empresa turca e a Petrobras fiquem cada vez maiores, possam tirar bastante petróleo para baratear o preço do combustível aqui na Turquia, e quem sabe baratear o preço um pouco no Brasil, que já está barato, mas pode baratear mais.

Uma coisa que eu acho extremamente importante: A nossa Apex - está aqui o Ministro do Desenvolvimento - ela deve montar um escritório aqui em Istambul. A Apex é a nossa Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Importação. Precisa falar sempre de exportação e importação, porque senão



as pessoas só querem vender e as pessoas têm que entender que o bom comércio não é aquele em que a gente só vende. É aquele em que a gente vende e a gente compra para que o fluxo e a balança comercial fiquem mais ou menos iguais, para que ninguém fique sufocado diante do outro país.

Eu espero, Miguel Jorge, que a Apex seja montada rapidamente aqui. Da mesma forma – eu estou vendo ali a nossa diretora da Embratur – eu espero, Jeanine, que a gente faça com que o povo brasileiro conheça Istambul. Porque, efetivamente – eu queria até pedir para a imprensa brasileira se puder viajar um pouco, escrever sobre Istambul. Porque a primeira imagem que eu tinha de Istambul era a do filme “Expresso Oriente”, se não me falha a memória. É a primeira imagem.

Faz muitas décadas que eu sonho em vir para Istambul, vim pela primeira vez a Istambul. Eu acho que muitos brasileiros precisam conhecer Istambul. Mas muitos turcos precisam conhecer o Rio de Janeiro, precisam conhecer o nordeste brasileiro e, sobretudo, precisam conhecer São Paulo, onde tem mais interesses dos empresários fazerem negócios.

Eu estou convencido. Parece-me que vocês estão montando a instalação de um consulado em Istambul e em São Paulo. Porque nós estamos muito distantes, parece que Dom Pedro não deixou saudade, e eu espero deixar um pouco de saudade para a gente correr atrás e fazer as coisas acontecerem.

O nosso embaixador, a partir desta viagem, vai ter muito trabalho aqui e certamente o embaixador da Turquia no Brasil vai ter muito mais trabalho do que ele teve até agora.

Bem, nós criamos uma comissão mista, se não me falha a memória, em 1995. E essa comissão mista nunca se reuniu. Nunca se reuniu. Então, está aqui o meu Ministro das Relações Exteriores, que é o responsável pelo Brasil, e eu queria que essa reunião mista acontecesse. É uma comissão mista de cooperação econômica, comercial e industrial. Portanto, companheiro Celso



Amorim, vamos fazer essa comissão mista acontecer ainda em 2009. Sob o calor da minha visita é preciso fazer essa coisa acontecer. Também vamos esperar que a gente receba as autoridades turcas ainda este ano ou no começo do ano que vem.

Uma outra coisa importante: muitas vezes – e eu tenho aprendido ao longo desses anos na Presidência da República no Brasil – [a gente aprende] que não existe outra possibilidade para a gente vender as coisas boas do nosso país se você não viajar e carregar junto com você uma comitiva de empresários.

Na verdade, eu acho que esse deveria ser o papel das federações empresariais. Se cada estado brasileiro que tem uma federação, uma vez por mês lotasse um avião *charter* e escolhesse um país para vender os produtos ou para comprar produtos, certamente nós teríamos muito mais dinamismo do que nós temos hoje. A verdade é que todos nós nos acomodamos e o mundo globalizado não permite que a gente fique acomodado. Certamente nós vamos ter que trabalhar muito mais, e pode se preparar porque eu acho que o Brasil nunca mais voltará a ser o mesmo, de relações com meia dúzia de países.

Quanto mais relações nós tivermos, mais chance nós temos de fazer trocas, mais chances nós temos de turismo, mais chance nós temos de trocas empresariais, de investimentos de empresas brasileiras na Turquia, de investimentos de empresas turcas no Brasil, de *joint-venture* entre empresas brasileiras e as turcas, para fazer a economia girar um pouco.

Nós não podemos passar o século XXI como passamos o século XX. Todo mundo queria vender para a Europa, todo mundo queria vender para os Estados Unidos e todo mundo queria vender para a China. Ou seja, não existe mercado comprador de tudo o que a gente produz se nós não aumentarmos a quantidade de países com quem nós precisamos fazer [manter] relações. Não precisa um presidente da República de qualquer país dar conselho, pois todo



mundo sabe que nesse mundo globalizado, quem não trabalhar mais, quem não viajar mais, quem não andar mais, vai perder oportunidades.

Como é que o Brasil pode comprar mais da Turquia, se os empresários brasileiros conhecem pouco a Turquia? Como é que a Turquia pode comprar mais do Brasil, se os empresários turcos não conhecem o Brasil? Esse é um desafio. Esse é um desafio que já não comporta mais o que comportava no século XX, apenas o trabalho dos nossos embaixadores. Hoje é preciso muito mais que embaixadores. Hoje é preciso que governos, que ministros, que parlamentares, que autoridades viajem. Quanto mais nós viajamos, menos nós criamos problemas internos nos nossos países e as coisas acontecem com mais facilidade.

A última coisa que eu queria dizer para vocês e certamente amanhã conversarei com o Presidente: esta crise, ela precisa ser vista por nós como um lembrete [como] algum sinal de que nós não podemos repetir no século XXI os erros que foram cometidos no século XX. Durante décadas se vendeu a idéia de que o mercado por si só resolveria todos os problemas da humanidade. Quando se estabeleceram as doutrinas do Consenso de Washington, chegou-se a imaginar que não precisariam (incompreensível). O mercado resolveria tudo.

Por conta dessa doutrina, o que nós vimos acontecer agora? É que o sistema financeiro estava totalmente sem controle, pessoas ganhavam dinheiro, e muito dinheiro, sem produzir um copo, sem produzir uma folha de papel, sem produzir uma camisa, um sapato, sem produzir absolutamente nada. Especulando, e especulando. Um papel só gerava enriquecimento de vários bancos. Na verdade era um banco, não de financiamento do setor produtivo, era um banco de troca de papéis, ou seja, graças a Deus a máscara caiu.

Porque na crise do ano passado quando o petróleo chegou a US\$ 150 dólares o barril, ou quando as *commodities* agrícolas subiram de forma



totalmente descontroladas, teve dois atores que pagaram o preço. Primeiro, diziam que o petróleo tinha subido de preço porque a China estava consumindo demais. Segundo, disseram que as *commodities* agrícolas estavam subindo demais porque o Brasil estava produzindo biocombustíveis. Duas mentiras. Eles já sabiam do *subprime*, estava quebrando, e o dinheiro saiu para o mercado futuro. E aí, descobre-se que no mercado futuro de dólar tinha a mesma quantidade de petróleo comprada no mercado futuro, que era o consumo da China.

Eu espero que junto com a Turquia, que participa junto com o Brasil do G-20, a gente tenha a ousadia de tomar atitudes para não permitir que o sistema financeiro tenha outra finalidade a não ser aquela de emprestar dinheiro ao setor produtivo (incompreensível) cada vez mais gerar emprego e gerar renda. Eu espero que no G-20, a gente cumpra a decisão de não permitir a existência de paraísos fiscais.

Se todo mundo aprender esta lição, certamente nós não incorreremos nesse mesmo erro no século XXI e a gente pode ver um sistema financeiro sadio, financiando o setor produtivo que, crescendo, vai financiar o próprio setor financeiro. Essa é uma lógica tão natural que nós não podemos permitir que ela seja distorcida.

O dinheiro do PAC é para ajudar a agricultura, é para ajudar a indústria, o comércio. Não é para alguém ganhar dinheiro especulando, como se estivesse em um cassino. E eu falo com muita sinceridade para vocês porque nós temos um sistema financeiro mais sólido. Mas o que nós descobrimos na crise? Que alguns empresários brasileiros estavam aplicando nos chamados derivativos. Já não se contentavam em ganhar o que estavam ganhando. Achavam que era possível ganhar um pouco mais fazendo trambique. Algumas empresas importantes tiveram problemas difíceis no Brasil, – e vocês brasileiros acompanharam – coisa que não era necessária. Porque se tem uma coisa que nenhum empresário brasileiro pode se queixar, nos meus seis anos



de mandato, é que nunca na vida se ganhou tanto dinheiro como se ganhou no meu governo. E todo mundo sabe disso.

Portanto, a hora é de ousadia para a Turquia e para o Brasil. E o Brasil gostaria de convidá-los para conhecer quais são as obras do nosso Programa de Aceleração do Crescimento. São US\$ 304 bilhões de investimentos até 2010.

Somente a Petrobras tem investimentos previstos de US\$ 168 bilhões até 2013. Nós vamos precisar construir muitos navios, muitas sondas, muitas plataformas, e nós gostaríamos de convidá-los a se associarem a essa perspectiva de investimentos que estamos fazendo no Brasil. São portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, e acho que isso deve estar acontecendo aqui na Turquia e os empresários brasileiros que vieram também precisam procurar se associar aos empresários turcos, para que a gente possa ter mais independência e ver a nossa economia crescer.

Pois bem, depois de judiar do intérprete porque falei muito rápido, eu queria terminar dizendo a vocês, meus amigos empresários, empresárias, e jornalistas: o mundo precisa que os governantes de hoje sejam mais atuantes, que a gente não tenha que ter medo. A Turquia não tem que ter medo do Brasil na sua relação comercial. O Brasil não tem que ter medo da Turquia. O Brasil não tem que ter medo da China. A China não tem que ter medo do Brasil. O que nós precisamos é tornar um hábito, acontecer estas coisas que estão acontecendo aqui, agora. Este evento empresarial não pode ser uma coisa a cada década. As nossas comissões mistas precisam se reunir pelo menos a cada dois anos. É preciso fortalecer e criar uma câmara de comércio Brasil e Turquia, para que possa funcionar todo ano, para que a gente descubra oportunidades, porque senão nós vamos chegar no século XXI, continuar pobres como éramos no século XX e culpando os países ricos pela nossa pobreza.

A nossa pobreza, ela se deve, muitas vezes, à mediocridade de quem



nos governou durante tantos anos e não agiu com a grandeza que um chefe de uma nação tem que agir.

Brasil e Turquia têm um potencial extraordinário, que eu acho que nós ainda não exploramos 10% do potencial, e eu espero que depois desse encontro de vocês, depois da nossa visita, a gente comece a andar, senão a 100 [Km] por hora, pelo menos a 50 [Km] por hora e não mais aos 15 [Km] por hora que nós estamos andando agora.

Quero desejar a todos vocês boa sorte, bons negócios. Se depender de mim e do governo nós vamos acertar. Agora, depende muito de vocês, empresários brasileiros e empresários turcos.

Um abraço e boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar oferecido pelo Presidente da Turquia, Abdullah Gül

Ancara- Turquia, 22 de maio de 2009

Excelentíssimo senhor presidente, Abdullah Gül, da República da Turquia,

Senhora Hayrünissa Gül,

Minha mulher, Marisa Letícia,

Altas autoridades da Turquia,

Ministros que me acompanham nesta viagem – Celso Amorim, Miguel Jorge, Franklin Martins,

Senhoras e senhores integrantes do corpo diplomático,

Senhoras e senhores,

Em especial, quero cumprimentar os embaixadores da Turquia no Brasil e do Brasil na Turquia, e os outros embaixadores que não fizeram a nossa escola de diplomatas, mas tem embaixadores (incompreensível) e estão nos prestigiando esta noite.

Completamos hoje três dias desta que é a primeira viagem de um presidente brasileiro à Turquia. Depois de visitar Istambul, cidade de grande beleza natural e fascínio histórico, tivemos hoje, em Ancara, um dia de intenso trabalho. Pude constatar como é que a capital reúne a marca das civilizações da antiguidade e o selo da Turquia moderna. Revitalizada por Mustafa Kemal Atatürk, Ancara constitui a síntese deste país, elo por excelência entre o Ocidente e o Oriente.

O Brasil, já como nação independente no século XIX, foi atraído por esta civilização. Em 1875, o imperador Dom Pedro II visitou Istambul. O Império Otomano e a monarquia brasileira haviam firmado, em 1858, o primeiro tratado bilateral regulando comércio e navegação.



Em 1927, estabelecemos relações diplomáticas e, em 1931, o Brasil abriu Legação em Ancara, após a instalação da Legação turca no Rio de Janeiro, em 1928. Os laços entre os dois países são antigos e vêm se fortalecendo ao longo dos anos. Ganham, agora, maior intensidade.

Em 2004, o ministro Celso Amorim realizou a primeira visita oficial de um chanceler brasileiro à Turquia. A visita de Vossa Excelência a Brasília, em 2006, quando estabelecemos a Comissão Bilateral de Alto Nível, muito contribuiu para a aproximação entre nossos países.

Senhor Presidente,

Durante nossas conversações, e as que mantive com o primeiro-ministro Erdogan, pudemos passar em revista as relações entre nossos países e avaliar conjuntamente as promissoras perspectivas que se abrem. A cooperação econômica avança. Nosso comércio bilateral superou, pela primeira vez, a marca de US\$ 1 bilhão, em 2008. Importante delegação de empresários brasileiros me acompanha à Turquia e participou, em Istambul, de exitoso seminário empresarial. Além dos investimentos diretos, avançamos no campo da energia, como demonstram os contratos celebrados entre a Petrobras e a TPAO. Nossas duas empresas exploram promissoras jazidas de petróleo na costa de Sinop e de gás natural em Kirklareli.

O Brasil está pronto a cooperar com a Turquia para a diversificação de sua matriz energética. Na área dos biocombustíveis, detemos avançada tecnologia, sobretudo para a produção do etanol. A produção de biocombustíveis, a partir da biomassa, tem grande potencial na Turquia, país que possui solos férteis e grande incidência solar.

O início das operações regulares da Turkish Airlines, ligando Istambul a São Paulo, aproximará ainda mais nossos países. Essa iniciativa estimulará o turismo e será favorecida pela instalação de consulados-gerais de nossos países em Istambul e em São Paulo.

Senhor Presidente,



A Turquia promoveu recentemente, em Istambul, memorável reunião da Aliança das Civilizações, projeto nascido de iniciativa conjunta do seu governo e da Espanha, à qual o Brasil se associou desde a primeira hora. A repercussão internacional desse evento, organizado com competência pelo governo turco, foi extraordinária. O Brasil sediará a próxima edição da Conferência no Rio de Janeiro, em 2010. Agradeço, desde já, a generosa oferta de poder compartilhar a valiosa experiência da Turquia em sua organização.

Senhor Presidente,

Nosso diálogo está rodeado de valores e percepções comuns sobre questões da atualidade: a democracia, o respeito aos direitos humanos, a promoção da justiça social, o fortalecimento do multilateralismo.

Compartilhamos a necessidade de encontrar uma saída negociada para o Oriente Médio. Pautamos nossa atuação pelo engajamento da promoção da paz. Favorecemos iniciativas que possam levar israelenses e palestinos a um acordo definitivo, baseado no reconhecimento de um Estado Palestino digno e viável, vivendo em paz com Israel. A Turquia tem credenciais para desempenhar papel central nesse conflito, inclusive no que tange à reconciliação em lugares interpalestinos.

Turquia e Brasil são, igualmente, importantes economias e possuem peso e influência crescentes na cena internacional. Participamos do G-20 e de outros foros internacionais. Na recente Cúpula de Londres, reafirmamos a disposição de trabalhar conjuntamente pela retomada do crescimento econômico, com sustentabilidade financeira. Para tanto, temos de democratizar o FMI e o Banco Mundial. Somente por meio do diálogo entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento poderemos alcançar soluções abrangentes e duradouras, que apontem para uma nova ordem internacional mais justa e democrática. O combate à fome e à pobreza deve constituir a prioridade na construção dessa nova ordem. A eliminação das distorções no



comércio internacional e a rápida conclusão das negociações da Rodada de Doha, da OMC, são essenciais, em especial para os países mais pobres.

O Brasil também defende a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que reflita a atual realidade internacional com a adequada participação dos países em desenvolvimento, inclusive entre os membros permanentes. Somente assim o Conselho assegurará a legitimidade e a eficácia necessárias.

Senhor Presidente,

Retorno hoje ao Brasil profundamente enriquecido por esses dias que passei neste país amigo. Não posso deixar de expressar minha gratidão pela generosa assistência que o povo e o governo da Turquia demonstraram quando tivemos que retirar grande número de brasileiros ameaçados pela Guerra (incompreensível). Levo a lembrança dos contatos proveitosos que pude ter com Vossa Excelência, com o primeiro-ministro Erdogan e com o grande número de interlocutores que pude encontrar.

Levo, também, a recordação de uma grande nação, que preza os valores da democracia, e de um povo muito parecido com o povo brasileiro na sua alegria e generosidade. Quero pedir a todos os convidados que levantemos um brinde ao presidente Abdullah.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do III Festival Mundial de Artes Negras**

Salvador-BA, 25 de maio de 2009

Não se impressionem com a quantidade de papel, porque é um parágrafo por página.

Primeiro, quero cumprimentar o meu amigo, companheiro, o excelentíssimo presidente da República do Senegal, companheiro Abdoulaye Wade,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro, de muitos anos, governador do estado da Bahia, companheiro Jaques Wagner e sua companheira Fátima Mendonça,

Quero cumprimentar o ministro Edson Santos, ministro-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

O embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

[Quero] comunicar que o companheiro Celso Amorim não pôde vir porque foi à missa de sétimo dia da sua irmã, que morreu quando nós estávamos na China,

Quero cumprimentar o senhor (incompreensível), ministro para o (incompreensível), da República do Senegal, e demais integrantes da delegação do Senegal,

Quero cumprimentar o embaixador Seck, embaixador do Senegal no Brasil, em nome de quem cumprimento os embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

O deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

A desembargadora Sílvia Zarif, presidente do Tribunal de Justiça,



Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras que não estou vendo, mas estou imaginando que estejam em algum lugar aqui, deputados federais e deputadas que estão presentes,

A nossa querida embaixadora Katia Gilaberte, embaixadora do Brasil no Senegal,

O nosso companheiro prefeito de Salvador, companheiro João Henrique, Quero cumprimentar o Carlos Henrique Custódio, presidente dos Correios,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Zulu Araújo, presidente da Fundação Palmares,

Quero cumprimentar o Gilberto Leal, presidente da Confederação Nacional de Entidades Negras,

Quero cumprimentar o Antônio Carlos dos Santos, o famoso Vovô, do Ilê Aiyê,

Quero cumprimentar todos os companheiros aqui presentes, Não fui eu que toquei. Deve ter sido o Gilberto Gil, escondido em algum lugar aí,

Quero cumprimentar os sindicalistas que estão aqui presentes, [Quero] cumprimentar os companheiros da imprensa que estão aqui presentes,

[Quero] cansar vocês um pouquinho com o meu discurso.

Poucas são as ocasiões tão ricas de simbolismo como esta que vivemos hoje. Comemoramos o Dia da África na capital mais negra do Brasil, no teatro que leva o nome de um poeta de arte e de luta, que contribuiu enormemente para o fim da terrível escravidão.

Temos a honra de contar com a presença do presidente do Senegal, o meu caro Abdoulaye Wade. O presidente Wade é um grande promotor das causas africanas e um grande amigo do Brasil. No seu governo, o Senegal tem



desempenhado importante papel de apoio aos foros regionais, como a União Africana e o a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África, e também na mediação de conflitos africanos. É dele a iniciativa de aproximar o Senegal de outros países em desenvolvimento. Ele tem sido um importante elo nas relações entre o Brasil e os países da África Subsaariana.

Nunca me esquecerei da viagem que fiz ao Senegal em 2005, e em especial do momento em que, ao lado do presidente Wade, visitei a Ilha de Goreé. Ali me emocionei ao ver a casa onde ficavam presos os escravos que seriam trazidos para a América. Também a “Porta do Nunca Mais”, pela qual eles passavam antes de serem embarcados nos navios negreiros, alguns com destino ao Porto de Salvador, a poucos quilômetros daqui.

Na ocasião, como presidente do Brasil, pedi perdão à África por todas as violências e injustiças cometidas contra aquele continente e a sua população. Ressaltei, também, a necessidade de integrarmos cada vez mais nossos povos, de reforçarmos as alianças nas mais diversas áreas.

É com este espírito, portanto, que celebramos hoje o início de um capítulo especial nas relações entre Brasil e África. E ele se dá justamente naquilo que existe de mais intenso na ligação de nosso país com o continente-mãe: a arte e a cultura.

É sabido que temos aqui a maior população negra do mundo fora da África. Também é conhecida e inegável a importância dos negros na construção deste país e no modo de vida de cada brasileiro e brasileira. A nossa língua, a nossa arte, a nossa forma de ver o mundo e, principalmente, o nosso jeito de ser têm raízes fincadas no solo africano.

Estou falando de uma rica tradição, forte o bastante para resistir a mais de 300 anos de escravidão, de uma alegria e de um grito de liberdade que não foram abafados nem pela mais cruel repressão, e que ao longo dos séculos se misturou, aqui, a matizes culturais dos mais diferentes povos, sem nunca perder a sua ligação ancestral.



A grande verdade, minhas amigas e meus amigos, é que a África não está apenas na cor da pele do brasileiro, nos seus usos e costumes. Está, sim, na alma de cada um de nós. Foi fundamental em nosso passado, construiu nosso presente e estará cada vez mais forte no futuro.

É por este motivo que me causa especial orgulho subir a este palco e participar do lançamento da terceira edição do Festival Mundial de Artes Negras, que ocorrerá em dezembro no Senegal. O Brasil, como se sabe, será homenageado nessa edição do festival. Mais do que isso: faz parte de sua comissão organizadora e está articulando a participação dos países latino-americanos no evento.

Durante o restante do ano, o governo federal vai estimular grupos culturais, produtores, artistas e todos os cidadãos que tenham algo a mostrar da cultura negra brasileira a irem ao Senegal, levar a cultura africana presente no Brasil. Trata-se, sobretudo, da prova de que voltamos a nos reconhecer – brasileiros e africanos – como povos unidos pela história e por desafios comuns, e de que estamos conseguindo promover um profundo intercâmbio de ideais e de criatividade.

É neste mesmo sentido que lançamos, hoje, a série de selos “Roda de Capoeira e Ofícios dos Mestres”. Com ela, homenageamos todos os mestres, conhecidos e anônimos, de ontem e de hoje, que ajudaram a tornar a capoeira uma das mais significativas e peculiares manifestações culturais do povo brasileiro. Entre eles, Mestre Bimba e o grande Mestre Pastinha, cujos 120 anos de nascimento estão sendo celebrados em 2009.

A arte da capoeira e de seus mestres reinventou, aqui em nossa terra, a cultura ancestral da África. Superou o jugo da opressão com o jogo da liberdade. Ao sobreviver nas rodas dos quilombos, portos e cidades, e se expandir por todo o Brasil, a capoeira transcendeu os conceitos de dança, brincadeira, luta ou esporte. Mostrou o que ela realmente é: uma criação civilizatória, de conagração e de resgate da auto-estima de populações



excluídas.

Talvez tenha sido esse potencial democrático e mobilizador que motivou, ao longo de décadas e décadas, tantas perseguições a essa arte e aos seus mestres. Apenas nos anos 40, o então presidente Getúlio Vargas liberou a prática da capoeira, antevendo que ela ainda seria reconhecida em todo o mundo como um esporte brasileiro por excelência – um esporte que não pode ser dissociado de nossa cultura. E o resultado não poderia ser outro: hoje, ela é praticada em mais de 150 países dos cinco continentes. Tornou-se, com merecimento, um patrimônio imaterial de nossa cultura, oficialmente reconhecido pelo Estado, e ganhará ainda mais destaque com os selos que acabamos de lançar.

Minhas amigas, meus amigos, companheiros e companheiras,

Esta comemoração do Dia da África – instituído pela Organização das Nações Unidas em 1972 – relembra a todos nós o encontro na Etiópia que criou, em 1963, a Organização da Unidade Africana, e que teve como um de seus principais articuladores o primeiro presidente do Senegal após sua independência, Leopold Senghor, conhecido como “poeta da negritude”.

Quero, portanto, agradecer a presença do presidente Wade aqui no Brasil. Os laços culturais que ligam o Brasil e o Senegal, e a África como um todo, são mais profundos que o oceano que separa os dois continentes. E a eles estamos somando laços de fraternidade que nos tornarão cada vez mais próximos.

Quero, também, dar os meus parabéns a todos os que estão participando, de uma forma ou de outra, desta nova e profícua fase das relações com os países africanos, que cada vez mais será marcada pelo campo da cultura e da arte.

Meus amigos e minhas amigas,

O Festival se dará de 1º a 14 de dezembro de 2009. É importante todos saberem que o companheiro Juca Ferreira é o organizador desse Festival, da



parte brasileira. Mas é importante saber que ele vai trabalhar junto com o Itamaraty, que ele vai tentar trabalhar junto com os governos da América Latina mas, sobretudo, ele precisa trabalhar, companheiro Wagner, com os governadores dos estados. Não vou nem dizer do Edson, que tem a obrigação de trabalhar mais do que todo mundo, porque ele é o ministro da pasta e, portanto, nós precisamos levar alguns governadores de estados importantes que têm muito a ver com a raça negra no Brasil. Mas, sobretudo, nós temos que levar, além de uma quantidade boa, uma qualidade excepcional.

Aí, meu caro Edson e meu caro Juca, é preciso provocar todas as organizações do Movimento Negro no Brasil – todas – para que a gente possa levar ao Senegal, não apenas a quantidade, mas levar o que a gente tem de melhor artista neste país, o que a gente tem de melhor escritor neste país, o que a gente tem de melhor pesquisador neste país, para que o Brasil possa fazer no Senegal a demonstração viva de porquê nós exigimos para nós o direito de ser a segunda nação negra do mundo depois da Nigéria, e a primeira nação negra depois do continente africano.

Aí nós vamos precisar de apoio. Da minha parte, o que eu posso dizer para vocês é o seguinte: eu não sou artista, eu não sou cientista, mas pode ficar certo, presidente Wade, que – de 1º a 14, eu vou escolher, não posso ficar os 14 dias lá – se Deus quiser, estarei na abertura desse Festival das Artes Negras, que é um jeito de a gente prestar uma homenagem a um continente que ajudou o povo brasileiro a ser como nós somos: alegres, lutadores, mas que tem uma alma maior do que o sofrimento que todos nós já tivemos no Planeta. O brasileiro é exatamente a síntese mais perfeita dos africanos que vieram para cá, sofreram, morreram, lutaram, mas, com todo o sofrimento, deixaram na alma de cada um de nós o prazer pela vida, o prazer pela liberdade, o prazer pela democracia.

Portanto, eu queria dizer para terminar aqui, presidente Wade, viva o Brasil, viva o Senegal e viva a África.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de entrega das obras no Quarteirão Leite Alves

Cachoeira-BA, 25 de maio de 2009

Bem, eu quero, em primeiro lugar, do fundo do coração, agradecer o carinho do povo de Cachoeira para comigo e às pessoas que estão aqui presentes.

Em segundo lugar, eu queria dizer para vocês da alegria de estar recebendo aqui nesta cidade o Presidente do Senegal. Este homem, que possivelmente seja um dos mais importantes governantes, com uma formação acadêmica extraordinária, acaba de doar uma coleção de livros seus para a universidade, conseqüentemente para a biblioteca. E é um homem que me proporcionou um dos momentos mais emocionantes da minha vida quando me levou para conhecer a Ilha Gorée, onde os negros livres da África eram presos e exportados para as Américas.

Eu tive o prazer – se a gente pode falar de prazer – de conhecer um lugar que, para mim, é inesquecível, que é a “Porta do Nunca Mais”. Uma portinha onde homens e mulheres saíam naquela porta, davam de cara com o mar, entravam em um navio negreiro e nunca mais retornavam ao Continente Africano, porque morriam aqui, morriam nos Estados Unidos, morriam em Cuba, morriam em todos os países que praticaram a escravidão durante mais de 300 anos.

Por isso, presidente Wade, é uma alegria imensa tê-lo aqui neste estado, que é o estado de maior população negra no nosso país, e o estado onde o negro não tem vergonha de ser negro. Pelo contrário, aqui na Bahia as pessoas têm orgulho da sua cor.

Quero cumprimentar o companheiro Jaques Wagner, pela parceria extraordinária que tem feito com o governo federal para que a gente possa



tornar menos sofrível a vida do povo da Bahia e que a gente possa atender às demandas.

Eu, companheiro Wagner, quando chego a uma cidade como esta e vejo a quantidade de prédios que foram restaurados... Possivelmente ainda tenha gente que não saiba dar valor à restauração de um prédio, da mesma forma que tem gente que não sabe dar valor a um prato de comida que a mãe coloca à mesa, e reclama que não está bem [bom]. Ele reclama que a comida não está boa, mas ele não sabe o sacrifício que a mãe fez e nem a quantidade de condimentos que existia para fazer a comida. Como ele não foi ao fogão, não se queimou, se dá o luxo de se sentar à mesa e reclamar da qualidade da comida.

Pois bem, se os governantes que vieram antes de mim e se os governantes que vieram antes de você tivessem tido juízo e não tivessem permitido que as casas e que as igrejas se deteriorassem, a gente não precisava estar fazendo restauração. Era só... E aí também, aí também vocês conhecem: quem tem um carrinho velho e cada vez que apresenta uma ponta de ferrugem vai lá, lixa e passa uma tinta, vai ter o carro para o resto da vida. Mas se ele for daqueles relaxados que [deixam] aquele burquinho virar um buracão, ele vai ter que trocar de carro e vai ficar muito mais caro.

Portanto, eu estou feliz com o que estou vendo aqui. Sobretudo, porque quando eu vim aqui pela primeira vez, vim aqui anunciar que a gente ia recuperar este prédio extraordinário para fazer a Universidade, e hoje eu estou aqui para dizer a vocês: o prédio está pronto e logo, logo nós teremos 2 mil alunos estudando nesta universidade. O que é uma coisa fantástica, porque nós estamos levando universidades federais brasileiras para o interior, para evitar que as populações mais pobres vivam peregrinando de cidade em cidade atrás de uma vaga e não encontrem. A partir de agora, o povo de Cachoeira que quiser estudar, é só sair de casa, atravessar a rua, se matricular e poder virar doutor.



Eu estou com um problema na garganta, talvez porque eu tenha falado, essa semana, árabe, tenha falado chinês e, também, tenha falado em turco. A minha garganta se enrolou um pouco e agora ela está tendo dificuldade de falar em português. Mas eu vou falar aqui em “baianês” agora.

Vamos ver aqui, porque o Iphan... quando o Iphan falou, vocês não estavam prestando muita atenção. Eu estava olhando: vocês estavam mais querendo tirar fotos. Então, o nosso companheiro do Iphan fez um discurso bonito aqui, falou coisas bonitas aqui, e eu tenho certeza que vou ter que repeti-las para vocês poderem gravar o que está sendo feito aqui.

Pois bem, eu vou dar uns dados para vocês aqui. Eu vou dar... Só o valor do convênio com Cachoeira é de R\$ 36 milhões e 521 mil. Vinte e cinco milhões e quinhentos mil já foram liberados. Quem é que está dando dinheiro? Banco Interamericano de Desenvolvimento, 11 milhões; governo federal, 11 milhões; e o governo da Bahia, R\$ 14 milhões, para que a gente possa concluir isso.

Vejam que coisa interessante aqui, meus companheiros: neste campus aqui vai funcionar o Centro de Humanidades, Letras e Artes, da Universidade Federal da Bahia, com os cursos de ciências sociais, comunicação, economia, história, museologia, serviço social e turismo.

Para restaurar, foram investidos na fábrica R\$ 7 milhões e 961 mil: R\$ 3 milhões da União e do BID, e 4 milhões... Outra vez, Jaques Wagner, você deu mais dinheiro do que o governo federal. Você deu R\$ 4 milhões. Mas eu conheço esse galego aí. Eu acho que o dinheiro que ele dá, eu acho que é o dinheiro que eu passo por fora para ele dar, para dizer que é o estado [da Bahia] que está dando aqui.

Agora, vamos ver o que já foi recuperado aqui no Centro Histórico de Cachoeira. Vamos ver: Capela Nossa Senhora da Ajuda, Conjunto do Carmo, Ordem Primeira e Terceira, e Casa de Oração – vocês vão dizendo se é verdade ou se não é, gente – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Paço



Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, Casa Natal de Ana Nery, Igreja do Rosarinho e Cemitério dos Pretos, Igreja de Nossa Senhora do Monte e a Orla da Cachoeira. Bem, além dos monumentos públicos, já foram investidos R\$ 157 mil na restauração de 16 imóveis particulares no Centro Histórico. Há mais 11 obras em andamento, 40 propostas em fase de análise e 23 em lista de espera.

Meus companheiros e companheiras, eu ainda, Juca e companheiro do Iphan, ainda quero vir aqui até o final do meu mandato para ver se a gente deixou Cachoeira tal como era ela antes de os homens estragarem. Porque a verdade nua e crua, companheiro, é que hoje conhecendo o Brasil como eu conheço, vendo a quantidade de coisas ruins que existem neste país ainda – por exemplo, as favelas do País, que nós com o PAC queremos transformar em bairros – eu fico imaginando o quanto as pessoas que governaram este país há 40, há 30 ou há 50 anos foram perversos com este país.

Você imagina uma matriz de uma igreja se deteriorar porque não tiveram coragem de, quando quebrou a primeira telha ou [teve] a primeira rachadura, imediatamente vir consertar para evitar que a cidade ficasse mais feia e o prédio ficasse mais feio. Quando surgiu um primeiro barraco onde hoje é uma favela, se o Estado tivesse feito uma intervenção e construído uma casa, e tomado providências para não haver um assentamento irregular, a gente não teria hoje o povo morando nas condições em que está morando. Eu, quando venho aqui, inaugurar uma universidade aqui em Cachoeira, uma federal, eu fico imaginando: antes, universidade federal era coisa da capital. Só capital poderia ter universidade federal.

Pois bem, além das universidades novas que estamos fazendo, nós estamos fazendo 98 campi avançados por todo o território nacional, para a gente poder... com a universidade, a gente vai levar funcionários, vai levar educadores, a gente vai começar a levar empresas, daqui a pouco tem um hotel, daqui a pouco tem uma outra empresa. É a possibilidade de nós



desenvolvermos o país de forma descentralizada, e vir nesta cidade, recuperar um prédio como este e dizer para vocês: hoje vocês estão em um prédio alugado, mas daqui a algum tempo vocês estarão em um dos prédios mais bonitos que qualquer universidade federal deste país vai ter. Não apenas bonito do ponto de vista das suas paredes ou da sua pintura, [mas] do ponto de vista da sua história.

E eu vi aí companheiros reclamando de laboratório, de professor. É importante reclamar, é importante reclamar. Eu quero dizer para vocês que eu sou agradecido a Deus por ter me feito com uma boca só e com duas orelhas para eu ouvir mais do que falar.

O importante é a gente ter clareza do que já aconteceu na educação deste país. Certamente, aqui tem gente muito mais letrada do que eu. Certamente, ali no meio da imprensa tem gente muito mais letrada do que eu. Aqui, eu nem falo. Agora, pesquisem e vejam se existiu no País, em todo o tempo que este país existe, um governo que fez pelo menos 50% do que nós estamos fazendo pela Educação neste país. Perguntem aos professores quem é que teve coragem de criar um piso salarial. Ele ainda está além [aquém] do que merecem os professores, além [aquém] do que merecem, porque um professor hoje não entra apenas em uma sala de aula para dar aula. Um professor tem que cuidar de vários problemas que tem uma criança, e, às vezes, são 40 ou 50 [crianças]. A gente costuma chamar de mestre mas, na hora de pagar, muitas vezes a gente não paga o salário que as pessoas merecem. Nós precisamos preparar o Brasil para que a gente chegue a um nível de pagar aquilo que as pessoas realmente valem enquanto educadores deste país.

Tem gente reclamando de laboratório. Quantos laboratórios nós já fizemos neste país? Certamente, ainda falta fazer mais da metade do que nós fizemos. Vamos fazê-los, porque o nosso compromisso é tornar a escola pública brasileira em igualdade de condições com qualquer escola pública de



qualquer lugar do mundo, por melhor que ela seja. Quem foi que disse que o pobre tem que ter escola de segunda categoria? Quem foi que disse que pobre não tem que ter laboratório? Isso se dizia antes de eu chegar à Presidência da República e de esse galego chegar ao governo da Bahia, porque nós queremos que este povo conquiste cidadania.

Em 1909 foi feita a primeira escola técnica neste país, pelo presidente Nilo Peçanha, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Em cem anos, eles fizeram 140 escolas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais neste país.

Nós estabelecemos o plano de metas, ou seja, metas para melhorar a Educação. Criamos o Fundeb, criamos o Proeb, estamos investindo em creches, porque nós achamos que qualquer coisa que a gente investir, neste país... fazer viaduto é importante, fazer estrada é importante, fazer ferrovia é importante. Mas, de todos esses, o mais importante investimento é a gente investir no saber do povo brasileiro, no conhecimento, na inteligência, na formação profissional. E isso nós estamos fazendo graças à competência do ministro Fernando Haddad.

Por isso, companheiros de Cachoeira, eu volto agora para Salvador com o presidente Wade, com os ministros e com o Governador. Vamos participar de um ato no Teatro Castro Alves. Mas volto com a consciência tranquila e com a alma lavada, de que aquilo que eu vim aqui, em 2005, prometer para vocês, hoje eu estou entregando, dizendo para vocês: cuidem, porque a universidade não é minha, é de vocês. Cuidem, porque ela irá formar os filhos de vocês.

Um abraço e até outro dia, se Deus permitir.

(211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de outorga da medalha-prêmio ao servidor público Marcos
Vilaça, ministro do Tribunal de Contas da União**

Centro Cultural Banco do Brasil, 27 de maio de 2009

Meu caro amigo Marcos Vilaça e sua companheira, Maria do Carmo Vilaça,

Meu caro companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,
Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,
Tarso Genro, ministro da Justiça,

Meu caro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Senador Francisco Dornelles,
Senador Marco Maciel,

Deputados Federais Albano Franco e Armando Monteiro,

Meu caro Cícero Sandroni, presidente da Academia Brasileira de Letras,
Companheiros do Tribunal de Contas da União, da Academia Brasileira
de Letras,

Filhos e filhas do Marcos Vilaça,
Companheiros da imprensa,

É uma grande honra homenagear um brasileiro que dedicou meio século de sua vida ao serviço público. E o fato de este brasileiro ser um homem com a estatura intelectual e o espírito republicano de Marcos Vinícios Vilaça me traz ainda muito mais alegria.

Todos aqui sabemos que o Estado só é capaz de cumprir suas importantes funções sociais e de promoção do desenvolvimento quando conta, nos seus quadros, com profissionais dedicados e competentes. Estou falando de homens e mulheres que tomaram como opção de vida trabalhar não apenas



para si, mas para melhorar a qualidade de vida de toda a população brasileira, e que elegeram o bem comum como o norte de sua atuação.

O servidor público, afinal, é a pessoa a quem os cidadãos e as cidadãs podem recorrer quando precisam garantir o exercício dos seus direitos mais básicos. É a face humana que aproxima a todos os brasileiros, especialmente aqueles mais necessitados, da estrutura muitas vezes fria do Estado.

Pernambucano do interior, Vilaça assumiu desde cedo sua missão. Não vou nem falar da Assembléia Legislativa, porque o Sarney já criticou aqui a Assembléia Legislativa, então não vou falar. Mas, certamente contribuiu com a sua formação, por isso vou falar aqui.

Iniciou sua carreira como consultor jurídico da Assembléia Legislativa de seu estado. Nos 50 anos que se seguiram, ocupou todos os cargos que um ser humano competente pode ocupar – no governo estadual, no governo federal – tornando-se observador privilegiado e participante ativo das muitas mudanças históricas pelas quais passou o nosso querido Brasil.

É, há mais de 20 anos, ministro do Tribunal de Contas da União, casa da qual já exerceu a Presidência com muito brilhantismo e, nesta função, vem prestando inestimáveis serviços ao país e ao controle dos bens públicos. Escritor talentoso, a arte e a cultura ocupam parte importante da vida de Vilaça.

Nas mais diversas funções que ocupou, sempre buscou promover a apresentação e a difusão de nossos bens culturais, e pôde fazer isso com especial intensidade como secretário da Cultura, quando a gente ainda nem tinha Ministério da Cultura – tinha uma secretaria ligada ao MEC – e também como presidente da Funarte. Essa dedicação se mostra também com a participação na Academia Brasileira de Letras, sem falar de outras instituições acadêmicas do Brasil e do exterior, das quais ele é membro.

Lembro-me de quando participei, em 2007, do aniversário de 110 anos da Casa de Machado de Assis, àquela época presidida por Vilaça. Ali pude testemunhar o apoio da instituição e de seu então presidente aos esforços



nacionais de difundir o livro e a cultura em geral.

Quero, portanto, elogiar este grande servidor pela trajetória repleta de contribuições ao serviço público e à nossa cultura.

Meu caro amigo Marcos Vilaça,

Feliz é o país que pode contar com quadros como você no funcionalismo público.

Meus companheiros e companheiras,

Eu acho que a gente deveria aproveitar este momento de homenagem ao Vilaça para a gente, eu diria, fazer quase uma homenagem a milhares de servidores públicos brasileiros, nos mais diferentes níveis da Administração, que são honestos, que são dedicados, que trabalham no horário de expediente e fora do horário de expediente, que nunca levaram um centavo furado do dinheiro público para a sua casa, para a sua conta bancária e que, muitas vezes, são achincalhados como se fossem ladrões porque, normalmente, quando se fala do servidor público se generaliza todo mundo e aí as pessoas começam a ser vitimadas.

Eu lembro quando, no Brasil, se tentou passar a idéia de que todo servidor público era “marajá”. As pessoas, no fundo, no fundo, confundem o ganhar um salário digno com ser “marajá”. Ora, que nós temos distorções, todo mundo sabe que nós temos distorções, mas que a maioria do servidor público brasileiro – não estou falando de instituições separadas, estou falando da maioria, do grosso do servidor público brasileiro – ele normalmente é mal remunerado, ele ganha menos do que uma empresa média paga para um funcionário da mesma qualidade dele. Menos, eu diria a metade, menos da metade, metade da metade se a gente quiser dizer assim. E muitas vezes ele é achincalhado, como se todos não prestassem.

Então, quando a gente tem a chance de homenagear um homem que completa 50 anos de serviço público, uma carreira extraordinária traçada pelo companheiro, me permita assim, porque hoje você é Ministro, eu sou



Presidente, mas daqui a um ano e meio eu não mais Presidente e nós vamos tomar água de coco com uma pituzinha lá em Pernambuco, sem prestar contas à imprensa, sem prestar contas a nenhuma CPI da Câmara ou do Senado, apenas prestando contas ao que nós vamos fazer no futuro. Porque Pernambuco ainda vai ter que recuperar muito do que foi tirado dele, por ocasião da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1924. A Coroa ainda vai nos devolver alguma coisa que tirou e, certamente, sem mandato, eu e você poderemos tramar com muito mais liberdade do que exercendo cargos públicos.

Vilaça, é com uma alegria imensa, é com orgulho que eu posso ver brasileiros e brasileiras vendo, na sua fisionomia, na sua cara, a cara de uma boa parte das pessoas que ajudam a construir este país. Pessoas que hoje são tão ameaçadas que, se um servidor público mandar fazer uma coisa e alguém levantar uma suspeita, a primeira coisa que acontece é esse cidadão ser processado, ter os seus bens disponibilizados e ele tem que contratar advogado por conta própria, porque o Estado, que mandou fazer a obra, não consegue pagar o advogado dele.

Então, eu diria para você que tem gente má e tem gente boa em todo lugar – tem na política, tem no Ministério Público, no Tribunal de Contas, na Presidência da República, no Senado, na Câmara – mas o que eu fico muito triste é que, muitas vezes, a quantidade de vezes que se fala apenas da coisa ruim é tão grande, que se passa para a sociedade a impressão de que tudo é ruim. Quando, na verdade, este país tem muita gente, não com a qualidade do Vilaça... Tem uma coisa, viu, Vilaça? Deus quando... De vez em quando, acho que Deus vai ter que pensar em fazer uma constituição sobre a vida, porque está muito simplista esse negócio de nascer e morrer, sem olhar a qualificação das pessoas que precisam viver mais ou viver menos. Você é um dos que poderia viver muito mais, muito mais, porque é a valorização da genética bem-sucedida. Quando o cidadão, além de ser pernambucano, bonito, bom servidor,



é inteligente, merece viver mais do que um baixinho cabeçudinho e feio como eu. Merece viver mais.

Por isso, a alegria imensa, Vilaça. É com muito orgulho... Eu acho que você pode representar dignamente mais do que a média da dedicação do servidor público brasileiro, muitas vezes injustiçado neste país.

Parabéns. Esta medalha é pouco pelo tamanho da obra que você fez na prestação de serviços ao Estado. Mas eu não posso dar uma maior, porque se eu der uma maior, o Tribunal de Contas vai querer que eu faça uma licitação. Se eu fizer a licitação, eles vão pedir para anular a licitação e fazer outra. Então, desculpe [por] ser esta pequenininha.

Um abraço.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o I Encontro Nordestino de Cordel

Teatro da Caixa Cultural - Brasília-DF, 28 de maio de 2009

Deixe-me dizer para vocês uma coisa. Eu, na verdade, acho que hoje não é dia de fazer discurso aqui. O que eu achei extraordinário é que eu acabo de vir de uma reunião com os reitores de todas as universidades públicas brasileiras, e eles me apresentaram uma pauta de reivindicações. Eu chego aqui, na abertura deste Encontro dos artistas de cordel do Brasil, e o Crispiniano, espertamente – eu conheço este malandro desde 1979 – me faz um rasgado de elogio ao cara e depois apresenta a proposta para o cara. Por coincidência – eu estava dizendo para o Crispiniano – na hora em que ele começou a falar das reivindicações, eu falei: Juca, bem que poderia ter pelo menos uma hora na TV pública para apresentar os cordéis dos artistas brasileiros.

Eu estava dizendo para o Juca também e para o Crispiniano aqui [que] é a primeira vez que vocês vão se reunir de forma muito organizada e estruturada, perto do Poder Legislativo, do Poder Judiciário, do Poder Executivo, dentro da Caixa Econômica – que tem muito dinheiro para fazer casas e saneamento básico – para vocês apresentarem uma proposta verdadeira, de cuidar do artista de cordel, do repentista como cidadão brasileiro que está ajudando as coisas a acontecer. Quem já peregrinou pelo Nordeste, já andou muito pelo Nordeste, já chegou naquelas cidadezinhas de três mil habitantes, de dois mil habitantes, a única coisa que o povo vê, ou é, de um lado, a televisão passando aqueles enlatados que nós conhecemos, ou é um companheiro artista de cordel fazendo os seus versos em praça pública, na porta de um boteco, na porta de uma igreja.

Eu acho que o Juca precisa trabalhar com carinho isso, Juca, porque eu



acho que a gente pode dar uma certa estrutura para organizar e criar as condições para que a gente possa legalizar a vida artística e profissional dos companheiros que há tanto tempo sobrevivem neste país. Sobrevivem, muitas vezes, sendo utilizados apenas em campanha política, apenas em campanha política. Devem receber um salário que não é contabilizado, e deve ser muito pouco porque não dizem quanto é. Ninguém tem vergonha de dizer que é muito, agora [quando] é muito pouco, as pessoas têm vergonha de dizer.

Então, Crispiniano, eu acho que você pode ter certeza do seguinte: prepare a sua turma aí, junte os caras, faça uma boa proposta e apresente para o cara, que o cara vai encaminhar para os caras do Congresso Nacional, e os caras do Congresso Nacional... Aí, também, você pega os caras dos governadores – cada governador pode fazer uma coisinha no estado, cada prefeito pode fazer uma coisinha na cidade – e daqui a pouco, dessa extraordinária noite em Brasília, a gente pode transformar essa choradeira do Crispiniano e dos repentistas em uma verdadeira ação de cidadania para o artista de cordel no Brasil.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de lançamento do 1º Plano Nacional de Formação de Professores

Centro de Convenções Brasil 21 – Brasília-DF, 28 de maio de 2009

Na verdade, eu tenho um problema sério, que eu mando fazer discurso e as pessoas conversam com os ministros da área. Então, eles pedem para colocar coisas aqui... Só que eles vêm e falam. Então, o meu discurso vai ficando esvaziado a cada dia que passa e eu...

Eu queria cumprimentar todos vocês, educadores do nosso país,
Cumprimentar o nosso querido Fernando Haddad.

Se eu fosse o Ariano Suassuna, eu falava assim: “Como é que pode um mortal, um normal falar depois de um bicho sabido desses?”. Na verdade, foi em um ato que aconteceu em São Paulo que o Ariano falou isso, eu não vou dizer quem era que estava falando.

Mas, uma coisa que eu queria pedir a compreensão de vocês: eu acho que nós chegamos a um estágio, na área da educação no Brasil, em que todo mundo compreende que ainda estamos longe de chegarmos àquilo que é o sonho nosso. Mas todo mundo compreende que o esforço que o governo tem feito, através do Ministério da Educação, através da construção de pactos e de acordos com governadores e com prefeitos, nós estamos fazendo em sete anos o que não foi feito em 30 ou 40 anos (incompreensível) neste país.

Portanto, é muito difícil tentar recuperar o exército de professores que foram tão maltratados ao longo das últimas três décadas, é tão difícil recuperar, é mais difícil do que se você tivesse que pegar adolescentes e formá-los professores, porque nós precisamos motivar agora pessoas que estavam muito desmotivadas com a educação pública no nosso país.



Houve um tempo, quando eu ia para comício e que eu jamais imaginei que eu ia chegar à Presidência da República, eu dizia o seguinte: se você quer saber se a educação básica de uma cidade é boa, ou de um estado é boa, pergunte se os filhos do prefeito ou do governador estão estudando na escola pública. Se não estiverem, é porque não é tão boa quanto ele fala no discurso.

Mas o dado concreto é que nós precisamos caminhar para isso. Nós precisamos caminhar para uma escola de tamanha qualidade, em que a disputa das mães e dos pais seja para colocar os filhos nas escolas públicas, pelo centro de excelência que elas viraram, e não correr ou fugir para uma escola privada, como aconteceu na década de 1970, na década de 1980 e na década de 1990. Na verdade, uma das razões pela qual a escola pública brasileira foi se deteriorando é porque grande parte da classe média que brigava antes, foi se afastando da escola pública. Ou seja, para não brigar, eu vou colocar meu filho em uma escola particular, vou pagar a mensalidade para uma criança fazer o terceiro ano primário do [pelo] mesmo preço que [de] uma universidade particular.

Então, isso, durante muito tempo – aqui tem muitos educadores, alguns eu conheço de longa data – isso foi um pouco o que atrofiou, porque ficou, de um lado, a parte mais empobrecida da sociedade procurando a escola pública – e para quem tinha nada, já ter alguma coisinha, já é bom – e aquela parte que poderia exigir mais foi se acomodar, gastando uma parte do seu orçamento, que deveria gastar em viagens e outras coisas, pagando escola particular para os seus filhos.

Acho que nós estamos dando um pontapé extraordinário para que dentro de alguns anos esse quadro seja mudado, para que a gente não tenha mais distinção, ou seja, que o filho de uma empregada doméstica possa sair de mãos dadas com o filho da patroa para ir para a mesma escola, sentar na mesma classe e receber dentro da classe aquilo que um ser humano tem de melhor para oferecer, que é a educação.



Esse é um sonho que eu acho que vamos construir mais daqui a alguns anos, a continuar nessa pegada que nós estamos. Eu acho que nós poderemos, com mais uma geração, ter a escola brasileira recuperada, digna e comparada a qualquer escola de bom nível do mundo. É possível, é plenamente possível acontecer isso. Sobretudo, com a safra de governadores eleitos agora. Alguns governadores eleitos já no governo passado, como o Marcelo Miranda, pessoas que não têm antagonismo – nesses oito anos de governo, eu não tive um problema com um governador, Eduardo, não tive um problema. Na verdade, nós construímos quase tudo que era possível construir. Essa safra eleita na última eleição agora – sobretudo a safra do Norte e do Nordeste – são companheiros com uma qualidade excepcional, com uma disposição política de fazer aquilo que antes era quase impossível fazer, pelo antagonismo entre os entes federados. Essa é uma conquista extraordinária.

A outra conquista que nós estamos tendo é o nosso investimento no ensino técnico brasileiro. Eu canso de contar histórias sobre isso, porque eu... não tem curso para Presidente da República, se tivesse não caberiam os alunos. Mas, eu fico... eu digo... o Fernando viaja muito comigo e eu conto sempre a história de que eu não estaria aqui hoje se eu não tivesse feito um curso técnico, porque aquilo me abriu muitas portas. Eu fico imaginando como é que pôde este país, em cem anos construir apenas 140 escolas técnicas. E nós, só este ano, vamos inaugurar cem escolas técnicas, só este ano.

Certamente, os companheiros que trabalham no Ministério da Educação, muitos profissionais competentes, aprenderam, porque o Brasil viveu um momento, Fernando – que também de vez em quando nós temos que compreender e eu acho que os governadores compreendem – o Brasil viveu um momento de atrofiamento durante quase 30 anos em todas as áreas, e o Brasil foi criando uma máquina de criar dificuldades para fazer as coisas. Então, as pessoas desaprenderam a fazer as coisas. Eu não falo isso como crítica não, eu falo isso como constatação. Se não havia muitos investimentos



na educação, as pessoas foram desaprendendo a fazer as coisas. Se não havia muito financiamento da Caixa Econômica para fazer casa popular, os funcionários foram desaprendendo a fazer casas. E assim vale para todas as instituições, ou seja, nós fomos criando uma máquina poderosa de proibir fazer as coisas e uma maquininha merreca de permitir que se fizesse as coisas. Eu acho que nós estamos construindo outra vez a máquina de fazer as coisas, onde todo mundo aprendeu, onde todo mundo enfrentou dificuldades.

O (incompreensível) Congresso Nacional não era nenhum bicho papão que criava qualquer empecilho para a gente avançar na área da educação. Noventa e nove por cento de tudo que se pediu, a gente conquistou e, muitas vezes, os deputados e senadores melhoraram as propostas que nós apresentamos. E, muitas vezes, a gente vê pela imprensa, e a impressão é que nós vivemos todo santo dia em guerra, um partido contra outro, um governo contra outro, quando, na verdade... analisem o que nós perdemos de votação na área de educação, acho que nada, acho que nada. Por quê? Porque todo mundo neste país, em pesquisas feitas por nós mesmos, só tem uma coisa que é unânime no Brasil: é educação boa, educação de qualidade.

E aí tem uma contradição – o Fernando viu uma pesquisa feita ainda no tempo em que o Gushiken trabalhava na Secretaria... no NAE, de assuntos estratégicos. Você fazia uma pergunta, era 100%, todo mundo queria educação de qualidade. Mas quando você perguntava se eles acreditavam que era possível, 80% não acreditavam. Nós éramos um povo um pouco fracassado. Nós não acreditávamos que era possível fazer uma coisa que nós entendíamos que era o melhor para o País. Imaginem que absurdo: o ser humano pensar em fazer uma coisa e ele mesmo chegar à conclusão “eu não posso”. Não estávamos assim na área de educação. A ponto de alguém, um dia, imaginar que pudesse mandar fazer uma lei que tirava da responsabilidade da União todo o ensino profissional deste país, do governo federal.



Eu me lembro que quando eu disse ao companheiro Sergio Rezende para fazer o PAC da Ciência e Tecnologia, a minha preocupação não era dinheiro. A minha preocupação – porque esse negócio de dinheiro, a verdade é que a gente chora, chora, chora, chora, chora, mas na hora um bilhão a mais, um bilhão a menos, você consegue encontrar um jeito de arrumar. E nós fizemos um PAC de Ciência e Tecnologia de R\$ 41 bilhões, R\$ 41 bilhões. Bem, o que aconteceu? Nós tomamos uma decisão de não permitir que aquele PAC fosse construído pelo governo. Nós envolvemos toda a comunidade científica brasileira – toda, sem distinção – a ponto de em um plenário a gente conseguir aprovar por unanimidade. Eu acho que nem no partido político a que nós pertencemos, acho que nem nos “bolcheviques” do mundo, se conseguiu aprovar uma coisa por unanimidade, sem contestação, sem questão de ordem. Ou seja, aprovou por unanimidade.

Depois nós propusemos que a comunidade científica não deixasse apenas o ministro Sergio Rezende com a responsabilidade de cuidar do PAC, que deveria fiscalizar a aplicação do recurso. Conclusão: (incompreensível) uns 15 dias atrás, nós, orgulhosamente, ficamos sabendo que o Brasil passou à frente da Rússia em publicação de artigos e à frente da Holanda. Nós somos o 13º país do mundo na publicação de artigos em revistas especializadas em ciência. Muitas vezes, a gente não vê isso na imprensa. A gente não vê porque, pela nossa formação, notícia boa não induz as pessoas a lerem, o que é preciso é coisa ruim.

O dado concreto e objetivo, companheiros, é que nós estamos avançando. O Fernando Haddad, possivelmente pela cabeça política dele, pela abertura que ele tem, que não tem o menor preconceito nas discussões políticas, ele não tem nenhuma posição fechada, e os deputados que negociam com ele sabem que não tem posição fechada, ou seja, ele leva o escopo – gostou de eu falar chique assim? “Escopo”... Ele leva o borrão do projeto, mas ele é um companheiro aberto a discutir. E vocês sabem quantas vezes vocês



construíram junto com ele as propostas que hoje nós estamos orgulhosamente, aqui, vivendo os benefícios que elas estão trazendo para a educação no nosso país.

Nós agora temos um compromisso, e eu queria pedir para o Congresso, Maria do Rosário, ver se é possível aprovar, que é a Unila, a Universidade da América Latina, e a Universidade Afrodescendente, uma que a gente quer fazer para garantir alunos africanos estudantes, aqui. Se vocês aprovarem, pelo menos vocês vão me dar o prazer de lançar a pedra fundamental quando eu deixar o governo e o Fernando deixar o Ministério, a gente pode pelo menos lançar a pedra fundamental. Eu acho que é uma obrigação moral, política, econômica e ética do Brasil ter uma universidade latinoamericana e uma universidade para o continente africano.

Eu tenho pedido para o Fernando Haddad estudar também a possibilidade de a gente fazer a Universidade Aberta com os países de língua portuguesa, que a gente pudesse fazer com Moçambique, com São Tomé e Príncipe, com Cabo Verde, com Angola. Eu não sei se é possível, mas eu acho que seria uma contribuição extraordinária que a gente poderia dar a esses países, porque a dívida que nós temos com o continente africano a gente não vai conseguir mensurar em dinheiro – gostaram do “mensurar”, também? Gostou?

Então, a gente não vai conseguir nunca pagar essa dívida em dinheiro, o que a gente vai fazer é política de solidariedade com o continente africano e ir pagando na prestação de serviços e na transferência das coisas que nós sabemos, na transferência de tecnologia. Nós estamos com uma sede da Embrapa em Gana, na capital de Gana, que já pesquisou mais de 30 países para a gente descobrir o potencial agrícola do continente africano, para que eles possam, como nós, produzir. Vocês estão lembrados, há 40 anos, o que se falava do cerrado brasileiro? Eu mesmo cansei de ouvir, vindo para Brasília de carro, na década de 1970, as pessoas diziam: “A terra que tem árvore torta



não presta para nada”. Hoje, o cerrado é o maior centro produtor de grãos do País. Por quê? Porque se recuperou a terra. E isso nós queremos fazer com o continente africano e isso a gente pode ir fazendo, tanto na educação... O Brasil tem obrigação de ajudar a formar especialistas, gestores, médicos, e formá-los – viu, Fernando? – vinculados à África, porque os bichinhos também são danados. Vêm para cá, começam a estudar, logo arrumam uma namorada e não querem mais voltar.

E se a gente não tomar cuidado – é um compromisso que eu estou assumindo comigo mesmo de criar mais linhas, mais voos aéreos para a África – se eles tiverem que ir para Paris para ir para a África, eles já arrumam uma namorada em Paris. Então, nós queremos formar é para ficar na África, para ficar lá, para trabalhar, para ajudar, formar gestores, formar engenheiros agrônomos, formar cientistas de vários tipos.

Eu acho que nós encontramos o caminho. Eu acho que nós – hoje, vocês estão lembrados que eu dizia no meu discurso de posse, em 2003, que a gente ia começar fazendo o necessário, depois a gente ia fazer o possível, e quando a gente menos esperasse, a gente estaria fazendo o impossível. Se vocês participassem do ato de que eu participei, lá no Rio de Janeiro, da Olimpíada de Matemática, e se vocês participassem do ato que eu participei aqui em Brasília, da Olimpíada de Português, vocês iriam falar: “Nós estamos fazendo o impossível”, por duas razões: Primeiro, pela qualidade da organização das Olimpíadas. Segundo, pela qualidade da motivação das crianças. Vocês podem ter certeza de uma coisa: não é o dinheiro, não é a roupa, não é o tamanho, não é a cor dos olhos que fazem uma pessoa ser melhor do que outra em qualquer profissão. A diferença está em garantir oportunidade.

Se todos tiverem oportunidade de ter acesso ao melhor que o País pode oferecer, e a única coisa que pode garantir igualdade de oportunidade, a única coisa é a educação, (incompreensível) escola, é isso que garante a igualdade



de condições. É isso que faz um negro como o Obama chegar à Presidência dos Estados Unidos da América do Norte. É isso que faz Milton Santos, um negro, ser um dos maiores geógrafos que este país produziu. É a oportunidade. Dê oportunidade... e aí outra vez, o Ministério da Educação, com Fernando Haddad, com uma questão do ProUni – que eu acho que é a mais importante revolução que nós fizemos neste país, pela engenharia que foi construída para a gente chegar ao ProUni... Ver a qualidade dos meninos que foram vítimas de preconceito, de que nós estávamos nivelando a educação por baixo, [dizer] que querer colocar pobre na escola era nivelar por baixo. Esses meninos hoje... Já está comprovado que na maioria das universidades os melhores alunos e alunas são os bolsistas do ProUni, por uma única razão: eles já tinham perdido a esperança e não tinham mais perspectiva de futuro, [mas] eles encontraram a palavra-chave – oportunidade – e a pegaram com unhas e dentes.

Este ano, já teve a aprovação da primeira turma de 56 mil jovens. Nós já temos 535 mil (incompreensível), juntar isso com o Reuni... É importante falar aqui o que os reitores sofreram para que a gente pudesse aprovar o Reuni, o que os reitores sofreram, porque alguns que já estavam na universidade achavam que colocar 18 alunos em sala de aula – isso em média, por professor – era demais. Certamente, era um cara de esquerda, que dizia... – de esquerda não, de ultraesquerda, porque o de esquerda tem bom senso – que achava que colocar 18 pessoas era banalizar a sala de aula: “porque [com] 18 alunos, ia ter algum pobre ali, não é possível. A gente está acostumado com seis, sete, oito, colocar 18 é demais, é uma multidão na sala de aula”. Houve reitoria quebrada, houve reitores empurrados, porque uma pequena elite não queria. Graças a Deus vocês tiveram coragem, enfrentaram o debate, e nós aprovamos. Por conta disto, este ano nós saímos da média histórica de 113 mil novos alunos, que era a renovação anual das universidades federais, para 227 mil alunos. Praticamente dobramos o número de alunos. Se o Fernando



Haddad e a sua turma – porque o Paimzinho, cada vez que ele fala comigo, ele diz uma coisa. Quando eu peço ao Fernando, é outra. Como o Fernando é o Ministro, eu prefiro sempre acreditar em quem tem mais poder no Ministério. Mas se a gente conseguir construir tudo o que está planejado para construir, tudo o que está planejado para funcionar em 2010...

O que eu acho mais sagrado? É que nós criamos um outro paradigma na educação brasileira. Quem vier depois vai ter que saber que não pode fazer menos do que nós fizemos. Como eu sou torneiro mecânico, metalúrgico, considerado durante tantas décadas desqualificado para assumir a Presidência, agora quem vier depois vai ter que dizer: “Bom, eu tenho que fazer mais do que ele porque eu tenho que provar que o meu estudo me fez mais capaz do que o Lula”. E Deus queira que seja um “bicho” bem competente mesmo, para fazer mais 300 escolas técnicas, mais 30 universidades, fazer mais um PAC.

Vocês também aprenderam. Vocês agora estão mais preparados do que há seis anos. Antigamente, vocês só protestavam, não é verdade? E nós, o que fizemos com vocês? Eu nunca pedi para vocês não protestarem, mas nós convidamos vocês para virem, junto conosco, construir o que vocês achavam que faltava na educação deste país. E cada coisa que nós conquistamos teve o dedo de vocês, cada coisa. Ninguém pode culpar o Fernando Haddad, ou a Capes, ninguém pode contestar. Cada um de vocês, em algum momento, participou de alguma decisão.

Eu acho que isso é uma coisa maravilhosa porque daqui a alguns anos, se alguém tentar mexer para piorar, vocês já sabem o que é bom, vocês já aprenderam. Vocês estão lembrados do que eu dizia da greve de 1979, da greve de 1978? Alguém me perguntava por que a greve começou na categoria metalúrgica. Eu dizia: porque a “peãozada” já tinha aprendido a comer bife. Quando perdeu o bife, o pessoal virou leão para brigar. Ela nunca acontece nos lugares mais pobres, é sempre no lugar em que as pessoas estão



perdendo. Quem nunca tem nada, não tem nada e não sabe o que é melhorar ou piorar. Está sempre pior. Mas na medida em que as pessoas aprenderam que tem algo que é tangível de ser alcançado – outra vez esse palavrão: “tangível”. Eu vou começar a escrever um dicionário das minhas palavras difíceis. Mas uma coisa sagrada é que, na medida em que as pessoas perceberam que é possível melhorar e que tem espaço para melhorar mais, o que vai acontecer? Ninguém vai ter coragem de piorar. Vocês nunca mais vão ver, neste país, um mapa do Brasil [da América do Sul] com dois “Paraguais”. Nunca mais vocês vão ver, neste país. E se alguém fizer errado, o MEC tem que corrigir, ou [quando alguém] tentar fazer a educação sexual no nível que se tentou fazer, deformando o que é a educação sexual para as crianças, na escola.

Eu acho que este ato de hoje, vocês poderiam guardar o dia de hoje como um dia histórico na vida da educação brasileira. Eu penso que o Anísio Teixeira, acho que o Paulo Freire... Quem mais, aí? Vai falando aí as pessoas importantes, aí... O Darcy Ribeiro. Onde essas... Florestan Fernandes. Eu acho que onde essas pessoas estiverem – eu sou católico e acredito que tem um outro mundo para gente de bem. Se tem outro mundo, só pode ser melhor do que esse, pode ser...

Então, eu acho que as pessoas estão percebendo que valeu a pena elas serem perseguidas em época de autoritarismo, que valeu a pena elas serem exiladas, que valeu a pena tudo o que aconteceu de ruim com elas, porque as sementes que elas plantaram, finalmente, alguns brasileiros, não todos, mas milhões de brasileiros já estão colhendo. E os nossos educadores estão vivenciando um momento de respeitabilidade do poder público para com eles, coisa que há muito tempo, embora eu nunca tenha sido professor, fui muito... não, grevista, mas fui muito ligado às greves dos educadores deste país.

Eu acho que nós aprendemos a construir uma coisa nova. Eu espero que vocês continuem com essa vontade, ajudando, cobrando. Podem cobrar.



Nós fomos agora anunciar a universidade na Bahia, nem inauguramos e o pessoal já estava pedindo laboratório. E é assim mesmo. Não tem nada mais fantástico em uma democracia do que quando o povo perde o medo de cobrar. Nem sempre a cobrança deixa a gente feliz, mas quem pede mais para nós do que os filhos que nós colocamos no mundo? Quem reivindica mais?

Então, eu acho que esse exercício que nós conseguimos criar, essa certa harmonia na área da educação, eu acho que é uma conquista de vocês. Nós, do governo, somos apenas os agentes repassadores. Mas vocês é que são a cara deste novo momento da educação que o Brasil vive.

Parabéns, Fernando Haddad. Parabéns, companheiros educadores brasileiros.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente do Uzbequistão, Islam Karimov

Palácio Itamaraty, 28 de maio de 2009

Excelentíssimo senhor presidente Islam Karimov, presidente da República do Uzbequistão,

Senhor Vladimir Norov, ministro dos Negócios Estrangeiros da República do Uzbequistão,

Demais membros da delegação uzbeque,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os ministros brasileiros aqui presentes,

Senhores senadores, deputados, amigos e amigas,

Bem-vindo a Brasília, presidente Islam Karimov. Sua visita a meu país, a primeira de um chefe de Estado do Uzbequistão, abre nova página em nossas relações. Sinaliza a determinação de dois países em desenvolvimento, de ampliar sua coordenação nos grandes temas da agenda internacional.

Fiel a sua história, o Uzbequistão continua a ser um ponto de encontro de diferentes povos e culturas na Ásia Central. Como o Brasil, é uma nação multiétnica e multicultural.

No momento em que a Ásia retoma seu lugar como centro dinâmico e inovador da economia mundial, o Uzbequistão, como o Brasil, dispõe de amplas riquezas naturais e de uma economia pujante baseada em uma indústria diversificada.

Caro presidente Karimov,

Os acordos que assinamos há pouco, fornecem a base para uma parceria à altura das complementaridades de duas economias em franca



expansão. É o que revelam os dados de nosso comércio. Ele triplicou entre 2003 e 2007.

O Fórum Brasil-Uzbequistão, que teve lugar ontem, em São Paulo, descortinou amplas possibilidades para a expansão e diversificação de nossas trocas e para a promoção dos investimentos. O acordo assinado entre a Fiesp e a Câmara de Comércio e Indústria do Uzbequistão abre importantes oportunidades nos setores têxtil, de couros e calçados. Vamos aprofundar essas parcerias no segundo semestre, quando missão empresarial pioneira, liderada pelo nosso Ministro da Indústria e Comércio, visitará o Uzbequistão.

Também queremos enviar a Tashkent missão de nosso centro de excelência em matéria agropecuária, a Embrapa, de forma a implementar o acordo que assinamos, de cooperação, na área agrícola.

Presidente Karimov,

Em tempos de crise internacional, nossos países já deram mostras de que têm muito a contribuir para a construção de uma nova geografia econômica e comercial mundial, ao mesmo tempo em que avançam na reforma da arquitetura financeira internacional. Compartilho a convicção do presidente Karimov quanto à necessidade urgente de mudanças radicais no sistema bancário e financeiro mundial.

Na reunião do G-20 em Londres, no mês passado, os países em desenvolvimento demonstraram que não mais podem ser excluídos das grandes decisões da agenda global. A atuação desses países foi determinante com vistas a destinar importantes recursos para a recuperação da economia global, combater o protecionismo e canalizar ajuda para os países mais vulneráveis.

As economias emergentes vêm se revelando sólido baluarte frente às turbulências desencadeadas pelos excessos dos fundamentalistas do mercado. Com políticas econômicas prudentes e iniciativas anticíclicas ambiciosas, estamos preservando empregos e protegendo conquistas sociais.



Estou absolutamente convencido de que Uzbequistão e Brasil estarão melhor posicionados para o novo mundo que emergirá dessa crise. Nessa nova realidade, nossos países apostam em instituições internacionais fortalecidas. O Brasil é um incansável defensor da reforma das Nações Unidas, em particular da necessidade de ampliação do número de membros permanentes no Conselho de Segurança. O valioso apoio do Uzbequistão ao nosso pleito representa estímulo para perseverarmos com confiança nessa aspiração.

O recente agravamento de tensões decorrentes de testes nucleares na Península Coreana ressalta a importância de a Ásia Central, assim como a América Latina e Caribe, serem zonas livres de armas nucleares.

Mais do que com palavras, é com gestos concretos que devemos promover a paz, o desenvolvimento e a justiça. Com esse espírito, o Brasil sediará, em 2010, a terceira edição do Fórum Aliança das Civilizações. Contamos, desde já, com a participação dos nossos amigos uzbeques.

Senhoras e senhores,

Estou convencido de que estamos dando, com a visita pioneira do presidente Karimov, passos concretos para reduzir as distâncias entre nossos países, para que nos conheçamos mais e melhor.

O Uzbequistão é o país mais populoso da Ásia Central. É também localizado estrategicamente no coração da Ásia, é berço de uma civilização milenar. Aqueles que querem desbravar novas fronteiras devem mirar-se no exemplo dos homens de negócios, que fizeram de Bukhara e de Samarkand um ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente.

Quero pedir a todos os companheiros que ergam suas taças pela saúde e felicidade pessoal do presidente Karimov, e pela amizade e prosperidade dos povos uzbeque e brasileiro.

Eu vou brindar o Presidente com uma cachacinha brasileira, e ele me brindará com uma vodka do Uzbequistão.

(211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
